

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM TEOLOGIA**

MÁRCIA HELENA RODRIGUES PAROLI

**ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL
CAMINHO PARA A FORMAÇÃO CRISTÃ DO LAICATO**

CURITIBA

2011

MÁRCIA HELENA RODRIGUES PAROLI

**ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL:
CAMINHO PARA A FORMAÇÃO CRISTÃ DO LAICATO**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Teologia, área de concentração em Teologia - Sistemático-Pastoral, do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Teologia.

CURITIBA

2011



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 Centro de Teologia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-Graduação em Teologia

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 019
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Marcia Helena Rodrigues Paroli

Aos dezesseis dias do mês de agosto de dois mil e onze, às oito horas e trinta minutos, reuniu-se na Sala de Dissertação e Defesa – Segundo Andar do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores, Clodovis Boff, Nilo Agostini e Antonio José de Almeida, para examinar a Dissertação da candidata, **Marcia Helena Rodrigues Paroli**, período de ingresso, março de dois mil e dez (2010). Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: “**A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL CAMINHO PARA FORMAÇÃO CRISTÃ DO LAICATO**”. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e após a defesa a candidata foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 00 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

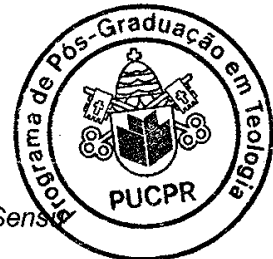
Prof. Dr. Clodovis Boff *Clodovis Boff*
 Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Nilo Agostini *Nilo Agostini*
 Convidado Externo

Prof. Dr. Antonio José de Almeida *Antonio José de Almeida*
 Convidado Interno

CIENTE

Mario Antonio Sanches
 Prof. Dr. Mario Antonio Sanches
 Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
 PPGT - PUCPR



Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

P257o
2011 Paroli, Márcia Helena Rodrigues
Orientação espiritual : caminho para a formação cristã do laicato / Márcia
Helena Rodrigues Paroli. – 2011.
111 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2011
Bibliografia: f. 107-111

1. Vida espiritual. 2. Espiritualidade. 3. Leigos (Religião). 4. Cristãos.
I. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Teologia. II. Título.

CDD 20. ed. – 230

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus superiores, à amiga Mariangela e aos meus padrinhos, Rocco e Lúcia Gallinea, sem os quais não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que compartilharam a aventura da pesquisa científica feita de modo genuflexo, como requer a sã Teologia.

Agradeço ao meu Orientador, o Dr. Fr. Clodovis M. Boff, que conduziu, com sabedoria, afeto e esperança, todo o processo de elaboração desta pesquisa bibliográfica.

O meu agradecimento especial aos meus Superiores, pela confiança depositada e pelo incentivo, sobretudo a Deus, que nos impele a avançar sempre para águas mais profundas.

É notória a perda da prática da “direção espiritual”, que seria muito necessária para a formação dos leigos mais comprometidos, além de ser condição para que amadureçam vocações sacerdotais e religiosas (CELAM. Santo Domingo, 1992, p. 23).

RESUMO

A orientação espiritual constitui-se num instrumento eficaz para a formação dos leigos. Dessa forma, o presente trabalho visa ampliar o conhecimento sobre essa temática, percorrendo os diversos conceitos e o desenvolvimento dela ao longo da história da Igreja. Utiliza-se a denominação “orientação espiritual” ao invés de “direção espiritual” por se tratar de um termo que assegura a liberdade e a autonomia da pessoa que a procura. Como fio condutor deste trabalho, para a sua elaboração, procurou-se, primeiramente, delinear o percurso histórico da orientação espiritual, seus objetivos e suas modalidades ao longo da história e como, por longa data, esteve restrita a um pequeno público. Num segundo momento, utiliza-se, como referência relacionada à orientação espiritual, o texto da Samaritana, extraindo, desse profícuo diálogo, um modelo de orientação espiritual, orientação conduzida pelo próprio Senhor, ele, fonte de água viva! São apresentados os elementos que constituem a relação da prática pastoral da orientação espiritual: o orientando, o orientador, suas possibilidades e seus limites. Por fim, chega-se à meta estabelecida: propor a orientação espiritual como meio eficaz para a formação de leigos conscientes, apaixonados e comprometidos.

Palavras-chave: Orientação espiritual. Cristãos leigos. Formação.

RESUMEN

La orientación espiritual constituye un instrumento eficaz para la formación de laicos. De esta forma el presente trabajo desea ampliar el conocimiento de este tema, recorriendo todos los conceptos y el desenvolvimiento histórico de la misma al entorno de la historia de la Iglesia. Se denomina "orientación espiritual" al envés de "dirección espiritual" por tratarse de un término que asegura la libertad y autonomía de la persona que la busca. Como hilo conductor de este trabajo para su elaboración, buscando primero, delinear el paso histórico de la orientación espiritual, sus objetivos y modalidades al entorno de la historia y cómo la misma por larga fecha estuvo restringida a un pequeño público. En un segundo instante, utiliza como referencia relacionada a la orientación espiritual, el texto de la Samaritana, extrayendo de este provechoso diálogo un modelo de orientación espiritual, conducido por el propio Señor, él, fuente de agua viva! Serán presentados los elementos que constituyen la realización de la práctica pastoral de la orientación espiritual el guía u orientador, sus posibilidades y límites. Al final llegase a la meta establecida: propone la orientación espiritual como medio eficaz para la formación de laicos consientes, enamorados y comprometidos.

Palabra- clave: Orientación espiritual. Laicos. Formación.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CaIC – Catecismo da Igreja Católica

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana

CfL – Chistifideles Laici

CNBB DOC 62 – Missão e ministério dos cristãos leigos e leigos

DV – Constituição Dogmática Dei Verbum – Sobre a Revelação Divina

GS – Gaudium Spes

LG – Lumen Gentium

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O QUE É ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL	18
1.1 Breve histórico da orientação espiritual.....	18
1.2 Modalidades de cuidados pastorais	26
1.2.1 A reconciliação	26
1.2.2 O aconselhamento	27
1.2.3 O atendimento psicológico	29
1.3 A orientação espiritual: definições e implicações.....	30
1.4 Esquemas de orientação espiritual.....	36
1.4.1 O esquema dogmático	36
1.4.2 O esquema existencialista	36
1.4.3 O esquema simbólico	37
2. O ENCONTRO COM A SAMARITANA, MODELO DE ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL.....	40
2.1 A mulher no tempo de Jesus.....	40
2.2 A relação dos judeus com os samaritanos.....	42
2.3 O texto da Samaritana relacionado aos passos da orientação espiritual	47
3. OS PROTAGONISTAS DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES	59
3.1 Espírito Santo : o orientador por excelência.....	59
3.2 O orientando : alguém em busca de si e de Deus	61

3.3 O orientador espiritual: um amigo no caminho do crescimento espiritual	65
3.3.1 O orientador e sua tríplice missão.....	69
4. A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL PARA A MISSÃO DOS CRISTÃOS LEIGOS	76
4.1 Repensando o conceito de espiritualidade	76
4.1.1 Encontrar-se.....	77
4.1.2 Abrir-se à contemplação.....	78
4.1.3 Dispor-se ao amor.....	79
4.1.4 Disciplinar-se.....	80
4.1.5 Perdoar-se.....	80
4.2 O caminho indicado por São Francisco de Sales	82
4.2.1 Transformar o desejo em resolução.....	84
4.2.2 Oração e recepção dos sacramentos.....	85
4.2.3 A prática das virtudes.....	87
4.2.4 Combater as tentações.....	88
4.2.5 Exercícios espirituais importantes.....	88
4.3 Uma proposta para os leigos de nossos dias	89
4.3.1 Conceito de leigo.....	89
4.3.2 Urgência da orientação espiritual	91
4.3.2.1 Rever a formação e o serviço do Clero.....	91
4.3.2.2 Rever os planejamentos pastorais, priorizando a formação dos leigos.....	94
4.3.2.3 Propor com veemência as preciosidades do Catolicismo.....	95
4.3.2.4 Possibilitar aos leigos acesso a orientação espiritual e ao mesmo	

tempo formá-los para esse serviço.....	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	107

INTRODUÇÃO

A orientação espiritual como uma das práticas de cuidado pastoral constitui-se num instrumento eficaz para a formação dos cristãos leigos. O presente trabalho visa aprofundar o conhecimento sobre essa temática, revisitando sua história e conseqüentemente o desenvolvimento conceitual, bem como as possibilidades e limites desta prática.

Por vezes, ao longo dessa trajetória, grupos de pessoas, como eremitas, monges ou pastores criaram meios de “tocar” o sagrado misturando filosofias e práticas variadas. Houve ainda outros que, no afã de não perder as seguranças e as certezas, voltaram-se para o passado, radicalizando formas de vida e culturas obsoletas, produzindo uma espiritualidade conservadora e desencarnada. Por vezes, numa tentativa de aprofundar a relação com o transcendente, esses líderes religiosos falaram muito e pouco se colocaram à escuta.

Pensou-se que o novo milênio seria totalmente ateu, já que o progresso da ciência e da tecnologia teria respondido a todas as questões pertinentes ao ser humano, no entanto o que se viu com a virada do milênio foi um florescer de tantas espiritualidades.

Para Brighenti (2006), pode-se dizer que houve um retorno ao religioso, o que não quer dizer aumento da busca pelo sagrado. Que religioso é esse? Pode-se questionar: Uma religião que não depende de estruturas, às avessas do institucionalismo? Novas formas, novos ritos e novos “gurus”? Certamente esse novo que emerge é uma mistura de tantos ritos passados, fragmentos de uma e outra religião que são selecionados para dar ao fiel ou ao “cliente” maior satisfação. Como a tendência atual é fugir de tudo que lembra a instituição, quanto maior for a liberdade oferecida, mais adeptos se terá.

Contemporaneamente ressurgiu, com muita força, a doutrina da prosperidade, tão presente no Antigo Testamento, nos textos anteriores ao Exílio – doutrina essa que muitas vezes hoje coloca nas mãos do homem o poder de comprar as bênçãos de Deus. Cresce então o “mercado” da benção e da graça, onde o fiel receberá o quanto der.

Percebe-se, no entanto, que tal conceito de Deus “despenseiro” é por demais reducionista. Tal ideia encontra atualmente espaço aberto, já que, no mundo de

tempo acelerado, o ser humano se encontra só, necessitado de apoio material e espiritual. Carece de saúde, de alimento, de aconchego... A sociedade dita pós-moderna exige muito e o bem-estar prometido com o acúmulo do capital não chegou à maioria da população. Diante do desespero, retorna-se ao sagrado como última possibilidade. Vê-se, então, o florescer de literaturas, de canções e de filmes que tentam, de certa forma, responder a essas necessidades imediatas e até a curiosidades escatológicas; vê-se o sucesso de bilheteria do filme sobre Chico Xavier a outras insistências nessas temáticas, sempre bem aceitas nas novelas “globais”. Essas novas espiritualidades evocam, por um lado, as crenças espíritas e esotéricas, bem como as filosofias orientais, e, de outro, o neopentecostalismo, não só em âmbito evangélico, mas também nas fileiras católicas. Não se pode esquecer no entanto que surgiram também interesses reais por uma autêntica espiritualidade.

Em contrapartida, da parte da Igreja Católica encontram-se pastores cansados e superatarefados com burocracias, com a busca da competência pessoal e com cada vez menos tempo para o cultivo do sagrado e da espiritualidade.

O povo acorre numeroso, lá onde sabe que há alguém que tenha tempo e disponibilidade para escutar. Não se pode esquecer que a Igreja Católica tem um patrimônio espiritual maravilhoso e que, por vezes, por desconhecimento ou por teologias fracas, acaba por não ser valorizado e é, até mesmo, desprezado. Urge visitar os grandes feitos dos mestres da espiritualidade, olhar com admiração ao mistério contido nos sacramentos, ressignificar as práticas desses mestres, resgatando a mistagogia e o sabor do divino presente nos ritos e nas crenças.

Em 1992, os bispos reunidos em Santo Domingo apontaram para a necessidade da orientação espiritual e reconheciam, na época, que a mesma estava em desuso. Diante do contexto mencionado, é premente a necessidade de recuperação da prática da orientação espiritual, pelos seguintes motivos:

- a) pelo pluralismo de ofertas de espiritualidade, que tem desorientado as pessoas que não têm critérios claros de julgamento e elas, por vezes, tiveram uma insuficiente catequese de base, ou permaneceram nos rudimentos recebidos na infância;
- b) pelo perigo do sincretismo, que acaba por misturar espiritualidades que são contraditórias entre si e tais contradições, a longo andar, levam à descrença e ao abandono total da vida espiritual;

- c) pelo charlatanismo, tão presente e visível neste tempo, onde impera a doutrina da prosperidade e onde as pessoas são usadas para o enriquecimento dos falsos pastores;
- d) pelo subjetivismo, pelo qual cada um se serve com o que mais lhe satisfaz.

O desconhecimento e a falta de pessoas preparadas levam os leigos a desconhecem a orientação espiritual como um meio para um crescimento espiritual efetivo.

Também para os cristãos comprometidos a orientação espiritual poderia ser de grande auxílio em especial nos momentos de desânimo e de escolhas, ou poderia servir de estímulo para o crescimento espiritual, sobretudo para ensinar a dialogar com o Senhor, cultivando uma relação íntima com ele.

Parece que o Senhor, como outrora chorou ao ver Jerusalém, ainda hoje chora ao ver seus amados como ovelhas sem pastor, sedentos, porém sem ninguém que indique a fonte segura de verdadeira felicidade. Infelizmente, quando os bons pastores se ausentam ou descreem, o espaço é ocupado por mercenários.

Parece que, por longa data, a orientação espiritual esteve restrita a um público seletivo: aos monges e a uns poucos consagrados, como se os fiéis leigos não pudessem galgar outros níveis de espiritualidade.

A orientação espiritual esteve restrita apenas à formação dos sacerdotes e de uns poucos religiosos, daí o desconhecimento por parte dos fiéis dessa modalidade de cuidado pastoral. De outra parte, a não oferta dessa modalidade se dá pela falta de preparação dos líderes religiosos e da pouca importância que se dá à escuta personalizada e detida.

Mesmo com um relativo desinteresse, no Brasil, nas últimas décadas, cresceram as iniciativas em prol da formação dos leigos. Muitos fizeram e fazem cursos bíblicos, escolas catequéticas e até graduação em Teologia. Essa busca de conhecimento proporciona aos leigos a chance de entrarem em contato com as riquezas da fé, surgindo também, como necessidade, a orientação espiritual.

Muitos leigos sentem a necessidade de dar alguns passos a mais na relação com Deus. Eles não se contentam com uma relação que se restrinja às práticas devocionais. Nestes tempos, talvez, a orientação espiritual seja uma das necessidades fundamentais, já que, diante das inúmeras propostas que a sociedade

tem apresentado, o cristão necessita fazer permanentemente escolhas comprometedoras.

Por vezes, percebe-se um desinteresse da parte dos pastores pelo crescimento espiritual dos fiéis, pastores cuja ação fica pautada, na maioria das vezes, em repetir celebrações e sacramentos que pouco proporcionam vínculos reais do fiel com o seu Deus e com a comunidade. Diante dessa realidade, pretende-se apontar a orientação espiritual como um serviço eclesial válido para o crescimento espiritual dos leigos.

É sabido que tal crescimento só se dá com o conhecimento da pessoa de Jesus Cristo, que, encarnando-se, pôs fim à oposição do religioso e do profano. Jesus, com sua vida e missão, ensinou uma espiritualidade libertadora fundada numa relação amorosa com o Pai. Dessa relação surge o comprometimento com todos aqueles que são criaturas amadas de Deus.

Procurar-se-á compreender os diversos enfoques dados à orientação espiritual, as dificuldades encontradas na sua definição, a pessoa do orientador como mediador da relação do dirigido com Deus, seu papel e limitações encontradas nesse serviço pastoral.

Tentar-se-á ainda bem compreender, o papel do orientando como agente livre, disposto a crescer e a aprofundar a fé, percorrendo um caminho de luta e de conversão à luz das moções do Espírito Santo, que é o real orientador dessa relação. Desse modo, é possível aos leigos realizarem um crescimento efetivo na fé, passando a viver uma vida em que possam tornar-se sempre mais promotores de paz e de justiça. Esse processo concretiza o que já o Concílio Vaticano II afirmou ao falar da missão dos leigos no mundo, ou seja, tornar-se realmente “fermento na massa”. Verificar-se-á, portanto, na pesquisa, a possibilidade de que a orientação espiritual libertadora possa proporcionar a efetivação do Reino, onde leigos conscientes, cientes e coerentes no mundo possam fazer a diferença.

Como fio condutor deste trabalho, para a sua elaboração, procurou-se, primeiramente, delinear o percurso histórico da orientação espiritual, seus objetivos, suas modalidades ao longo da história e como a orientação, por longa data, esteve restrita a um pequeno público. No que tange ao breve histórico da orientação espiritual, nós nos deteremos no “Dicionário de Teologia e no “Manual sobre a Orientação Espiritual” de Barry e pesquisa em meios eletrônicos, já que, em nosso país, a bibliografia nessa área é muito limitada.

Em um segundo momento, com o texto da samaritana, mergulhar-se-á no cenário dessa perícopa, aurindo desse profícuo diálogo, um modelo de orientação espiritual conduzida pelo próprio Senhor, ele, fonte de água viva!

No seguinte passo enfatizam-se os elementos que constituem a relação da prática pastoral da orientação espiritual: o Espírito Santo, o orientando e o orientador – suas possibilidades e seus limites. Ao delinear as figuras e os papéis do orientador e do orientando, fundamentalmente se fará uso das lições de Barry, Neuwen, Martine e Miranda, que traçam o perfil e as principais dificuldades nessa prática de cuidado pastoral.

Para entender a orientação espiritual como serviço eclesial se fará uso dos autores: Moro, Barry, Rodrigues e Salvador, que, nas suas obras, situam a Orientação Espiritual como um auxílio válido e importante para os cristãos no seu processo de santificação.

Por fim, chega-se à meta estabelecida: propor a orientação espiritual como meio eficaz para a formação de leigos conscientes, apaixonados e comprometidos. Optou-se pela palavra leigo e não a linguagem inclusiva de leigo(a), simplesmente para não tornar pesada a leitura, deixando claro, no entanto, que, desde o princípio, se entende que a orientação espiritual pode e seria louvável que fosse realizada também pelas mulheres. Valer-se-á, para essa maravilhosa empreita, além da encíclica do Papa João Paulo II *Christifideles Laici*, de uma pérola da espiritualidade cristã, o livro *Filoteia*, escrito por São Francisco de Sales, livro esse que foi e é companheiro de viagem de muitos cristãos e até mesmo de santos. Nele, o santo escreve um roteiro preciso para o desenvolvimento da orientação espiritual.

A fim de se alcançar tais objetivos, far-se-á uso da metodologia da pesquisa bibliográfica, analisando e refletindo o que já foi escrito sobre o assunto com um olhar nos textos e outro no contexto em que se vive.

Nessa peregrinação se faz presente a força e a luz do Orientador por excelência, o Espírito Santo, para que se possa entender, discernir e optar, segundo os seus desígnios.

1 O QUE É ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

Pretende-se, neste capítulo, individualizar as raízes históricas da orientação espiritual, procurando entender os desdobramentos do conceito, seus objetivos, condução e abrangência. Procurar-se ainda distinguir a orientação espiritual das demais práticas de cuidado pastoral, bem como definir o que se entende hoje por orientação espiritual a fim de percebermos a evolução e as possibilidades que o momento atual propicia.

1.1 Breve histórico da orientação espiritual

Ao longo da história das diversas culturas houve uma procura por guias espirituais, mestres no espírito que pudessem prestar o serviço da orientação espiritual. O serviço de aconselhamento foi sempre solicitado também pelas comunidades primitivas, pois no xamanismo vê-se a figura do feiticeiro, dos magos ou dos pajés. Todos tinham grande influência sobre o grupo e exerciam a função da cura, do conselho e do discernimento das vontades dos deuses.

Indistintamente, homens ou mulheres, recebiam uma espécie de chamado, um evento pessoal ou uma eleição realizada pelo antecessor, em geral, da mesma família que o iniciava nas práticas do conhecimento da natureza humana, do uso correto das ervas medicinais e sua aplicabilidade, bem como nas práticas rituais de oferenda, pedido e ação de graças para contentar os deuses.

No *Antigo Testamento* vemos a figura dos diversos líderes que conduziram o povo e que faziam a mediação da vontade de Deus para o povo escolhido. Abrão intercede pela não destruição de Sodoma e Gomorra, Moisés intercede pela libertação e exerce diante do povo a função de conselheiro, recebendo inclusive o Código para a vida segundo a vontade de Deus, os Dez Mandamentos. No tempo da ocupação da terra vê-se a figura dos Juízes e a profetisa Débora tinha inclusive uma espécie de escritório de atendimento:

Nesse tempo, Débora, uma profetisa de Lapidot, julgava Israel. Ela tinha sua sede à sombra da palmeira de Débora, entre Rama e Betel, na montanha de Efraim, e os filhos de Israel vinham a ela para obter justiça [...] “lahweh, Deus de Israel, não te ordenou [...]”? (Jz 4, 4-6).

Na época do Reinado veem-se, constantemente, povo e reis buscando o conselho e a orientação dos profetas, por vezes ouvindo-os e resgatando a paz no reino, e outras, agindo ao contrário da vontade de Deus e incorrendo em morte, destruição e tantas calamidades.

No *Novo Testamento* observa-se que Jesus se ocupa dessa prática com os apóstolos. Diz ele aos discípulos, reconhecendo-se instrumento do Pai:

Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quer cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo procura a própria glória. Mas aquele que busca a glória de quem lhe enviou é verdadeiro e nele não há injustiça (Jo 7,16-18).

E ainda, como alguém que caminha junto com os apóstolos, se interessa, observa e esclarece:

Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles; seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. E lhes disse que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando? (Lc 24, 15 -17a).

O apóstolo Paulo utiliza-se da orientação espiritual como função educadora:

Pelo contrário apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que acaricia seus filhinhos [...] Bem sabeis que exortamos a cada um de vós como um pai a seus filhos; Nós vos exortávamos, vos encorajávamos e vos conjurávamos a viver de maneira digna de Deus que vos chama ao seu Reino e a sua glória (I Tes 2, 7b.11-12).

Paulo assume o papel de orientador espiritual das comunidades fundadas por ele, com uma atitude de paternidade e maternidade, essa última incomum para a época e o contexto. Dizer que um pastor assumia atitude materna em nossos dias pode ser mais compreensível, porém, na época, simbolizava um trasbordamento de cuidado e de estima, fineza do Espírito presente em Paulo.

Ressalta-se a atitude de bondade que o leva a querer o bem dos fiéis, que se concretiza com uma transformação da própria vida, em vista de um bem maior: do Reino que se começa a construir aqui e que se efetiva na glória no Reino definitivo.

No *período patrístico*, os Padres da Igreja ocupavam-se da orientação espiritual, instruindo os fiéis, sobretudo contra as heresias que os deixavam por

vezes confusos e inúmeras vezes fizeram uso da escrita para orientarem as pessoas:

As cartas de direção intensificavam, a seu modo, este trabalho espiritual, principalmente em relação a leigos influentes, homens e mulheres, quer se trate de Basílio, de João Crisóstomo, de Agostinho ou de Paulino de Nola (BERNARDINO, 2002, p. 512).

A orientação espiritual nos moldes contemporâneos nasce apenas no século III d.C. com o *monaquismo do Oriente*. Entre os eremitas e anacoretas encontram-se grandes mestres. Os seus escritos denotam interlocutores que os questionavam e aos quais procuravam dar resposta. A autoridade desses mestres vinha da sua seriedade na vivência radical do Evangelho. Um exemplo disso foi Santo Antão, pai de vida monástica. Ele afirma em seus escritos:

Para guardar inteiramente toda a doutrina dos mandamentos podem bastar as Sagradas Escrituras. Mas também seria muito bom que os monges se consolassem uns aos outros com colóquios ou conferências espirituais recíprocos (RODRIGUES, dir. 1994, p. 321).

A visão do orientador, nesse tempo, caracteriza-se como um homem de Deus, que já percorreu algumas estradas de ascese e que continua em processo de busca, de conversão, de escuta e de resposta constantes ao amor de Deus. Ao orientando cabia a obediência e a submissão, que nasciam da confiança no carisma do orientador. Interiormente o caminho era educar a vontade pessoal, renunciando-a para cumprir a vontade de Deus.

No Egito, no século IV d.C., se expandiu o monaquismo. Seguindo os passos de Santo Antão, muitos cristãos abdicavam dos seus bens e da própria família para se retirarem em busca de uma vida solitária, que lhes propiciasse uma ascese espiritual e, conseqüentemente, a salvação.

Muitos, porém, desanimavam ou se desviavam do caminho correto, cometendo faltas graves, movidos por falsas inspirações. Nesse contexto, vê-se a necessidade de um guia, alguém que fosse experiente nas coisas de Deus. Surge então a figura do abade, o pai, que deveria cuidar, de maneira acurada, do filho espiritual.

Os abades eram vistos como legítimos representantes de Deus e, por longa data, eram leigos. Só mais tarde, por praticidade, vão se ordenar alguns sacerdotes. Além de ter atitudes de um pai, o abade precisava ter um bom discernimento dos

espíritos, para perceber se o “filho” estava sendo movido por Deus ou pelo inimigo. Nessa paternidade, formava espiritualmente discípulos. Acorriam a ele inclusive pessoas de fora do mosteiro.¹

Tal prática fez dos mosteiros um centro de peregrinação e de busca e cultivo da espiritualidade. Do orientando se exigia: confiança, docilidade, abertura de coração e clareza ao manifestar todos os seus sentimentos ao orientador. De outra parte, o orientador seria um formador que necessitaria, além da graça de Deus, de uma noção do ser humano como um todo, mesmo que a psicologia como ciência ainda não existisse, e uma sã pedagogia, para atender a cada um na sua especificidade e necessidade. Os monges do Ocidente seguiram os caminhos traçados pelos do Oriente.

Também *entre os mendicantes*, já no início da Idade Média, encontra-se a figura do pai, mestre, guia espiritual. São Francisco de Assis, na Regra não Bulada, afirma:

Todos os irmãos que forem instituídos como ministros e servos dos demais irmãos distribuam os irmãos pelas províncias e lugares onde se encontram. Visitem-nos assiduamente para exortá-los e confortá-los espiritualmente. E todos os outros meus abençoados irmãos obedeçam conscienciosamente em tudo o que diz respeito ao bem de sua alma e não for contrário ao nosso gênero de vida (SÃO FRANCISCO, 1991, p. 143).

O orientador é um irmão constituído como autoridade. O orientando é alguém livre que deve discernir o que é concorde à regra e ao estilo de vida. Santa Clara de Assis, mesmo estando na clausura, exerceu a função de diretora de outras coirmãs, inclusive, por meio de cartas. Nota-se isso nas quatro cartas que escreve a Inês de Praga. Os conteúdos das mesmas cartas versam sobre uma elevada vida no Espírito, de teor místico, impregnada de um cuidado materno e de uma concretude de ação apostólica sempre em defesa da santíssima pobreza, fundamento da vida de Clara e de suas irmãs. Diz ela em sua quarta carta:

À outra metade da minha alma, singular sacrário do meu cordial amor, à ilustre rainha, esposa do Cordeiro, Rei eterno, dona Inês, minha caríssima mãe e filha, especial entre todas as outras, mas agora, podendo escrever à minha querida, alegro-me e exulto com

¹ Dostoiévski, na obra *Os Irmãos Karamazov* (Ed.:Abril Cultural, 1971) detém-se, demoradamente, em um personagem, o starietz Zózima, que é guia espiritual do jovem monge Aliocha e, no decorrer da história, percebe-se o quanto esse orientador era ouvido e buscado pelo povo que carecia de cuidados, tanto na área psíquica como na área espiritual, prática comum daquele tempo.

você, ó esposa de Cristo, na alegria do espírito. Pois, como Inês, a outra virgem santa, você desposou de modo maravilhoso o Cordeiro imaculado que tira o pecado do mundo, deixando todas as vaidades desta terra. Feliz, de certo, é você, que pode participar desse banquete sagrado para unir-se com todas as fibras do coração àquele cuja beleza todos os batalhões bem-aventurados dos céus admiram sem cessar, cuja afeição apaixona, cuja contemplação restaura, cuja bondade nos sacia, cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente, cujo perfume dará vida aos mortos, cuja visão gloriosa tornará felizes todos os cidadãos da celeste Jerusalém, pois é o esplendor da glória eterna, o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha (SANTA CLARA, 1993, p. 210 - 213).

Na mesma época, São Vicente Ferrer alertava sobre a dificuldade de encontrar pessoas para esse serviço que tenham clareza e que não se desviem da reta intenção da orientação.

No período da *Contrarreforma*, Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, no final de 1600, formava orientadores e incluía a orientação espiritual na formação dos seus seguidores. Dizia ele nas Constituições dos Colégios:

Atendam a consolar os tentados e prevenir com remédios oportunos e também com avisos a respeito de qualquer defeito espiritual ao reitor, e instruir e dar meios para aproveitar-se espiritualmente e crescer nas virtudes (RODRIGUES, 1994, p. 322).

Inácio escreve os “Exercícios Espirituais” como caminho para uma orientação espiritual. Neles oferece ao orientador espiritual dois rumos claros a serem seguidos: a vivência da regra e o cultivo das virtudes. O orientando é alguém que precisa de cuidado e ser corrigido.

Ainda nesse tempo surgem os grandes mestres de espiritualidade: Santa Tereza de Ávila e São João da Cruz. Tereza quis voar mais alto. Sentiu as moções do Espírito, mas, quando procurava confirmação nos orientadores, da voz da Igreja, naquele momento, ela se decepciona. Exigia mais deles, que fossem pessoas de espiritualidade profunda, amor à Igreja, mas também, intelectuais. São João da Cruz definia o orientador como mediador da graça que vem de Deus, que exerce um trabalho de muita responsabilidade.

Na *Idade Moderna*, São Francisco de Sales, no século XVII, falando aos seculares, delineia a técnica de orientação espiritual. Para ele, os principais atributos de um orientador devem ser a caridade, a fidelidade, a doutrina e a prudência.

Embora o dirigido deva confiar no orientador, não deve perder de vista a centralidade de Deus².

O magistério de Igreja apoiou e incentivou a prática de orientação espiritual, no entanto a formação específica, no âmbito católico, para esse serviço é muito recente e, diante das demais disciplinas da grade curricular, a Teologia Espiritual, na maioria das vezes, não é vista como disciplina fundante.

Algo parecido com orientação espiritual ressurgiu nos Estados Unidos sob uma nova denominação: aconselhamento pastoral, porém com uma marca forte do uso da psicologia e exigência de formação específica nessa área. Tal necessidade surgiu quando os pastores evangélicos norte-americanos começaram a ver cada vez mais pessoas procurando os especialistas e deixando de procurar o aconselhamento nas Igrejas. Decidiram então se munir dos conhecimentos da psicologia e pôr-se mais uma vez à disposição dos que procuravam atendimento, sem deixar de lado a visão de fé. Os pastores R. C. Cabot e R. Dickis, em 1936, escrevem a obra básica do aconselhamento americano *The Art of Ministering the Sicks*. Nessa obra uniram os princípios da psicologia com a forma terapêutica da Palavra de Deus.

Esses pioneiros do aconselhamento moderno tiveram inúmeros discípulos que, após a década de 1950, produziram um vasto material na linha do aconselhamento pastoral.

Reverendo em chave crítica o desenvolvimento do aconselhamento pastoral daqueles anos, nota-se, de um ponto de vista prático, uma ampliação de perspectiva: essa escapa de um âmbito estritamente clínico e vai cada vez mais interessando-se pelo interno do ministério dos pastores; de um ponto de vista teórico, a tentativa de alguns conselheiros pastorais de compreender a própria prática, de uma parte diferenciando-a daquela psicoterapêutica, de outra situando-a teologicamente (AGLI, 2004, p. 19, tradução nossa).

Em 1963, o movimento de aconselhadores consegue articular-se no primeiro congresso dos conselheiros pastorais americanos em New York e, logo após, formou-se a Associação dos Aconselhadores Pastorais.

2 A esse escrito retornar-se-á no capítulo III.

Na Europa, o movimento se dá a partir dos professores de Lovaina: R. Hostie e A. Godin. Daí difundiu-se na Holanda, depois na Alemanha, Inglaterra e Suíça, sobretudo no meio evangélico, realidade presente até os dias atuais.

Segundo Salvador (1971, p. 533), até a década de 1970, a prática da orientação espiritual no âmbito católico esteve restrita às vocações específicas, sacerdotes e religiosos. A procura pela orientação espiritual era, sobretudo, dos vocacionados à vida monacal, religiosa e sacerdotal. Os diretores eram sacerdotes.

Nas biografias dos santos ao longo da história da Igreja, vemos a atuação do orientador espiritual e a sua grande influência no caminho ascético que eles cumpriram. Os orientadores auxiliaram os orientandos na descoberta do projeto de Deus sobre eles, cumprindo assim grandes projetos em favor da humanidade a partir de uma orientação em momentos de pouca clareza espiritual.

Destaca-se que a orientação espiritual não é mais propriedade de um grupo restrito, nem é privilégio dos cristãos católicos. Em 1992, os bispos reunidos em Santo Domingo constataram que essa prática de cuidado pastoral estava caindo em desuso e ousam propô-la aos leigos:

É notória a perda da prática da “direção espiritual”, que seria muito necessária para a formação dos leigos mais comprometidos, além de ser condição para que amadureçam vocações sacerdotais e religiosas (CELAM, Santo Domingo, 1992, nº 42).

Os bispos afirmam ser a orientação necessária para formação e amadurecimento. Certamente lhes preocupava o distanciamento entre fé e vida dos cristãos e a necessidade de criar, nos leigos, convicções que só nascem de uma espiritualidade profunda.

De fato, após 1992 e nos primeiros anos do novo milênio, surgiram algumas escolas, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, formando as pessoas interessadas em exercer esse serviço na comunidade, inclusive leigos.

Salvador (1971, p. 526) afirma que essa tendência vem do “americanismo de fins do século passado”, que, segundo ele, tentou desvincular a ação do Espírito Santo da colaboração humana. Os Padres Conciliares na Constituição Pastoral *Lumen Gentium* assim se expressaram:

Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse

santamente. Escolheu, por isso, a nação israelita para Seu povo. Com ele estabeleceu uma aliança; a ele instruiu gradualmente, manifestando-Se a Si mesmo e ao desígnio da própria vontade na sua história, e santificando-o para Si (LG, n^o 9).

Ainda Salvador (1971) afirma que o auxílio fraterno exerce a função de iluminação, de impulso e de correção e propicia o discernimento, funções essas nem sempre aceitas na condição contemporânea devido à supremacia do subjetivismo, que, por vezes, despersonaliza o ser humano.

1.2 Modalidades de cuidados pastorais

Passar-se-á a distinguir as principais modalidades de cuidados pastorais: a reconciliação, o aconselhamento e o atendimento psicológico, a fim de diferenciar esses cuidados da prática da orientação espiritual. Miranda (2009) observa:

A direção espiritual é uma “relação humana de ajuda”, mas não é a única. Então se faz necessário saber distingui-la de outros “relacionamentos humanos de ajuda”. [...] são os chamados “*counseling* psicológicos” ou aconselhamentos e as terapias psicológicas (psicoterapias) (MIRANDA, 2009, p. 53 - 54).

O diretor espiritual precisa distinguir e diferenciar esses modos de cuidados pastorais para poder efetivamente auxiliar no crescimento humano de modo integral, não tomando sobre si algo que supera o que é de sua alçada. O diretor é um instrumento de Deus e da Igreja para o orientando, portanto precisará considerar a pessoa como um todo complexo. Nessa relação, precisará ter claro que há elementos que aparecerão ao longo do caminho e que escaparão à sua competência específica. Mesmo que o diretor tenha uma formação na área da Psicologia, precisará distinguir a orientação da terapia, por se tratarem de enfoques e de objetivos diferentes. Um bom orientador espiritual conseguirá ter a humildade de encaminhar a um terapeuta ou a um confessor os casos que superarem os limites da orientação espiritual.

1.2.1 A reconciliação

A reconciliação tem um caráter sacramental, podendo ser chamada, segundo o Catecismo da Igreja Católica, de Sacramento de Conversão, Penitência, Confissão ou ainda do Perdão.

A relação aqui estabelecida se dá pela mediação que o ministro ordenado, portanto, um sacerdote autorizado, faz entre o penitente e Deus, sem opinar. O objeto é de cunho moral e a atitude por parte do penitente é a de arrependimento. Assim ensina o Catecismo:

[...] estrutura fundamental que consta de dois elementos igualmente essenciais: de um lado, os atos do homem que se converte sob a ação do Espírito Santo, a saber, a contrição, a confissão e a satisfação; de outro lado, a ação de Deus por intermédio de Igreja. (CAiC, nº 1449).

Esse sacramento de cura tem o poder de reinserir a pessoa na comunhão eclesial. Tem o poder, segundo o Catecismo, de “[...] reconstituir-nos na graça de Deus e de nos unir a Ele com a máxima amizade” (MIRANDA, 2009, p. 350). O sacerdote assume o papel do bom pastor que vai ao encontro de ovelha perdida:

Deve possuir um comprovado conhecimento do comportamento cristão, experiência das coisas humanas, respeito e delicadeza diante daquele que caiu; deve amar a verdade, ser fiel ao magistério da Igreja e conduzir com paciência o penitente à cura e à plena maturidade. Deve orar e fazer penitência por ele, confiando-o à misericórdia do Senhor (Idem, p. 349).

O confessor não necessariamente é o mesmo sempre, o que indica a pontualidade desse sacramento e a não necessidade de um conhecimento pessoal profundo do penitente, por parte do sacerdote, como o requer a orientação espiritual.

Na IV Conferência Latino-Americana, os bispos colocaram a direção espiritual como prolongamento da confissão. Eles mesmos afirmam:

É preciso anunciar Jesus de modo a que o encontro com Ele leve ao reconhecimento do pecado na própria vida e à conversão, em uma experiência profunda da graça do Espírito recebida no batismo e na confirmação. Isto supõe uma revalorização do sacramento da penitência, cuja pastoral deveria prolongar-se na direção espiritual de quem mostra maturidade suficiente para aproveitá-la (SANTO DOMINGO, 1992, nº 46).

Assim, portanto, o sacramento da penitência difere da orientação espiritual seja pela finalidade, seja pela frequência, seja pela intimidade que se cria com o orientador, que não é a mesma com o confessor e, sobretudo, pela imediatez do sacramento que exige uma troca de conduta para que o sacramento seja válido.

Na orientação espiritual os tempos são mais longos, há um processo e, como tal, o mesmo não pode ser determinado previamente.

1.2.2 O aconselhamento

A palavra *aconselhamento* é oriunda do latim “consiliare” e remete a “consiliun” (deliberação, aconselhar). Entendendo esse significado, pode-se delimitar o serviço de aconselhamento como um auxílio na escolha do que é mais viável, prudente e justo – eis a função de um conselho.

A prática individualizada de aconselhamento se dá entre um conselheiro e um aconselhado e não tem caráter duradouro. Pode ser pontual, limitada a uma determinada situação específica, uma determinada situação-problema, portanto o aconselhamento pode versar sobre inúmeros temas. Rollo May afirma:

A função do conselheiro dispõe-se no modo do acolhimento que permite explorar, com o cliente, não apenas a chamada queixa, mas também a forma adequada de lidar com ela (por dirigir-se à demanda). Da decisão sobre este segundo aspecto, o cliente não está excluído (ROLLO, 1987, p. 204).

Conforme o caso, o conselheiro precisará encaminhar o aconselhado para um terapeuta ou outro profissional que possa auxiliar de modo mais incisivo e eficaz.

Em algumas comunidades paroquiais, o sacerdote dispõe de algum tempo na semana para atender as pessoas que desejam falar, aconselhar-se, contudo isso não é direção espiritual. Os temas tratados são os mais variados: família, emprego, relações difíceis, situações ocorridas, temores, etc. Tal prática, porém, ainda não é bastante valorizada. Há um texto elucidativo do teólogo Comblin (1999), texto em ele argumenta sobre a necessidade de restaurar certos carismas para responder às necessidades da pastoral urbana:

Outro carisma fundamental é o do conselheiro. Muito importante para o Brasil, porque a tradição do xamanismo é a mais velha e a mais

enraizada. Procede dos índios e seus pajés. Desde sempre, o ofício do pajé foi reassumido dentro da Igreja por pessoas que tinham um dom especial. Os africanos também tinham tradições semelhantes. Os pais-de-santo e mãe-de-santo são conselheiros, pessoas que orientam nos problemas da vida. Na atualidade este ministério quase desapareceu na Igreja Católica. Por isso, os Católicos consultam pais e mães-de-santo, pajés, médiuns, gurus orientais ou pastores protestantes. Só na Igreja Católica não encontram conselheiros, o que constitui uma enorme inferioridade. No entanto, muitas pessoas poderiam desempenhar este ministério. Não foram reconhecidos, chamados, investidos. São uma parte dessas forças inumeráveis que permanecem inutilizadas por causa do sistema superantiquado que a hierarquia, numa teimosia imperdoável, faz questão de manter, sem nenhuma justificativa nem teológica, nem natural (COMBLIN, 1999, p. 62).

Primeiramente, esse enraizamento histórico parece fundamental para o entendimento da necessidade que o povo brasileiro tem de quem o escute e o aconselhe. Não o encontrando na religião católica à qual pertence, acaba realmente indo procurar em outras instâncias, correndo o risco de ser ludibriado. Em seguida, o autor supracitado toca em um ponto nevrálgico, ou seja, a estrutura eclesial, que, muitas vezes, continua a ser centralizadora e arcaica, dando respostas antigas e insuficientes a novas situações que o mundo urbano propõe.

Os bispos do Brasil, no documento "sobre a missão e o ministério dos leigos", afirmaram que a prática do aconselhamento faz parte dos métodos necessários para o que possa ocorrer à nova evangelização. Logo após a missão da visitação acrescentam:

Esse ministério é completado pela prática do aconselhamento. Pessoas com habilidade e preparo procuram escutar, compreender, apoiar, orientar e consolar as pessoas que se encontram em dúvida ou em dificuldades afetivas, espirituais e materiais. Algumas dessas práticas foram realizadas pioneiramente por movimentos que hoje apontam para todo este caminho, por certo essencial para tornar a nossa igreja acolhedora e misericordiosa (CNBB, Doc. 62, nº 108).

A orientação espiritual poderá também tratar desses assuntos, porém não se reduz a eles e o orientador não deve aconselhar, pois caberá ao orientando discernir livremente que decisão tomar à luz do Espírito Santo.

Miranda (2009) distingue o aconselhamento religioso do acompanhamento psicológico. No primeiro, ele afirma que a relação se inclina ao transcendente, ou seja, uma relação que vai além do aconselhado e do aconselhador. Por sua vez, o

acompanhamento psicológico, que não é terapia, buscará o equilíbrio emocional para que a pessoa se sinta mais segura e possa relacionar-se melhor com a vida e com as pessoas que a cercam. Tal prática se dá de modo dialogal, onde o aconselhado chegará às suas próprias conclusões por meio de diálogos não diretivos.

1.2.3 O atendimento psicológico

O atendimento psicológico³, também chamado de psicoterapia integral ou individual, tem como ponto de partida o autoconhecimento; esse tem por objetivo a superação de determinadas visões de mundo condicionadas por mensagens guardadas no inconsciente e caminhar para que a pessoa possa superar as visões distorcidas que tem da realidade.

O psicólogo estimulará o cliente por meio de questionamentos, de reflexões e de técnicas específicas que possibilitem o autoconhecimento: o objetivo é atingir a totalidade da pessoa.

A terapia busca atingir a totalidade do ser através de estímulos para práticas físicas, ressignificação das emoções dolorosas, reestruturação das crenças e idéias e da ligação intuitiva com a própria espiritualidade (ROLLO, 1987, p. 204).

Percebe-se que a orientação espiritual é diferente do aconselhamento, do acompanhamento psicológico e da prática confessional, da pregação ou ministério de cura, ainda que haja afinidades entre essas diferentes áreas. O atendimento psicológico se restringe à pessoa enquanto tal, ao seu ser, ser em relação com o mundo que a cerca. Não tem a pretensão de aprofundar a relação com o transcendente, podendo até falar dele para buscar conceitos que o bloqueiam ou estimulam, mas não aprofundar a relação com Deus, que é a tarefa da direção espiritual.

O conceito que se tem de terapia no ideário popular oscila entre dois polos. Primeiramente, há quem acredita que psicólogo é médico de louco, portanto cabe resistir ao tratamento por não se achar no limite do que se entende por loucura. De

³ Mesmo não sendo um cuidado pastoral, por vezes tal auxílio é dado em algumas comunidades é citado a fim de distingui-lo da orientação espiritual.

outro lado, há quem veja o tratamento como salvação, como se o terapeuta pudesse, em um “passe de mágica”, resolver todos os problemas e tomar decisões no lugar do paciente. Ambas as visões são errôneas.

O objetivo da terapia é levar a pessoa a autoconhecer-se, aprender a trabalhar suas emoções e a alcançar um alto controle sobre os próprios sentimentos. Dessa forma, o paciente pode fazer novas opções e romper com as situações e pensamentos que tornam a própria existência enfadonha e insulsa. O terapeuta auxiliará a releitura de si e da vida, no entanto o trabalho é do paciente, que precisa querer superar o estado em que se encontra. Sintetizando, poder-se-ia dizer que o psicólogo dará as ferramentas para a obra de reconstrução, porém cabe ao paciente usá-las ou não.

Após ter percorrido essas modalidades de cuidado pastoral passa-se a definir o que se entende por orientação espiritual.

1.3 A orientação espiritual: definições e implicações

Marin (1955, p. 477) define a orientação espiritual como: “[...] a arte de conduzir as almas progressivamente desde os primórdios de vida espiritual até as alturas de perfeição cristã”. Quer dizer que o orientador conduz o orientando da sua prática rotineira de devoção, apreendida na infância na catequese, a uma vida na presença de Deus, atenta às moções do Espírito que o solicita a cada momento a fazer a vontade de Deus.

A orientação espiritual é a ajuda de um cristão para com o outro, que firma a pessoa orientada em Deus e na vivência das consequências dessa relação. Essa, portanto, não se apoia em ideias, mas numa experiência progressiva em Deus.

Na prática da direção espiritual, o orientador se valerá do conhecimento que possui da sã psicologia visando ampliar o conhecimento do dirigido sobre si mesmo, já que, sem conhecer-se em profundidade, terá problemas para relacionar-se com Deus. Afirma Barry:

Se por um lado utilizamos, com reconhecimento, conceitos e práticas tiradas do campo psicológico, acreditamos que a direção espiritual seja um relacionamento de apoio diferente da psicoterapia e do aconselhamento psicológico. Ela tem sua contribuição a dar ao

esforço de ajudar as pessoas a viver mais significativa e mais plenamente neste nosso mundo (BARRY, 1987, p. 143).

A orientação espiritual auxilia na relação da pessoa com Deus, relação que se expande nas opções e nas atitudes da própria vida. Mesmo que o seu objeto seja diferente das modalidades mencionadas anteriormente, uma boa orientação espiritual fará uso dos recursos, das técnicas e dos conhecimentos dessas modalidades, pois elas auxiliam a pessoa a liberar-se para Deus.

A orientação espiritual terá que ter a pessoa como um todo relacional e, por ser relação, traz em si dificuldades e obstáculos, tanto mais que se trata de um relacionar-se com o transcendente, o misterioso.

Barry (1987, p. 21), no seu manual sobre a orientação espiritual, assim a define: a direção espiritual como a entendemos está, portanto, diretamente ligada às experiências reais de relacionamento de alguém com Deus. Já Miranda considera a orientação espiritual como um processo de ajuda:

Este processo de ajuda que constituía a direção espiritual é só preparar, libertar interiormente e tirar obstáculos, a fim de que o Espírito Santo atue e a pessoa responda o máximo possível. [...] A direção efetiva (formal) é um *misterium verbi*: “um mistério da Palavra”. Ela supõe, portanto, uma mediação entre Deus e o homem (MIRANDA, 2009, p. 32).

Parte-se, portanto, da convicção de que o ser humano é capaz de Deus. Já o afirmava o salmista: *“Minha alma suspira e desfalece pelos átrios de lahweh, meu coração e minha carne exultam no Deus vivo”* (Sl 84, 3). A orientação espiritual partirá desse pressuposto, para aplainar os caminhos, para que a vontade do Senhor seja audível, clara e transparente. Nessa condição, o Espírito Santo continua a mover a história e o faz por meio de nós. Daí a necessidade de disporem-se como crentes à escuta, abrindo-se aos seus inúmeros sinais.

Nas definições apresentadas, o objeto principal é a relação da pessoa com Deus. Assim, portanto, o orientador espiritual não é um conselheiro, um terapeuta ou um confessor; pois vai muito além, aproximando-se do cerne da pessoa em sua intimidade mais profunda, aquilo que realmente ela é e a sua relação com Deus. Tais distinções são fundamentais para delimitar-se o foco da ação do orientador

espiritual. Cabe acrescentar que tal relação não se faz sem conflitos ou sem dificuldades⁴.

Barry (1987) chega a colocar a orientação espiritual como “forma central” de onde as demais assistências pastorais emergem. A orientação espiritual é uma relação humana de ajuda. É uma prática de acompanhamento espiritual onde o orientador tem como fundamento o relacionamento do dirigido com Deus, portanto o orientando precisa responder acerca de sua relação com Deus. Moro (2006) afirma:

Acompanhamento espiritual é uma ajuda dada por um cristão a outro, para habilitá-lo a prestar atenção à ação de Deus nele para crescer na intimidade com esse Deus e viver as consequências dessa relação (MORO, 2006, p. 110).

Essa afirmação de Moro (2006) de "prestar atenção" remete a uma questão importante a ser considerada pelo o orientador. Vive-se num mundo disperso, cheio de múltiplas atrações. Afirmar que é preciso educar para prestar a atenção em Deus remete a quatro atitudes fundamentais para que ocorra a orientação espiritual: o silêncio, a escuta da palavra, o discernimento e a conversão.

1.3.1 *Atitude de silêncio*

O que significa silenciar? Na sagrada escritura encontra-se um texto primoroso no livro dos Reis (I Re 19, 9 -15), onde o profeta Elias, atormentado pela infidelidade do povo de Israel que estava prestando culto a Baal, retira-se para ouvir lahweh no monte Horeb.

No seu diálogo com o Senhor, ele afirma que o zelo por ele o consome. O Senhor o convida a percebê-lo saindo da gruta e o Senhor o visita na brisa suave. lahweh não estava no trovão, no terremoto, no fogo ou no furacão – fenômenos exteriores que, ao ler toda a perícopé, percebe-se que também dentro do profeta estavam acontecendo para descobrir a vontade do Senhor e retornar o caminho certo. Elias precisa silenciar, só após ter se reencontrado, Deus pede a ele que prossiga o seu caminho.

Nos evangelhos, inúmeras vezes, Jesus se retira para orar no silêncio, como homem. Talvez sentisse os assaltos do desejo de poder, de ter, no entanto, ao

⁴ Os conflitos possíveis nessas problemáticas serão abordados no capítulo II.

silenciar, também ele recupera a sua identidade de filho de Deus e pode centrar-se na sua missão, que é o cumprimento da vontade do Pai.

O orientador espiritual precisará ensinar o orientando a silenciar e a buscar espaços onde, como Elias, possa dar nome ao turbilhão de sentimentos que lhe assaltam a existência. É no cultivo do silêncio que se desenvolverá a sensibilidade e a abertura ao Sagrado. A respeito disso afirma Nouwen (2008):

O silêncio é a estrada nobre para a formação espiritual. Sem o silêncio, a palavra escrita nunca poderá frutificar. Ademais, somente pelo silêncio a palavra pode descer da cabeça ao coração. Enquanto o nosso coração e a nossa cabeça estiverem cheios de palavras criadas por nós, não haverá espaço para a palavra entrar profundamente em nosso coração e se enraizar (NOUWEN, 2008, p. 129).

A prática do silêncio levará o orientando a predispor-se à escuta da Palavra – eis a segunda atitude.

1.3.2 *Atitude de escuta da Palavra*

O orientador espiritual possui como tarefa levar o orientando a aprimorar a escuta da Palavra de Deus, por ela deixando-se interpelar, revendo suas atitudes e promovendo, à luz da Palavra, a conversão pessoal que suscita novas atitudes de vida. Moro (2006, p. 110) sintetiza esse processo em três momentos: “Escutar, entender e responder amorosamente”.

João Paulo II, em sua carta encerrando o ano jubilar “Novo Milênio Ineunte” (2001), repropôs a escuta da Palavra por meio de uma metodologia antiga, utilizada pelos monges, a chamada *Lectio divina*. Essa prática foi resgatada com muito vigor, por se entender que ela possibilitaria um crescimento efetivo na fé.

Em Aparecida, os bispos afirmaram ser a Palavra um lugar privilegiado de encontro com Cristo. Mais recentemente Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, afirma:

Quem conhece a Palavra divina conhece plenamente também o significado de cada criatura. De fato se todas as coisas “têm a sua subsistência” (Cl 1,17), então quem constrói a própria vida sobre a sua palavra edifica de modo verdadeiramente sólido e duradouro. [...] Neste diálogo com Deus compreendemo-nos a nós mesmos e encontramos resposta para as perguntas mais profundas que habitam o nosso coração (BENTO XVI, VD, 2010, nº 10 e 23).

Assim, portanto, para o cristão que realmente queira crescer na fé, a escuta atenta da Palavra é condição fundamental. Cabe ao orientador ensinar a metodologia para que o orientando possa encontrar-se com Deus por meio da Palavra. Nesse exercitar-se na escuta atenta e dócil irá compreendendo que Deus quer a sua plena felicidade.

Significa ler a Bíblia “de joelhos”, isto é, com reverência, atenção e profunda convicção de que Deus tem uma palavra única para cada pessoa, em cada situação. Por ser Palavra divina, é iluminadora e fonte da verdadeira sabedoria. A escuta amorosa faz com que a Palavra desça ao coração e disponha o orientado à abertura ao Espírito Santo. Para que esse processo ocorra, faz-se necessária uma opção livre e consciente do orientando em deixar-se guiar e fazer um caminho de crescimento espiritual. Tal caminho de crescimento espiritual exige confiança recíproca, gratuidade, liberdade interior, perseverança e fé em Deus.

1.3.3 *Atitude de discernimento*

Discernir é ser capaz de separar e distinguir o que é digno do que não é. O profeta Jeremias, numa das suas lamentações com o Senhor, enumera todos os bens dos quais tem sido privado por ter sido chamado a profetizar e o Senhor lhe diz: “*Se retornas eu te faço retornar e estarás diante de mim. Se separares o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca*” (Jr 15,19b). O convite feito a Jeremias é extensivo a todo aquele que se dispõe a percorrer os caminhos do Senhor.

A abertura ao Espírito Santo é a verdadeira vida, com todas as maravilhas das suas operações em nós e por meio de nós. Existem em nós as possibilidades do bem e do mal. Optamos por ser guiados pelo Espírito Santo nas estradas do bem e experimentaremos os frutos. Esses, repetimos, representam o critério mais seguro para entender se de fato estamos sobre a estrada boa. Sobre a “única” estrada, não só boa, mas certa e segura (BOLDINI,1994, p. 60 - 61, tradução nossa).

O orientando, aos poucos, irá conseguir separar o “valioso do vil”, num caminho de abertura constante às moções do Espírito Santo “*digitus Dei*” que irá indicando o caminho e as opções mais acertadas.

Rupnik (2004) afirma que o discernimento é a arte da vida espiritual e complementa: “[...] é expressão de uma inteligência contemplativa, é uma arte que

pressupõe o saber contemplar, ver Deus”.⁵ Para percebê-lo é preciso, porém, silenciar, discernir e, finalmente, após esse processo, escolher a melhor parte. Tal qual Maria em Betânia, que, sentada aos pés de Jesus, havia discernido que valia mais estar aos seus pés do que se agitar com inúmeros afazeres de casa.

1.3.4 *Atitude de conversão*

O que Deus, em seu projeto de amor, quer de mim hoje? Esta é a questão permanente da orientação espiritual. Para a ela responder é preciso um contínuo discernimento e conversão.

O Documento de Aparecida traz 18 vezes o verbete “conversão”. Ali conversão é tida como graça a ser pedida, como atitude que diferencia os crentes dos não crentes, como penitência e reconciliação e como retorno à vivência na comunidade. Desse modo, é a comunidade o lugar do encontro com o Cristo e com os irmãos.

Nas pregações e homilias fala-se muito em conversão, no entanto parece faltar a explicitação sobre como ela se dá na vivência do cotidiano. Diante disso, questiona-se: – Como viver como convertido, nos diversos ambientes, sem demonizar o mundo e sem resgatar a divisão do religioso e do profano?

Parece que Jesus transitava muito bem no mundo, considerado, na época, como “pervertido” e, ao contrário do que comumente se admite, viu-se imerso em grandes conflitos com aqueles que se diziam tementes a Deus. Surge, então, um novo questionamento: – Será que a disparidade “fé e vida” dos cristãos católicos não passa pela real conversão a Jesus e ao seu Reino e não à Igreja e a seus seguidores? Impera, ainda, a cristandade onde é conveniente ser católico, até porque, desse modo, aparentemente pouco se exige em termos de comprometimento e vivência. Ainda sobre essa conversão é possível acrescentar:

Consiste em oferecer à pessoa [...] uma assistência para converter-se [...] É claro que dar espaço para isso significa admitir que nossa condição histórica não anda bem, e que, na verdade, o caminho espiritual não foi propriamente uma revelação natural sugerido pela nossa boa vontade; isso implica, ao contrário, mudanças, inversões, rompimentos às vezes muito difíceis, senão dramáticos (CORTI, 1997, p. 29).

⁵ Tradução nossa.

Conversão é condição para uma adesão sempre maior ao projeto de Deus e essa adesão não muda só a pessoa, mas transforma as relações e, conseqüentemente, todo o contexto onde o orientando está inserido.

Viu-se, até então, que a orientação espiritual é uma prática necessária para o crescimento espiritual e para a formação dos leigos, porém, para que eles possam descobrir o projeto de Deus, precisam aprender a silenciar, disciplinar-se, ouvir e praticar a Palavra, percorrendo um caminho de conversão contínua.

1.4 Esquemas da orientação espiritual

Feita essa síntese histórica sobre orientação espiritual, cabe elaborar ainda algumas considerações quanto ao desenvolvimento do conceito e ao modo de propô-la. Corti (1997, p. 29) identifica que, ao longo da história, três esquemas vinculados à orientação espiritual: o dogmático, o existencial e o simbólico.

1.4.1 O esquema dogmático

O esquema dogmático, encontrado no “Dicionário de Teologia Espiritual”, escrito por Padre Gabriele di Santa Maria Maddalena, deve ser visto como uma orientação individual para que a pessoa alcance a perfeição cristã, enquanto essa perfeição está fundamentada no tratado de graça. Essa concepção se afirma na figura do orientador como único capaz de discernir as moções do Espírito Santo. O centro fica na figura do representante eclesial. O orientando é sujeito passivo e dependente do parecer do orientador.

Põe-se em questão o fator jurídico, de fórum interno e externo. A relação é dada como obediência e docilidade do orientando ao orientador. Percebe-se, aqui, uma passividade e dependência do orientando.

1.4.2 O esquema existencialista

O segundo esquema tratado por Corti é o existencialista. Presente nos escritos de K. Rahner (apud CORTI, 2002, p.30), o foco sai do dogmático-jurídico para a práxis cristã. Em outras palavras, a orientação espiritual, nesse esquema, objetiva aproximar a fé da vida. O orientador espiritual é alguém que já perfez, ou está percorrendo, o caminho dessa integração e que se propõe a auxiliar. Não precisa

ser necessariamente um sacerdote e sim um mestre de existência. Essa integração é vista nesse esquema como um processo contínuo. Sintetiza Corti:

[...] mostrando como uma vida histórica concreta, pessoal, única, e que, entretanto não se repete, transforma em realidade as leis histórico-objetivas de realidade cristã e as condições antropológicas de existência (CORTI, 2002, p. 30).

Esse esquema considera a pessoa inserida em um contexto no qual influencia e é influenciada, onde o seu desenvolvimento se dá como um processo permanente e, assim, portanto, o orientando é alguém a caminho.

1.4.3 Esquema simbólico - mistagógico

O esquema simbólico, presente na obra mistagógica “Comunicação e Vida Espiritual”, de M. A. Schreiber, parte de uma visão platônica do mistério cristão. Quase aéreo, a-histórico, pontualiza a comunhão com o transcendente, que é alcançado por meio dos símbolos:

Apropriando-se pessoalmente de tais símbolos, sou de algum modo apanhado e assimilado, tornando-me semelhante ao mistério cristão que sempre me transcende, vai além da minha experiência pessoal e da própria história de salvação (Idem, *ibidem*).

A orientação espiritual consiste em levar o orientando a captar, na relação com as pessoas de comunidade, o mistério, que, por sua vez, é comunhão e se expressa na comunidade. Torna-se, então, um processo mistagógico de desenvolvimento e de percepção.

O orientador espiritual pode ser qualquer um que auxilie na identificação e na aproximação do mistério que se revela. Nesse sentido, Corti faz uma crítica severa aos dois esquemas anteriores, porque nenhum deles põe o foco na pessoa de Jesus. Sendo portanto, as abordagens desses dois esquemas insuficientes. Ao invés de fundamentarem-se em Deus, acabam valendo-se de motivações psicológicas; existenciais e pedagógicas. Nesse sentido, embora tais motivações sejam de importante auxílio, a orientação espiritual não se limita a elas. Conclui o autor: que a falta de clareza conceitual dos dois esquemas anteriores leva o conceito de orientação espiritual a perder força e conseqüentemente conduz essa prática de cuidado pastoral a extinção.

Ressalta-se, portanto, que é no esquema mistagógico que se encontra o elemento fundante da orientação, o fato histórico da encarnação de Jesus. O Deus que se comunica de forma humana permite ao ser humano comunicar-se com o divino.

Cabe ao orientador espiritual “[...] cultivar a fé e o amor dos cristãos, levar os orientandos à plena conformidade com Cristo, torná-los dóceis ao Espírito Santo em sua vida e em seu apostolado” (SALVADOR, 1971, p. 534). O modelo e a medida por excelência para o cristão é Jesus Cristo, portanto, uma medida alta, possível apenas se houver plena adesão ao Espírito Santo; é ele que impulsiona, move e direciona o pensar, o querer e o agir dos cristãos.

O orientando é uma pessoa livre e que opta por alguém que o auxilie a conduzir uma vida interior mais intensa. Essa visão elimina a visão passiva que se pode ter do orientando. O trabalho interior é pessoal e exige disciplina e generosidade.

O orientador espiritual precisará, sem dúvida alguma, educar à disciplina e ao discernimento. Quanto à disciplina na vida de oração, afirma Nouwen (2007):

Disciplina significa criar limites ao redor do nosso encontro com Deus. Nossos horários e locais não podem estar tão cheios a ponto de não haver como conciliar um encontro. Então é preciso esforçar-se arduamente para afirmar que este é o momento de estar com Deus, goste ou não, tenha vontade ou não, esteja satisfeito ou não (NOUWEN, 2007, p. 61)

Como se pode notar, a disciplina deve ser buscada mesmo se pessoalmente não se tenha disposição para tal. É a constância no exercício que irá fortalecendo a vontade, até porque a oração, mais do que um falar é pôr-se na presença de Deus e apresentar-se a Ele.

No mundo onde impera o consumismo, o discernimento parece supérfluo, no entanto é tarefa árdua e necessária dos líderes religiosos. Quem quer deixar-se conduzir pelo Espírito Santo não pode ser uma vitrine aberta para todas as sensações. O Evangelho propõe inúmeras vezes, a vigilância. Convida a estarmos atentos, em estado de alerta. Já Paulo havia admoestado: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém” (I Cor 6,12).

Se não se disciplina e se vigia o olhar, o ouvir e o sentir, então se acaba por cultivar dentro do coração coisas que emudecem o Espírito Santo que nele habita.

Daí a necessidade de poder contar com pessoas instruídas nas coisas do Espírito, para que os auxiliem a encontrar-se com a vontade de Deus.

Uma vez escolhida a pessoa do orientador, começa um diálogo franco e aberto. Sobre o conteúdo desse diálogo:

Deve-se dar a conhecer não somente as faltas morais como ao confessor, mas também o ser real, psíquico, pessoal, com suas tendências e reações, preferências e repugnâncias. Ao conselheiro ocasional é manifestado o fato ou problema pelo quadro de circunstâncias úteis ou necessárias para que possa julgar. A vida e a pessoa são mostradas ao diretor (SALVADOR, 1971, p. 536).

A liberdade do orientando é fundamental em todo o processo, desde a opção pelo orientador até o fazer ou não o que ele diz e até mesmo deixar de frequentá-lo.

2 O Encontro com a samaritana: modelo de orientação espiritual

Guiando-se pelo texto de Jo 4,1-42, procura-se identificar os passos da orientação espiritual segundo a prática de Jesus, bem como apontar a orientação espiritual como um serviço eclesial válido no acompanhamento e na formação de leigos que buscam algo mais intenso e profundo para sua vida espiritual. Isso permite a superação de devocionismos e de práticas rituais feitas sem que haja real adesão ao projeto de Deus.

Optou-se pelo texto da samaritana devido a densidade do diálogo que ela instaura com Jesus. Poder-se-ia, sem dúvida alguma, percorrer outras perícopes onde Jesus é procurado e dialoga, orienta e esclarece: o encontro com Nicodemos, o cego de nascença, os discípulos de Emaús, o jovem rico, Zaqueu, as Bodas de Caná, o encontro com Madalena após a ressurreição, as visitas aos amigos de Betânia e tantas outras que colocam o Mestre orientando espiritualmente. O encontro com a samaritana, no entanto, devido à riqueza de detalhes do escrito joanino, é encantador, cativante e, de certa forma, coloca o leitor do texto dentro do cenário e do drama humano.

2.1 A mulher no tempo de Jesus

Antes de entrar no texto da samaritana, faz aqui uma breve contextualização da posição da mulher no tempo de Jesus, bem como da relação de Jesus com elas. Infelizmente as fontes existentes acerca dessa relação em grande parte são escritas por homens; daí a dificuldade de uma percepção da visão feminina. É, no entanto, possível observar Jesus sempre rodeado de mulheres: admiradoras, seguidoras, mantenedoras, enfermas e discípulas.

A situação da mulher no tempo de Jesus era de exclusão social e, muitas vezes, de indignidade. Nesse sentido, a narrativa da criação conhecida pelos Judeus já punha a mulher em condição servil e ainda lhe atribuía a culpa de o “mal” ter entrado no mundo, pois se entendia que, sem a desobediência de Eva, o homem não teria pecado. Conseqüentemente, na cultura judaica, a mulher era, sim, vista

como um perigo. A mulher fazia parte das posses de um homem e sua primordial função era procriar e, de preferência, procriar filhos homens.

Na esfera religiosa, sua participação era limitada, já que, por menstruar, era considerada impura. Não podia, portanto, entrar no templo nem ser sacerdotisa. Pagola assim sintetiza:

Esta visão negativa da mulher não perdeu força ao longo dos séculos. No tempo de Jesus, pelo que podemos saber, era talvez mais negativa e severa. A mulher não só era considerada fonte de tentação e ocasião de pecado. É, além disso, frívola, sensual, preguiçosa, fofqueira e desordenada [...] Flávio José resume bem o sentimento generalizado no tempo de Jesus. “De acordo com a Torá, a mulher é inferior ao varão em tudo” (PAGOLA, 2010, p. 257).

Para evitar problemas, era conveniente que as mulheres ficassem em casa, para não “dar o que falar” e, assim, não macular a honra do seu senhor e de sua família.

Em casa, as mulheres se ocupavam dos afazeres domésticos: moer o trigo, costurar, fazer comida, tecer e fiar e servir os seus homens. Há que se acrescentar que, publicamente, não deviam e nem podiam se pronunciar e os véus que cobriam seus rostos exprimiam o fechamento imposto à própria expressão feminina. Quem fugia dessas prescrições era mal considerada, assim, portanto, pode-se imaginar que, entre as mulheres, havia uma esperança de libertação com a vinda do messias.

No grupo de Jesus havia todo tipo de mulheres e, pela vida itinerante que conduziam, provavelmente deram muito que falar. Jesus é indiferente ao código de pureza e de discriminação infligidos às mulheres. Pagola fala sobre essa aproximação:

Para as mulheres só podia ser atraente aproximar-se dele, para mais de uma significava libertar-se, ao menos momentaneamente, da vida de marginalização e trabalho que levavam em suas casas. Algumas aventuravam-se inclusive a segui-lo pelo caminho da Galiléia... Sem dúvida, as mulheres vêem em Jesus uma atitude diferente. Nunca ouvem de seus lábios expressões depreciativas tão freqüentes mais tarde nos rabinos. Nunca ouvem dele nenhuma exortação a viverem submissas aos seus esposos nem ao sistema patriarcal. Não há em Jesus animosidade nem precaução alguma diante delas. Somente respeito, compaixão e uma simpatia desconhecida (Idem, ibidem, p. 262).

Após esse breve situar da condição da mulher no tempo de Jesus, pode-se então adentrar com mais consciência no texto do encontro de Jesus com a

samaritana. Para tanto é válido analisar, também, a relação dos judeus com os samaritanos, visto que, além da condição da mulher, a samaritana pertence a um povo, também esse marginalizado e excluído.

2.2 A relação dos judeus com os samaritanos

O povo samaritano separou-se da comunidade judaica no século IV a.C levando consigo, no entanto, o Pentateuco. Esse é diferente em alguns pontos, do que chegou até a sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere aos lugares de culto. A população da Samaria era composta por descendentes de israelitas e dos colonos importados pelos Assírios. A partir dessa mescla de nações podem-se pressupor os diversos cultos existentes na região.

Os samaritanos, tentando aproximar-se dos judeus quando da volta do exílio da Babilônia, sentiram-se rejeitados. Como revanche, eles tentaram impedir a reconstrução do templo e dos muros de Jerusalém. Além disso, os samaritanos construíram um templo próprio em Garazim, minando, de certa forma, a centralidade do templo de Jerusalém e a exclusividade da cobrança de impostos que ali se realizava.

Essas tensões cresceram com o passar do tempo, tornando os samaritanos uma raça cada vez mais excluída. Ser chamado de samaritano era uma ofensa. Enquanto o evangelho de Mateus não tem o intuito de pregar para os samaritanos, o evangelho de Lucas mostra Jesus resgatando a dignidade desse povo, como se vê pela parábola do bom Samaritano. Esse contexto permite entender a novidade e o espanto que suscitou nos discípulos o diálogo de Jesus com a samaritana. A samaritana não tem nome, pois simboliza todo o seu povo.

Konings (2005, p. 126) afirma que a expressão “*era preciso*” (Jo 4,4) designa a necessidade do encontro com a samaritana, já que Jesus poderia ter ido por outro caminho, ou seja, não necessariamente deveria passar por ali. Nota-se, portanto, a intencionalidade de Jesus e a vontade do Pai em resgatar aquele povo. Na sequência desta perícopes vê-se Jesus afirmando: “*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra*” (Jo 4, 34).

À beira daquele poço, Jacó havia encontrado a mulher de sua vida; a samaritana encontra-se com o Senhor, aquele que tem a água viva que jorra para a eternidade. Ela, no entanto, por desconhecer Jesus, não entende o seu

ensinamento, pensa que Jesus fala apenas de água que abastece o poço. Daí, quando pede que ele lhe dê dessa água, tem apenas interesse em tornar a vida mais fácil. Como observa Konings (2005, p. 126): “Mas a samaritana ainda não entende. Quer receber a água que Jesus lhe oferece, porém, por razão bem materialista para não precisar mais tirar água do poço”.

Isso remete à busca atual por uma espiritualidade que justifique a inércia. Essa é uma espiritualidade que não exija mudança, mas que ratifica as escolhas e as opções egoístas e descomprometidas.

A imagem do poço d'água torna-se sugestiva a este respeito, uma vez que a espiritualidade é como a água viva que brota do próprio fundo da experiência de fé. Numa passagem controvertida de João afirma-se que “aquele que crer em mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva” (Jo 7,38). A vida, representada pela água, nos é dada pelo encontro com o Senhor... A Água viva significa, precisamente, nestes textos, o dom do Espírito Santo, realizado por Jesus. Beber em seu próprio poço constitui uma experiência espiritual, no sentido mais forte da expressão. É viver o tempo do Espírito, em conformidade com ele (GUTIERREZ, 1984, p. 51).

A samaritana é uma pessoa três vezes excluída: primeiramente por ser mulher em uma sociedade onde a mulher não tinha voz, nem vez; depois, porque pertence a um povo considerado pelos Judeus como idólatra;⁶ em terceiro lugar, provavelmente, a samaritana seja uma mulher de costumes fáceis (KONINGS, 2005). A essa última suposição pode-se chegar analisando o horário mencionado, ao meio dia, pois era costume das demais mulheres virem pegar água pela manhã.

Como excluída, a samaritana assumia um tom de contestação com Jesus. Sabia dos preconceitos que os judeus tinham e não se achava por nada menor, afinal de contas, ela também era filha de Jacó. Ele mesmo havia lhes dado o poço:

O encontro de Jesus e da Samaritana neste local venerado aumenta a oposição entre o árido deserto e sua abundância de lendas. Poderíamos crer que eles se aproximaram como para tornar mais sensível sua distância: a inimizade entre as nações, cujos desacordos culminam em Deus e em seus lugares de adoração, a diferença dos sexos, agravada pela solidão que tornava suspeita qualquer iniciativa de gesto ou de palavra, a santidade de Cristo e a impureza da mulher que, além de seu sexo, está ligada à nação e a seus costumes (KONINGS, 1975, p. 32).

⁶ Há autores que afirmam que os cinco maridos é uma alusão aos deuses cultuados pelos samaritanos.

Num primeiro momento, ela o contesta: “*Como sendo tu Judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?*” (Jo 4,9). Queré (1984, p. 143) afirma que, nesse retrucar, há simultaneamente “dúvida e fé, riso e seriedade”. Isso seria culturalmente um escândalo e, no âmbito religioso, um ato impuro. Um judeu não deveria falar com uma prostituta, uma mulher estrangeira e, muito menos, tocar no jarro dela. A samaritana não conhecia Jesus e sua fama não tinha chegado àquelas terras. Assim, vê-o com o preconceito que fora construído historicamente. Sua visão é, portanto, limitada; está sob o véu do preconceito que a faz ter uma visão distorcida da realidade.

Jesus se apresenta como um presente: “*Se conhecesse o dom de Deus e quem te pede de beber...*” (Jo 4,10). Os verbos crer, conhecer e amar são como que sinônimos nos escritos de João. Conhecer, na cultura hebraica, não é exercício intelectual, mas aplica-se à relação íntima entre dois seres, de tal modo que o crente pode afirmar que Deus está nele e, reciprocamente, ele está em Deus. Mateus comenta:

Jesus responde de maneira indireta, excitando a curiosidade da mulher. Fala-lhe de dom de Deus, de água viva que ele é capaz de dar. Pedira-lhe um favor, mas está disposto a corresponder com outro maior de sua parte do que o dela. Propõe-lhe superar a inimizade, entrando em relação de boa vontade mútua.

Desde o primeiro momento, Jesus evidencia-se independente da situação que existe entre a Samaria e a Judéia; não reconhece as divisões causadas pelas ideologias, em particular pela religiosa. Oferece algo que as supera, o dom de Deus, que não distingue entre uns e outros, porque o seu amor se dirige à humanidade inteira (3,16). O dom de Deus é o próprio Jesus (ib: deu o seu Filho único), que traz a salvação para todos (3,16-17). Sendo o manancial da vida, é capaz de dar água viva, corrente, e a oferece à samaritana. Jesus está livre de todo preconceito; para ele existe só a relação interpessoal, manifestada no dar e no receber (MATEUS, 1989, p. 211).

A um mero judeu (Jo 4,9) ela chama de Senhor (Jo 4,11). A relação passa para um nível superior, as palavras, a tonalidade de voz, o olhar, a reverência de Jesus fazem com que, de desconhecido, passe a ser Senhor. Esse encontro ainda não chegara, contudo, ao seu ápice. Os conceitos antigos e a tradição do seu povo a impediam de avançar. Queré diz que a samaritana continua de forma atrevida:

E continua, talvez no meio de uma risada: Serás "maior do que nosso pai Jacó?" Este "nosso" encerra um resquício de malícia. Indica a comunidade das ascendências. Basta de impostura: Jesus não é mais bem nascido do que ela. Que não se faça de patriarca. Ela também é herdeira (QUERÉ, 1984, p. 145).

Jesus responde falando de uma água superior àquela que ela veio buscar. Alude ao Espírito, fonte permanente de vida e de vida eterna.

Só uma água perene e sempre disponível pode tirar a sede do homem. Esta é a que promete Jesus. O Espírito que ele comunica converte-se, em cada homem, em manancial que brota continuamente e que, portanto, continuamente lhe dá vida e fecundidade. Assim desenvolve cada um em sua dimensão pessoal. O Espírito é personalizante, a Lei, absolutizada como fim em si mesma, o despersonaliza. O Espírito é manancial interior, e não exterior como o de Jacó. O homem deve receber vida em sua raiz mesma (dentro), na profundidade do seu ser, não por acomodar-se a normas externas é dom permanente que faz nascer para a vida nova e a mantém (3.6) que abre horizonte do Reino de Deus (6.5). Sua força (salta) é garantia de plena vida (MATEUS, 1999, p. 224).

"Senhor, dá-me dessa água" (Jo 4,15), e os papéis se invertem: Até então Jesus está com sede, mas, ouvi-lo, suscita na samaritana uma sede mais profunda. Afinal, também os samaritanos esperavam um Messias, pois eram conhecedores das promessas dos profetas.

A mulher, que conhece as tradições, porém não é muito praticante, parte por lembrar as promessas antigas e põe em dúvida o lugar onde se deve cultuar.

Jesus, no entanto, com esse diálogo, deixa claro que estava fazendo uma inversão radical no âmbito religioso daqueles povos. No ensinamento de Jesus não há mais exclusividade do povo eleito, há um germe novo no fenômeno religioso.

Os antigos mediadores do templo já não têm mais lugar diante de relação pessoal e íntima que Jesus vem instaurar. Assim como Judeu, Senhor, Profeta, o desconhecido passa então a assumir um lugar de eleito, escolhido, sábio. Penalva assim caracteriza esse processo:

Jesus começa aceitando que a mulher o chame de Profeta, um título de missão... A seguir, ela faz o segundo passo de credibilidade aceitando o título de pessoa, Messias, motivada pela revelação de Jesus, aparentemente como hipótese, mas, na realidade, de modo tão positivo a ponto de se tornar missionária de seus irmãos, os samaritanos (PENALVA, 1997, p. 52).

O discurso passa do pedido de um mero saciar-se natural para a sede mais profunda, a sede existencial. Idolatria ou vários amores, o que importa nesse encontro é que Jesus a conhece e sabe da causa de sua sede interior.

Uma vez que as disposições interiores mudaram, Jesus mostra-se conhecedor da vida da mulher e deixa claro que a conhece em profundidade. Jesus a provoca: Vai, chama teu marido e volta aqui (Jo 4,16). Balducci a esse respeito, afirma:

Como é comovente este ponto! O Senhor decide sair da dialética astuta desta mulher atacando-a em profundidade, desvendando sua alma... É a partir deste momento que a mulher se torna mais humilde... o Senhor lhe recorda um fato, sem acrescentar nenhuma condenação. Podemos também admitir, mesmo com muita discrição, que Jesus havia visto nesta inquieta mulher um amor superior àquele que ela estava acostumada a receber dos seus instintos. (BALDUCCI, 1966, p. 91 - 92, tradução nossa)

Poder-se-ia aqui imaginar as ansiedades, as frustrações, os afetos e os desafetos que a samaritana trazia em seu interior. Era tão grande a sede expressa na inquietude dessas palavras, nos olhos, no corpo inteiro, que leva Jesus a se revelar: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,25). Ousar-se-ia interpretar: “Beba-me”. Jesus faz com que ela se depare com sua verdadeira sede, sede do Deus verdadeiro, bem diferente dos deuses que ela e seu povo cultuavam. Jesus quer reatar a aliança rompida há tanto tempo.

A alegria desse encontro marcante, envolvente e revelador não poderia ser contida, pois seria demais para uma pessoa sozinha. Ela deixa o cântaro (Jo 4,28), imagem da Lei antiga e que não a saciava mais:

Abandona o cântaro, que era a sua conexão com o poço; rompe com a Lei. Esta é sua resposta de fé do Messias que se lhe deu a conhecer. Compreendeu a novidade que representa com relação ao passado. Ao contrário de Nicodemos, que não via a possibilidade de novo princípio, a mulher a viu perfeitamente (MATEUS, 1999, p. 233).

Então, ela corre a partilhar com todos a sua experiência, esquecendo-se da sua condição de excluída. Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não seria ele o Cristo? Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro (Jo 4,29-30). O anúncio que ela faz não é impositivo, põe a questão para que eles mesmos possam fazer o caminho que ela acabara de percorrer.

Nesse momento há uma interrupção no encontro. Os discípulos chegam e, por não terem ainda escutado a revelação e feito o processo, julgam temerariamente sem nada entender.

Ela, que saíra da cidade às surdinas, em um horário em que ninguém estava fora de casa, no entanto deixa o cântaro, símbolo de tantas coisas, e agora volta convocando todo o povo. Caíra-lhe o jugo dos preconceitos. Liberta, anuncia ao povo o que ocorrera naquele encontro decisivo. Com isso a missão de Jesus na Samaria é profícua. Conclui Konings:

No Evangelho de João, a primeira comunidade que acredita em Jesus é a dos Samaritanos. Ora qualificado com o título “salvador do mundo”, o Jesus Messias dos Samaritanos supera de longe os limites do Judaísmo (O Messias é o Salvador de Israel), mas também do próprio samaritanismo. Os samaritanos são os primeiros frutos de colheita mundial (KONINGS, 2005, p. 130).

Os samaritanos vieram e creram. Chegaram a dizer que creram não por causa da samaritana, mulher adúltera. Eles encontraram Jesus, porém a experiência dela foi única e inesquecível, pois, mais que crer, ela se deixou olhar e, no mais profundo desse contato, deixou-se salvar.

2.3 O texto da Samaritana relacionado com os passos da orientação espiritual

Passa-se, agora, a uma leitura atenta do texto da Samaritana (Jo 4,3-42), tomando o texto como um modelo de orientação espiritual, salientando-se, porém, desde já, que nessa leitura não há regras fixas. O que se pode apontar são apenas algumas pistas, pois cada pessoa é um mundo e o Espírito Santo, que é movimento inovador, suscita caminhos diferentes e pessoais.

“Era preciso passar pela Samaria” (Jo 4,4). O orientador espiritual precisa passar pelo território do orientando, conhecer a realidade de onde a pessoa provém, quais são as suas crenças, os seus valores, as suas lutas.

Há uma falsa ideia de espiritualidade e essa gera um estereótipo. A partir dele se passa a julgar quem tem ou não espiritualidade. Primeiramente se crê que é preciso um ambiente afastado, solitário para poder entrar em sintonia com Deus. Depois, julga-se que, para ter uma vida espiritual, é necessário ter uma vida sem grandes compromissos com o mundo. Poder-se-ia acrescentar a essas qualidades

errôneas o perfil da pessoa espiritual: circunspeto, silencioso, pescoço curvado, solitário, sempre equilibrado e paciente.

Certamente que o silêncio e o ambiente são de grande auxílio, porém é possível uma espiritualidade urbana, criando a própria gruta em uma fila de banco ou esperando um ônibus. Pensar que se pode cultivar a espiritualidade em condições ideais torna-se um grande obstáculo para o cultivo da vida interior. Paulo ensina isso na carta aos Efésios: “Que significa ‘subiu’, senão que ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas” (Ef 4, 9 - 10).

Deve, portanto, cair por terra a imagem do orientador fechado, alienado, escondido do mundo.

“... *Uma cidade da Samaria, chamada Sicar*” (Jo 4,5). A realidade é específica e tem um nome. Não basta ao orientador um conhecimento geral sobre a realidade. Ele precisa conhecer o mundo no qual o orientando está imerso e qual é a percepção que ele tem desse contexto. Diz Leonardo Boff (1996, p. 65): “Toda experiência religiosa se exprime mediante um código cultural. Ela é parte da cultura, vem influenciada pela cultura ambiente e influencia a cultura”.

Se o orientando necessita ter claro o que crê ser espiritualidade, o orientador, por sua vez, precisa ter um bom relacionamento com o mundo. Esse bom relacionamento lhe possibilitará entrar em sintonia com o orientando. Estando no mundo, será capaz de entender a linguagem que o orientando traz e os seus modos de vida. Compreender a linguagem é fundamental para qualquer prática do cuidado pastoral. As palavras têm sentido diferente para cada realidade. O orientador, conhecedor do contexto do orientando, poderá entender com mais clareza as afirmações, as atitudes e as crenças que ele traz.

Jesus é o modelo da espiritualidade que assume toda a humanidade. A sua vida itinerante o põe à mercê de tantos assaltos, que poderiam sem dúvida tolhê-lo da intimidade com o Pai, no entanto o seu jeito de ser e de estar com o povo é extensão da relação íntima que tem com o Pai.

Ao escolher um orientador é necessário, portanto, questionar-se que conceito se tem de um mestre de espiritualidade. Tal tomada de consciência auxiliará a não criar falsas ilusões ou sair em busca de um guia ideal, pois esse não existe.

“... *Perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José*” (Jo 4,5). Há uma tradição, costumes, modos de fazer, de pensar que são provenientes de tudo o que

o orientando viveu. Inclusive o seu modo de relacionar-se com Deus foi construído socialmente.

É importante que o orientador perceba e faça perceber ao orientando quantas coisas possui dentro de si que não fazem parte de sua essência. Pertencem à teia de suas relações. Essas relações podem ser, por vezes, propositivas e, por vezes, deletérias para a vida e para o crescimento espiritual. É o que a psicologia chama de rótulos, preconceitos, que precisam ser superados para que o orientando chegue à liberdade. Miranda (2009, p. 239) afirma que são basicamente três os elementos que impossibilitam o orientando a alcançar a liberdade interior. São impedimentos de ordem: psicológica, ideológica e situacional.

No âmbito psicológico, viu-se que o primeiro passo de orientação é levar o orientando a autoconhecer-se. Para tanto, é preciso que sejam externadas as marcas que ele tem no consciente e no inconsciente: os medos, as carências e os próprios instintos.

Após o trabalho com os possíveis impedimentos psicológicos, então começa-se a reestruturar a visão de mundo. Saliem-se aqui as convicções e as crenças pessoais muitas vezes derivados de condicionamentos, de repetições impensadas que forjaram um jeito de posicionar-se na vida. Mudando o modo de ver e sentir, passa-se ao terceiro impedimento, ou seja, à superação de situações que até então pareciam barreiras intransponíveis e o orientando poderá, enfim, fazer opções novas e, vencendo-se, vencer as barreiras externas.

“... Ali se achava a fonte de Jacó” (Jo 4,6). Fonte é um lugar repleto de significados. É onde se encontra a vida, onde se “bebe” a história passada, a herança da benção dada a esse povo. Tal qual a Samaritana, que possuía vínculos históricos e marcantes com aquele lugar o orientador necessita conhecer em profundidade as experiências marcantes da vida do orientando. São aspectos a serem relevados, são bênçãos e maldições a serem integradas, relidas e curadas pela prática da orientação espiritual.

“Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte” (Jo 4,6). O orientador necessita desse tempo. Precisa sentar-se, parar para ouvir, estar com toda atenção no que o orientando lhe comunica. Sentar-se ao lado da fonte é atitude de respeito e de reverência pela “água”, que é a vida do orientando e que vai sendo partilhada.

O orientador espiritual precisa expor a sua necessidade. Deve preparar-se, estar disposto, estar bem de saúde para ouvir melhor.

Jesus está fadigado do caminho, senta-se e tem sede. Abre-se aqui um parêntese para tratar do cuidado que o orientador precisa ter para não se esgotar. Em geral, o orientador espiritual, por ser sensível às moções do Espírito Santo, corre o risco de individualizar os apelos das pessoas que o cercam e das inúmeras carências da comunidade. Ocorre, no entanto, que o orientador também pode cansar-se e precisa se dar conta desse estado físico, psicológico e espiritual. Precisa de tempo para o seu autocultivo: oração, descanso, estudo e lazer. Tais cuidados o livrarão do risco de pensar-se onipotente.

O estresse, tão presente no mundo hodierno, alcança também as pessoas que cultivam a espiritualidade. O seu aparecimento exige do orientador a clareza no parar, reciclar-se e recompor-se. De grande auxílio é a vida disciplinada, com horários estabelecidos que possibilitem o equilíbrio do cuidado pessoal com o cuidado dos irmãos. O ativismo do orientador pode, ao longo do andar, torná-lo insensível, irritado e ineficaz. No serviço precioso de escuta, é preciso estar bem consigo e com Deus; o orientador é chamado, assim, a ser um humilde e serviçal mediador.

O colóquio na orientação espiritual pode propiciar um real encontro do orientando com Deus. Esse, no entanto, só ocorrerá se houver reta intenção de abrir-se ao projeto de Deus. O encontro precisa ser preparado pelas duas partes envolvidas – da parte do orientador com uma vida devota, voltada para Deus e com anseio permanente de ser todo de Deus; da parte do orientando, o encontro é preparado com a vivência dos propósitos e com seriedade, perseverança e a coragem de busca.

Ousar-se-ia, neste momento, “pedir desculpas” ao texto encantador de João para evocar outro encontro marcante da literatura mundial, o encontro do Pequeno Príncipe com a Raposa:

- É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto... No dia seguinte o príncipezinho voltou. -Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração... É preciso ritos (SAINT EXUPÉRY, 1986, p. 70-71).

“Se vierdes no mesmo horário poderei me preparar”: o ser humano se encontra carente de encontros reais, encontros com esse encantamento, repleto de mística, de zelo e de cuidado. O encontro preparado e desejado não se encerra no ato do encontro ou de interlocução, mas tem um antes – a preparação, e um depois – a vivência, a interiorização e a lembrança. Nesse encontro, as pessoas sentem-se valorizadas como são, sem precisarem fingir ou sem terem que demonstrar serem melhores do que realmente sejam. Não se deve esquecer que a “dinâmica da raposa” fazia parte da explicação sobre como cativar. O orientador é alguém que foi cativado por Deus e, por isso, quer conduzir outros a esse amor, pois entende que só nele o ser humano será feliz.

Acolher o orientando em um lugar acolhedor, com estima, dispor-se inteiro para ele, isso possibilita o desenvolvimento da confiança e uma maior abertura. Na realidade, o orientador atento escutará a linguagem oral e também a não verbal e chegará, pelo exercício da observação, a captar os sentimentos do orientando. Como boa pedagoga, a raposa de Saint Exupéry afirma ser difícil o entendimento da linguagem, “fonte de mal entendidos”, daí a necessidade de o orientador estar atento a toda a ação do orientando. Ela era conhecedora do processo de aproximação, pois obedecendo ao princípio de que “seria melhor voltardes na mesma hora”, isso favoreceria a preparação e, ao mesmo tempo, a expectativa e o compromisso.

“*Uma mulher da Samaria chegou para tirar água*” (Jo 4,7). Jesus, que está sentado ao lado, percebe a presença dessa pessoa. O orientador precisa estar atento à linguagem verbal e também à não verbal, pois esta última pode revelar muito mais que as palavras.

“*Dá-me de beber!*” (Jo 4,7). Jesus expõe a sua necessidade. Zevini comenta:

O diálogo entre os dois personagens começa com um livre pedido de Jesus: *Dá-me de beber* (v.7). Ele, como sempre, toma a iniciativa na vida de cada pessoa e, neste caso, não deixa fugir a oportunidade de revelar o mistério de água viva. Na realidade, ele o fez partindo de uma necessidade humana, sem colocar a mulher em dificuldade. Jesus se apresenta necessitado como qualquer pessoa, superando todo o gênero de superioridade e destaque consagrados pelo uso (ZEVINI, 1987, p. 124).

O muito cuidar do outro não deve levar ao descuido de si, pois, se isso ocorrer, aos poucos o orientador irá se embrutecendo e perdendo o encanto por Deus e pela missão que lhe foi confiada. Nesse sentido:

Um dos principais sofrimentos experimentados por aqueles que estão no ministério chama-se baixa auto-estima. [...] estão muito ocupados, mas não vêem muito efeito... há pouco louvor e muita crítica dirigida à Igreja e quem consegue viver muito tempo num clima desses, sem revelar, em algum tempo, algum tipo de depressão?

Neste clima de secularização, líderes cristãos se sentem cada vez mais marginalizados. Muitos começam a perguntar por que deveriam permanecer no ministério (NOWEN, 1993, p. 21).

“Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento”. (Jo 4,8) Jesus está sozinho. Pode-se pensar, de um lado, no sigilo da relação orientador e orientando. Miranda aborda esse argumento da seguinte maneira:

Observemos - e isto é importante - que o diretor espiritual deve manter em segredo as confidências do dirigido (isto, deve guardar o segredo profissional), não podendo revelar informação secreta a parentes ou amigos sem permissão expressa do mesmo, exceto para evitar danos graves à própria pessoa ou a outros. (MIRANDA, 2009, p. 41).

A pessoa que procura a orientação precisa confiar no orientador, saber que os tesouros da intimidade partilhada não serão “vendidos em praça pública”. Além disso, é válido recordar-se que uma das dificuldades que o orientador espiritual encontra está em manter certa distância do orientando e isso assim deve ser para não cair num processo de transferência que levaria a perder o foco da orientação. Daí a necessidade de o orientador espiritual ter bons amigos.

“Como sendo Judeu, tu me pedes de beber a mim que sou samaritana?” (Jo 4,9). Recorda-se aqui a importância de o orientador espiritual ser alguém a caminho. Não é um mestre que sabe tudo, que manipula alguém. É antes alguém que, mesmo tendo superado os preconceitos étnicos, raciais, sociais, econômicos e culturais, vê além da miséria humana que o orientando pode trazer:

O importante é chegar a compreender o “complexo” de qualidades e dimensões íntimas que fazem com que esta pessoa seja constituída da maneira que é não de outra. E não é possível conhecer esse centro íntimo se não existir revelação por parte da própria pessoa, isto é, se ela não descobre a história de suas experiências em todos os sentidos a partir de uma plataforma de liberdade e iniciativa (Idem, ibidem, p. 367).

“Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu és que lhe pedirias e ele te daria água viva” (Jo 4,10). Eis o objetivo da orientação

espiritual, conhecer o dom de Deus, seus desígnios, sua vontade, seu projeto de amor para conosco.

Buscar a orientação espiritual é reconhecer que Jesus é a fonte de água verdadeira que sacia, que impulsiona para uma vida coerente, justa e transformadora da sociedade.

Ao orientador cabe apontar essa fonte de água, que jorra para a eternidade e que é o Filho de Deus encarnado. Se, portanto, Ele assumiu a condição humana, o humano pode e deve assumir a condição divina.

“És, por ventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu esse poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?” (Jo 4,12). Tal é o caminho de superação, realizado na orientação. Começa a abertura para o novo. Instaura-se a dúvida se tudo aquilo em que sempre se acreditou ainda é verdade. Passa-se de uma fé aparente para uma fé consciente, madura, sem muletas. *“Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á uma fonte de água jorrando para a vida eterna”* (Jo 4,13-14). Zevini (1987) assim interpreta essa passagem:

O dom de Jesus é, pois, a sua revelação que penetrou no coração do crente por meio do Espírito Santo, gerador de vida eterna. A Samaritana mostra-se disposta a acolher a oferta de Jesus e abre o caminho para a sua conversão que começa com o desejo de abandonar o poço da lei antiga: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha sede e não venha mais buscá-la (v. 15). Ela começa a captar o dom de Jesus, colocando-se acima do plano material da água, depois que Jesus despertou nela o desejo de uma vida nova, que só ele está em condições de satisfazer. A Samaritana venceu, assim, a tentação de fechar o dom de Deus dentro do seu estreito projeto humano e está agora preparada para crescer entrando no projeto sem fronteiras de Deus. Deve, entretanto, passar além da fase de compreensão terrena de Jesus e o fará bem depressa (ZEVINI, 1987, p. 127).

Quem começa um caminho de profundidade espiritual logo se apaixonou. Começa a experimentar o que já os santos experimentaram. O que era doce se tornou amargo e o que era amargo se tornou doce. Aponta-se, novamente, para o caráter relacional do orientando com Deus. Esse é o ponto de partida e de chegada dessa prática.

“Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!” (Jo 4,15) Quem suscita o interesse pelo crescimento

espiritual é o próprio Deus, mas Ele nos quis membros de uma comunidade, onde podemos contar com a mediação humana no discernimento dos seus desígnios.

Jesus disse: “Vai, chama teu marido” (Jo 4,16). Em um primeiro momento se pode pensar que Jesus quisesse gerar nela uma espécie de arrependimento acerca de sua conduta moral. A intenção de Jesus é, no entanto, que ela encontre a profundidade na verdade que lhe está sendo revelada. Afirma Zevini (1987):

É imprevisível a iniciativa de Jesus. Ele leva a mulher a uma impensada mudança do colóquio. Para conseguir que ela pusesse o problema do mistério daquele que fala com ela, Jesus mostra que conhece a situação religiosa do povo samaritano de uma maneira que não é só humana. As palavras do homem judeu que lhe está à frente têm a finalidade de levá-la a reconhecer que ele é um profeta. Não se trata, portanto, neste trecho, como muitos autores afirmam, de revelar a vida íntima da Samaritana, a situação pessoal de desordem moral com relação ao seu estado matrimonial, nem da capacidade de ler o seu futuro com fina sensibilidade psicológica, mas de ressaltar a origem idólatra do povo samaritano, de que a mulher é símbolo, e de fazer com que ela se conscientize que o culto samaritano não é legítimo, porque se prostituiu (Idem, *ibidem*, p. 128).

A orientação espiritual deverá levar o orientando a ler com novos olhos seu passado, reconhecendo também os falsos deuses que, ao longo da sua existência, tem cultuado.

Encontrar-se com o Deus revelado por Jesus Cristo é fazer uma opção pela vida, vida plena para si e para o mundo.

Tal qual a samaritana, o orientando pode trazer consigo convicções, preconceitos, modos de ver, ideias cristalizadas, pecados de estimação, atitudes não muito corretas, ambiguidades que precisam ser vistas à luz do Espírito. Sem esse caminho de reconhecimento das próprias incongruências corre-se o risco de não se chegar nunca a uma fé adulta e a um real e definitivo encontro. A V Conferência do CELAM ainda aponta:

Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo. Por isso, a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n.º 148).

A meta de todo o cristão é a santidade e essa precisa ser proposta com mais veemência. Trata-se, certamente, de uma santidade que, como diz o documento, leve o cristão ao coração do mundo.

“Não tenho marido” (Jo 4,17). A samaritana é sincera. Poderia ter mentido ou ter mudado de assunto. Na orientação espiritual, a sinceridade é fundamental. Como já se supõe que o orientando que quer caminhar na vida espiritual já tenha um bom autoconhecimento, isso lhe permite, no relacionar-se com o orientador, usar de sinceridade. O orientador não pode auxiliar se existem máscaras ou mecanismos de defesa. Somente na queda dessas barreiras o orientando poderá adorar o verdadeiro Deus em Espírito e Verdade.

O orientador espiritual conhecerá a realidade, levará o orientando a assumir-se enquanto pessoa, a reler sua história na ótica do Espírito, curando suas feridas, fortalecendo sua fé, ensinando-o a comunicar-se com Deus. Fomentará a escuta atenta do Deus que fala nos Sacramentos, na Palavra, nos marginalizados e nos fatos e acontecimentos da vida.

“ Vejo que és um profeta” (Jo 4, 19). Na convivência com o orientador o orientando perceberá que o Espírito Santo dá ao orientador dicas certas, e se surpreenderá quando perceber que, pela escuta atenta e a seriedade do serviço prestado, o orientador o conhece mais que ele próprio.

“Crê, mulher [...] Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos. [...]” (Jo 4, 21-22). O orientador é um mediador que sabe o caminho, que conhece o Senhor e sabe que Ele não desampara os que o buscam, pois sabe que sempre encontrou nele auxílio e conforto. Dessa experiência também o orientador tal qual Jesus convida o orientando a crescer na fé e o ensina a adorar ao Deus revelado por Jesus Cristo.

“Mas vem a hora e é agora em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois são esses adoradores que o pai procura”.(Jo 4,23). Jesus faz a samaritana dar o salto de qualidade no que tange as suas crenças. O orientando descobrirá que não pode fazer a menos de Deus, pois esse no seu infinito amor o envolve, tal como o feto no útero materno. A cada instante Deus gera o homem novo que adora em espírito e em verdade. Poder-se-ia se dizer à luz de Pentecostes que o próprio Espírito Santo vem rezar, adorar e louvar naquele que crê. A linguagem humana torna-se pequena demais diante de tão grande maravilha.

O orientador ensinará a ouvir, a perceber e dar vazão as moções do Espírito que clama na pessoa com gemidos inefáveis (Cf. Rm 8,26b).

[...] Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo". Disse-lhe Jesus: "Sou eu , quem falo contigo".(Jo 4,25-26). Por vezes o orientando já ouviu inúmeros anúncios de Jesus, e cada anúncio salientando um aspecto dele, porém nem sempre recebeu o anúncio verdadeiro e integral da boa nova que Ele trouxe ao se encarnar, ao morrer e ressuscitar. O orientando ao longo do processo da orientação precisará encontrar-se com o Cristo, o Messias. O orientador propiciará as condições para que esse encontro aconteça. A samaritana havia ouvido falar, mas não possuía elementos para reconhecê-lo. A maior alegria de quem presta o serviço de orientação espiritual é escutar da pessoa que acompanha: "encontrei o Senhor", e perceber que a cada momento o Senhor se revela, por vezes sobre falsas vestes.

"A mulher então deixou o seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz". [...] Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro" (Jo 4,28 - 30). No item anterior já se viu o que significa deixar o cântaro, fixar-se-á o olhar agora no segundo verbo "correu". Uma vez que o orientando tiver se encontrado com o Cristo nada mais lhe será de atrapalho ou de bloqueio. Cruzes ocorrerão, mas o modo de carregá-las será realmente diferente. É a experiência de todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito, o modo novo de ver e de ser, torna o peso da vida mais leve. O encontro renova, dá forças, vigor. Não é isso que os sacramentos deveriam propiciar aos fiéis? O encontro fez com que ela se conhecesse e conhecendo-se pode reconhecer o homem que dissera tudo que ela fez. A pessoa tenta fugir de Deus para ser mais livre e na verdade quanto mais longe dele torna-se mais prisioneira de si mesma.

"Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou" [...] (Jo 4,34). Os discípulos retornam, não haviam ainda percorrido o caminho que a samaritana acabara de percorrer e falam da terra, de alimento material. Jesus, ainda "atônito" pela ânsia de Deus daquela mulher, responde a uma pergunta terrena com categorias do céu. O orientando aos poucos irá discernindo o que vale realmente a pena e, já num estágio maduro da orientação espiritual, chegará a afirmar que o alimento dele é fazer a vontade do Pai. Tal atitude como se verá mais adiante, não comporta sair do mundo, mas fazer do mundo um lugar onde Deus possa caminhar com a sua criatura, tal qual se pintou no paraíso do Gênesis.

Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que testemunhava: *“Ele me disse tudo que eu fiz!” [...] Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele e diziam a mulher: “Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo (Jo 4,39 - 42).*

Depois de crerem no que a samaritana disse seus coetâneos creram a partir experiência pessoal que fizeram de Cristo. O orientador fala, esclarece, admoesta e reza pelo orientando. Por sua vez o orientando pode apresentar resistência à linguagem e aos ensinamentos do orientador, como o povo que não acredita no testemunho, precisou experimentar. O orientador, por ter clareza que é mero instrumento, não se sentirá diminuído, mas entenderá que determinadas pessoas só creem tocando com as próprias mãos. Portanto, o orientador precisará levar o orientando a essa experiência pessoal, onde saboreará o amor infinito de Deus.

Chegará um momento em que o orientando não precisará mais ir até o orientador. Já saberá o caminho e se desligará, sem, no entanto, parar de caminhar. O processo, como já se disse, é para toda a vida. O orientador suscitará o desejo de beber das fontes da Água Viva, que é o próprio Deus. O orientando, então, deixará a busca superficial, para alçar voo, passando a perceber tudo com os olhos de Deus.

Se os leigos cristãos realmente experimentassem a “doçura” do caminho feito com o Senhor, iriam incendiar-se de amor e transformariam os ambientes onde estão inseridos. Concretizariam o que os Padres Conciliares disseram:

E assim manifestam Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade. A eles, portanto, cabe de maneira especial iluminar e ordenar de tal modo todas as coisas temporais, às quais estão intimamente unidas, que elas continuamente se façam e cresçam segundo Cristo, para o louvor do Criador e Redentor. (LG, nº 31).

Aprender a amar a Deus e a buscar em tudo cumprir a sua vontade é o segredo de uma vida cristã mais autêntica, atitude que há de ser desenvolvida numa boa orientação espiritual, sem, contudo, tornar os orientandos proprietários do Espírito. Para Nouwen:

Definitivamente, descobrimos que Deus não pode ser compreendido nem percebido pela mente humana. [...] Quando você busca ser formado por Deus com consciência, é muito importante perceber isso profundamente. Existe uma grande tentação para sugerir a mim mesmo ou, aos outros, onde Deus está operando ou não, quando

Deus está presente ou não, mas ninguém, nenhum líder cristão, padre, pastor, monge ou freira, nem seu diretor espiritual tem conhecimento especial sobre Deus. A plenitude de Deus não pode ser limitada por nenhum conceito nem previsão humana. Deus é maior do que a nossa mente e o nosso coração e é perfeitamente livre para ser revelado onde e quando quiser (NOUWEN, 2007, p. 108 -109).

A proximidade a Deus buscada pela orientação espiritual pressupõe, ainda, humilde serviço à comunidade e ao mundo. Ao poucos o orientando irá percebendo que simplesmente seus passos se tornaram mais leves e expeditos, pois agora sabe em quem colocou a confiança.

Esse estágio somente se alcança quando o orientando assume a sua identidade de filho amado de Deus. Inicia-se, então, uma relação pessoal, íntima, que sacia, orienta e fecunda.

A direção espiritual realizada nos moldes desse encontro que se acabou de degustar propiciará ao orientando a firmeza de testemunhar, tornar-se verdadeiramente um discípulo missionário como a samaritana, que retorna à cidade como uma mulher nova e sua liberdade a leva a anunciar destemidamente.

Lê-se no livro de Oseías: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração” (Os 2,16). Deus quer seduzir os seus filhos para que eles possam gozar de suas delícias.

3. OS PROTAGONISTAS DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES

Este capítulo debruça-se sobre o perfil do orientador espiritual apontando as dificuldades que podem ser encontradas na condução da orientação espiritual. Centra-se a reflexão no papel do Espírito Santo como protagonista da orientação espiritual, na figura do mediador humano, o orientador e sua relação com o orientando, definindo os papéis e os entraves enfrentados individualmente e na relação em si:

Aquele que deseja permanecer sozinho, sem ajuda de um guia, é como uma árvore solitária sem dono em um campo, cujos frutos, por mais abundantes que sejam, serão colhidos pelos passantes e jamais amadurecerão (CORTI, 1997, p. 42).

3.1 O Espírito Santo: o orientador por excelência

O Espírito Santo é o grande orientador, é o mestre interior que conduz tanto o orientador como o orientando. A presença constante do Espírito Santo é o diferencial entre a orientação e as demais tarefas formativas e não se confunde com a catequese, com o aconselhamento ou com a confissão. Miranda descreve essa condição:

[...] há um só Diretor e Guia, que é o Espírito Santo, mas podemos chamar vivencial e verdadeiramente uma pessoa humana de “diretor” e “guia” se percebermos que ele é instrumento do Espírito Santo e, portanto, por analogia e participação comunicativa, é o “canal” de ajuda do Guia definitivo. Condição indispensável será que o diretor se deixe possuir pelo Espírito Santo e atue do modo dele (do Espírito) (MIRANDA, 2009, p. 72).

Mesmo que o Espírito Santo seja o grande mentor, observa-se, ao longo da história de Salvação, que Deus sempre quis precisar de mediadores humanos, ou seja, uma pessoa ou uma comunidade. Nesse contexto, destaca-se o papel da Igreja como mediadora da interpretação da Palavra que precisa ser atualizada. De um lado, há uma crença imensa no Espírito Santo, na sua ação como pessoa divina; de outro lado, ao mesmo tempo se o desconhece.

O Espírito Santo é o amor intenso do Pai para com o Filho, é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, portanto têm a mesma substância e a mesma essência do Pai e do Filho.

Erra-se ao pensar que o Espírito Santo entra em ação apenas após a ascensão do Senhor. Ele já esteve presente na história da Salvação desde a criação do mundo e permanece agindo na história. Cantalamessa e Gaeta referem-se à missão do Espírito Santo nos termos seguintes:

Sob o ponto de vista da nossa experiência, a grande mudança que o Espírito Santo traz ao mundo é exatamente o fazer-nos passar do “temor a Deus” para o “amor a Deus”, do entender Deus como “patrão” ao senti-lo exatamente como “pai”. É uma ação que acontece no profundo do coração do homem e não apenas em nível intelectual: isto entende a escritura quando fala do nascimento “da água e do espírito” (João 3,5), isto é, do renascer como homens livres. É o milagre que acontece no Batismo (CANTALAMESSA; GAETA, 1997, p. 19).

No batismo, o cristão recebe o Espírito Santo, porém, ao longo da vida, precisa exercitar-se na escuta atenta das suas moções. O Espírito Santo fala constantemente como guia sábio, inclusive nas controvérsias da vida humana:

Existem diversos níveis e variados modos em que o Espírito Santo fala. Antes de tudo, através da Igreja: portanto, obedecer à Igreja é responder positivamente ao Espírito. Depois o Espírito fala de um modo mais pessoal, individual, silencioso no nosso coração. Não é uma abstração: na vida de todos já houve circunstâncias em que uma voz, que definimos como “voz da consciência”, nos levou a perceber qual era a atitude correta a seguir. Nesse caso, ser dócil ao Espírito Santo significa aderir a essa inspiração interior que indica o caminho certo a seguir. Muitas outras vezes temos experimentado que sabíamos muito bem o que devíamos fazer e, ao invés, fizemos exatamente o oposto; mas até esta experiência negativa ajuda-nos melhor a entender o que implica dizer “sim” e “não” ao Espírito Santo (Idem, ibidem, p. 34-35).

A vontade de aproximar-se mais de Deus e de percorrer um caminho de santidade já é ação do Espírito Santo. A pessoa em si, mesmo que dotada de uma vontade firme, não poderá percorrer o caminho ascético se não estiver a todo o momento sendo movida pelo Espírito. É o Espírito que vai conduzindo o processo dando as graças necessárias tanto ao orientador quanto ao orientando. Miranda assim sintetiza essa ação:

A direção efetiva (formal) é um *misterium verbi*: “um mistério da palavra”. Ela supõe, portanto, uma mediação entre Deus e o homem. Ao admitir esta realidade decisiva da ação do Espírito Santo, é possível afirmar que não existem propriamente tipos diversos de direção espiritual, porque o que existe é só o caminho inescrutável do Espírito Santo para cada um. Outra coisa seria afirmar que podem

existir diversas técnicas para ajudar o dirigido nesse processo. (MIRANDA, 2009, p. 32).

A função do Espírito Santo é fazer com que a vontade de Deus seja cumprida, daí a sua presença como dinamizador, advogado, consolador e inspirador. Boldini afirma que o Espírito Santo é o autor da vida cristã e é sua missão fazer com que os cristãos façam opções corretas:

Em outros termos, se pode dizer que a tarefa do Espírito Santo é tornar-nos capazes de amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente (Mt 22,37), elevando muito além dos nossos afetos limitados a esta existência, libertando-nos da nossa pobreza espiritual. [...] Perceber no íntimo do coração, mesmo em meio às tribulações e no momento da prova suprema, como é a morte, que Deus é nosso Pai, é, como diz São Paulo, o fruto principal do Espírito Santo. [...] Com a presença do Espírito Santo, o Consolador, a nossa felicidade é verdadeiramente plena porque o nosso coração é orientado a Deus, e na medida possível a esta terra, à sua posse (BOLDINI, 1994, p. 79 - 80, tradução nossa).

Se o orientador espiritual tem por objetivo fazer com que o orientando chegue a cumprir a vontade do Senhor, pois só nela ele encontrará a liberdade, a felicidade e a santidade, ambos devem pôr-se permanentemente à escuta do grande Orientador, o divino Espírito Santo.

3.2 O orientando: alguém em busca de si e de Deus

O orientando é alguém que não se satisfaz apenas com práticas devocionais, pois quer algo mais. Sente que Deus o interpela para uma relação de maior profundidade.

A essa relação são exigidos alguns requisitos primordiais: o orientando precisa confiar no orientador, crer que o mesmo pode ajudá-lo e tem intenções reais de vê-lo crescer na relação com Deus e como pessoa. Da confiança emerge um outro requisito, que é o acolhimento recíproco. Precisa-se criar um clima de segurança e de confiança.

Os diálogos devem ser tecidos na busca comum da verdade. Essa não pode ser dita em partes ou omitida, mesmo que constrangedora. Se o objetivo é crescer, tudo deve ser transparente para que o orientador não trabalhe apenas com uma máscara:

A pessoa dirigida antes de qualquer coisa precisa rezar ao Senhor que lhe faça encontrar um bom guia e depois que o escolha com prudência e liberdade. É necessário que tenha confiança no diretor, se não, a relação é inútil (FAGIOLLO, 1995, p. 40).

Na relação entre o orientador e o orientando, a verdade deve ser dita plenamente, não em parcelas, pois o que se diz é o material sobre o qual se trabalhará. O orientando precisa dar-se a conhecer sem reservas, sem temores de juízos por parte do orientador. O orientador deve estar habituado a emoções fortes, portanto não se escandalizará, seja qual for o ato cometido ou o sentimento experimentado.

Os diálogos na orientação espiritual versam primeiramente sobre o autoconhecimento. O orientador verificará o quanto a pessoa se conhece e reconhece os dons que Deus lhe deu; os problemas e os conflitos em todas as áreas da vida; os sentimentos bons ou maus; se o orientando consegue dar nome ao que se sente; revelando as áreas que necessitam de conversão, que ainda estão impregnadas do “homem velho” e ainda, da relação com o Senhor: níveis, intensidade, constância, desânimos, fugas e arroubos.

Não se pode partir do zero. É necessário que o orientando possua uma iniciação, como afirma Miranda:

Supomos que, para seguir um processo de direção espiritual suficientemente adequado, é necessário um mínimo de “qualidade humana” e um mínimo de experiência espiritual da pessoa. [...] Portanto, é necessário se perguntar que suporte humano e espiritual traz a pessoa que se apresenta para uma possível “direção” (MIRANDA, 2009, p. 135).

Por ser um caminho, é preciso que se tenha uma assiduidade de encontros ritmada. A regularidade assegura: continuidade, fortalecimento e proximidade. No início, será mais frequente e de duração mais longa, aos poucos, mais breve e distanciada.

Para que a orientação espiritual seja profícua é preciso, ainda, que o orientando ouça e ponha em prática as orientações e admoestações do orientador, evitando a estagnação e o comodismo.

Docilidade e obediência também são requisitos para uma orientação espiritual. Obediência, entendida como ‘audiência’ livre, criativa, transparente, como já se mencionou. Importante é considerar essa feliz afirmação de Miranda:

[...] deixar-se dirigir espiritualmente não significa deixar a outros a responsabilidade das próprias escolhas ou satisfazer uma exigência imatura de dependência e apegar-se cega e exclusivamente a uma pessoa. Se a direção espiritual não nos torna mais livres, mais capazes de discernimento, mais autônomos nas escolhas, não é uma boa direção espiritual (Idem, p. 40-41).

A orientação espiritual conduzirá a pessoa a um relacionamento íntimo e profundo com o Senhor. Ela refina sua sensibilidade a ponto de proporcionar o envolvimento no mistério de Deus percebendo-o constantemente, bem como suas manifestações na realidade concreta, no seu cotidiano. Não é *fuga mundi*. É como se deixar ficar nu diante de Deus, reconhecer o que se é na mais pura verdade e sentir-se amado por Ele na mais profunda autenticidade. Esse processo de busca da santidade pode ser assim sintetizado:

Assim, pois, a direção espiritual pretende ajudar para que a pessoa chegue a se realizar em seu ser mais pleno, a ser o que deve ser em sua existência. Portanto, ajudar a conhecer o plano de Deus sobre a vida da pessoa e a colocar os meios condizentes com vistas à resposta mais adequada [...] ajudar para que a pessoa renda um culto maior a Deus em espírito e em verdade no desenvolvimento de sua existência. A direção espiritual pretende fazer andar e desenvolver um processo de procura dos desígnios de Deus sobre a pessoa e um processo de preparação para a resposta mais adequada à iniciativa divina. Vai ajudar para que a pessoa desenvolva esse processo a partir das possibilidades máximas de liberdade interior, desde os motivos fundamentados em valores definitivos e absolutos, com uma opção totalmente responsável e livre (Idem, p. 40-41).

Por vezes, a fé imatura do orientando o faz brincar de “esconde-esconde” com Deus. Como não ousa assumir o que é nas relações com as pessoas, acaba por transferir esses conceitos e preconceitos para a relação com Deus. Tal atitude o faz imaturo e falso consigo mesmo, como se de Deus se pudesse ocultar alguma coisa.

A filosofia oriental chama esse processo de “acordar”, que nada mais é que assumir o que se é sem máscaras e procurar tornar-se novo.

Há alguns passos a serem seguidos para se fazer uma boa orientação espiritual. Primeiramente é preciso criar o clima dialogal. A orientação espiritual não é um inquérito, é um interessamento dedicado onde a pessoa tentará falar dos seus sentimentos. O orientador auxiliará o orientando a descrever o seu estado de oração, sentimentos experimentados e o encorajará a expressar-se.

Num segundo momento, o orientando poderá individuar as reações boas ou más a partir da oração, sempre relacionadas a experiências tidas e vivenciadas. Nesse processo, passa-se para um terceiro passo, em que o orientando tentará ir se desvinculando de esquemas antigos de oração e comunicação e, aos poucos, dará um salto de qualidade na sua vida espiritual.

Um instrumento válido e precioso para uma boa orientação espiritual é a prática da *Lectio Divina*, ver-se e confrontar-se com a Palavra, captando o impacto dela nos sentimentos. Essa prática levará o orientando a dialogar com o Senhor, aumentando a própria capacidade de escutá-lo.

Como quarto passo, é fundamental para o orientando dar nome ao que sente, comunicando ao Senhor e tendo a coragem de admitir também sentimentos dissonantes, iluminando os meandros escuros, reconciliando-se consigo mesmo.

A Renovação Carismática Católica chama esse processo de “cura interior”. A pessoa é conduzida a descobrir seus limites e a reconhecê-los à luz de misericórdia de Deus e, com auxílio Dele, ir transformando o que não é conforme o seu plano de amor. Esse caminho é doloroso e, por vezes, o orientando pode reagir, fugindo ao invés de enfrentar, correndo o risco de levar uma vida superficial e morna.

Quando, porém, a pessoa busca ajuda, se abre à ação do Espírito Santo, à ajuda do orientador espiritual, reconhecendo os seus limites e então sente uma grande transformação. Os limites passam a ser degraus para a ascese e não obstáculo.

Barry diz que se vive numa tensão: busca-se “o novo homem”, mas se tem medo, preferindo-se, por vezes, permanecer no “velho” que não satisfaz. Tal fato, no entanto, pode ser reconhecido e a esse processo denomina-se resistência:

Resistência é um elemento crítico no desenvolvimento de todo relacionamento interpessoal. [...] Se expressa: na depressão, no tédio, no desencorajamento, na fuga, na sonolência (...) se manifesta na insistente repetição do mesmo tipo de reação (BARRY, 1987, p. 90).

Mesmo querendo uma transformação, inúmeros são os mecanismos que bloqueiam o caminho. Esses mecanismos precisam ser individuados e enfrentados com audácia, pelo orientando, sem autocomiseração, para não passar pela vida sentindo pena de si mesmos, achando-se incapazes de se superarem.

O apóstolo Paulo, como um bom orientador espiritual, exorta os Colossenses:

Mas agora abandonai tudo isso: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente. Não mintais uns aos outros. Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador (Col 3, 8-10).

Até o momento falou-se sobre a pessoa do orientando, quem é e quais são as dificuldades que enfrenta. Passa-se agora à pessoa do orientador.

3.3 O orientador espiritual: um amigo no caminho do crescimento espiritual

Primeiramente cabe afirmar que o orientador espiritual é descoberto pelos fiéis. Não é erigido ou empossado. A própria comunidade faz a divulgação, na partilha da experiência positiva. Desmistifica-se assim a figura de um orientador tão místico e afastado que vive num mundo à parte. Barry afirma, a esse respeito:

Quanto mais conscientes da vida da comunidade cristã forem os diretores e quanto mais eles conhecerem a respeito do relacionamento com o Senhor e com toda a realidade experimentada por aquela comunidade, maiores serão as possibilidades de serem úteis aos dirigidos (BARRY, 1987, p. 130).

A relação que se instaura é de fraternidade e não de superioridade, o que gera um clima de proximidade. O orientador espiritual é quem se dispõe a ensinar a rezar.

Vive-se num mundo em mudança. Os bispos reunidos em Aparecida afirmaram que estamos vivendo uma “mudança de época” (Documento de Aparecida, 2007, nº 7). Pode-se, portanto, por vezes, sentir insegurança diante de paradigmas em mudança e diante da ruína das próprias seguranças. O certo e errado possuem tons de subjetividade. Há sérias lacunas na formação espiritual e quando alguém deseja aprender a rezar, corre o risco de não saber a quem recorrer.

Por não terem com quem contar, as pessoas procuram outras práticas, terapias, grupos, sem, no entanto, responder às necessidades interiores. O fato é que, para a formação cristã, necessita-se de um orientador. A esse respeito afirma-se que:

Precisamos de alguém que nos ajude a distinguir entre a voz de Deus e todas as outras vozes que vêm da nossa própria confusão, ou de poderes escuros muito além do nosso controle.

Precisamos de alguém que nos encoraje quando formos tentados a desistir de tudo, esquecer tudo e fugir em desespero. Precisamos de alguém que... nos advirta, [...] que possa nos sugerir quando ler e quando calar (NOUWEN, 2007, p. 47).

Algumas qualidades são fundamentais a um orientador e, dentre elas, é possível elencar: equilíbrio psicológico; integração afetiva: capacidade de amar e de ser amado; ser uma pessoa de fé; capacidade de contemplação, de esperança, de sociabilidade, de confiabilidade e de empatia; além disso, estar ciente de que Deus é salvação e de que seu amor é incondicional.

Faze-se necessário que o orientador espiritual seja caloroso, ame muito a Deus e as pessoas intensamente, cuidando delas e querendo vê-las felizes, livres e realizadas:

[...] os diretores espirituais, pela sua própria profissão, têm que ser precisamente ouvintes têm que tentar pôr de lado as próprias preocupações, os próprios preconceitos, os próprios desejos por um lugar ao sol no plano dialogal, a fim de ver o mundo através dos olhos de outra pessoa, de compreender o que ela sente e experimenta, e não julgar (BARRY, 1987, p. 135).

A tarefa do orientador espiritual é delicada, pois está adentrando em um terreno sagrado, que é a outra pessoa. Essa ação exige muito do orientador, que, por vezes, pode se encontrar em conflito pessoal e, por vezes, criar certa relação de transferência. Nesse caso, a autoconfiança é fundamental e é de grande auxílio ter relações maduras com outras pessoas para compensar o desgaste da orientação, mesmo estando consciente de que fortes emoções são o “prato do dia” na orientação espiritual, com as quais precisa saber lidar.

Miranda (2009, p. 109) afirma ainda que são necessárias algumas atitudes fundamentais e as relaciona: boa intenção, autenticidade, receptividade, respeito, tolerância, motivação cristã e acolhida incondicional; bem como relaciona algumas habilidades específicas: conhecimento, experiência, objetividade, prudência, juízo, discernimento, saber escutar, saber expressar-se, saber explicar, saber diagnosticar, calar e prescrever.

De todas essas qualidades necessárias, mencionadas até agora, a mais importante é, no entanto, que o orientador espiritual creia no Senhor, tenha feito alguns passos na relação com Ele e tenha experimentado a sua misericórdia.

Além desses fatores internos, urge que o orientador espiritual entenda à Palavra e não seja fundamentalista. Por isso, a formação teológica é importante:

Os diretores espirituais não precisam ser especialistas em teologia ou ter conhecimento em todas as áreas, mas precisam de uma sólida base teológica, suficiente, pelo menos, para saberem o quanto as formulações dogmáticas são condicionadas por pressupostos culturais e filosóficos (MIRANDA, 2009, p. 140).

Cabe-lhe, portanto, buscar incessantemente a vontade de Deus mediante uma contínua oração, que o mantenha dócil às inspirações do Espírito Santo. Conhecer a história da espiritualidade, percorrendo a experiência dos santos e de outras pessoas. Isso pode auxiliá-lo a entender melhor as manifestações de Deus.

Igualmente importante é ter noção de uma sã psicologia, sem, no entanto, cair na tentação de fazer da orientação espiritual uma sessão de terapia. Conhecer a pessoa em sua totalidade é atitude fundamental para o orientador, portanto a formação para esse serviço deve ser esmerada e constante, para que o orientador esteja à altura da missão que lhe é confiada. Cuidar do ser humano é tarefa difícil e, nesse sentido, o orientador precisa estar convicto de que é um instrumento amoroso de Deus, de que está a serviço e de que o verdadeiro orientador é o Espírito Santo.

Por ser uma relação profunda, o orientador se verá envolvido com o orientando. Isso é inevitável e, portanto, estará sujeito a alguns riscos, como aponta o Cardeal Martini, riscos que aqui são resumidos:

- a) a *insegurança*: o orientador não está seguro e deixa o guiado cair ou desviar-se do caminho;
- b) a *sobrecarga*: o orientador pode estar com muitos afazeres, por vezes até com tarefas superiores às suas forças físicas e espirituais, ou ainda ter sobrecarga de muitas pessoas ou de uma pessoa muito complicada;
- c) *falta de atenção*: às vezes o orientador “dorme”, deixando, por distração, passar coisas importantes para o orientando;
- d) *falta de autodomínio*: o orientador deixa-se abater, perde a paciência, se irrita, se desencoraja, chegando a perder a ética, faltando-lhe inclusive retidão interior (MARTINI, 2007, p.18-20, tradução nossa).

Pode-se deparar com um orientador “fraco” e que se contenta, que ouve sem a devida atenção e que não aponta para metas mais altas:

Isso acontece, sobretudo, na direção simples feita durante a confissão, onde, na maioria das vezes, não se indica metas, passos sucessivos, caminhos. Tudo então se arrasta, [...] de modo enfadonho, que cansa diretor e dirigido (MARTINI, 2007, p. 21, tradução nossa).

O orientador auxiliará no relacionamento do dirigido com Deus e, ainda, a viver as consequências dessa relação, pois a orientação espiritual não se apoia em ideias, mas numa experiência progressiva em Deus. A pessoa que ministra orientação espiritual ajuda a outra se dirigir diretamente a Deus e a ouvir o que Ele lhe tem a comunicar.

O orientador é alguém que consegue ver dentro da pessoa as possibilidades de um caminho espiritual promitente que o orientando não consegue vislumbrar e isso se dá com uma escuta atenta. Wolf escreve, a esse respeito:

Porque escutar não significa somente pôr-se a ouvir e procurar no que se está dizendo, as informações principais. [...] Mas, se trata de algo que vai além da troca de informações. Uma escuta atenta estimula a língua e o cérebro. A escuta é arte de dar a mão a alguém com o próprio silêncio. A escuta é, muitas vezes, o maior serviço que se possa prestar a uma pessoa, e exige do orientador muito mais que o seu silêncio momentâneo para que também o interlocutor possa tomar a palavra (WOLF, 2010, p. 129, tradução nossa).

É como a história do leão de Michelangelo: o menino só via o mármore, mas o artista, olhando a pedra informe, vê o leão (NOUWEN, 2007, p. 39). Em outras palavras, o orientador espiritual fará aflorar na pessoa o que ela tem de mais autêntico e verdadeiro, aquilo que Deus confiou a ela em toda a sua potencialidade.

3.3.1 - O orientador e sua tríplice função: paternidade, educação e conselho

O orientador exerce, no seu ministério, a tríplice função de: paternidade, magistério e conselho.

O conceito de *paternidade* atualmente se encontra bastante desgastado. Até porque o próprio Jesus disse que não se deve chamar a ninguém de pai (Mt 23,9). Esse termo, porém, sempre foi usado na Igreja em analogia com quem gerou para a fé e essa é função do orientador espiritual. Diz Martini:

Se alguém de nós se reporta à experiência dos grandes mestres de espírito que teve, sente que se desenvolvia uma relação de paternidade que, porém, não era esporádica, implicava atitude, cuidado, amor, proposta, sugestão, não se cansar nunca (MARTINI, 2007, p. 22, tradução nossa).

Um risco que se corre é o de instaurar uma relação paternalista em que, ao invés de tornar a pessoa cada vez mais livre, se subjuga e se cria dependência. Nesses casos é como se o orientador quisesse fazer do dirigido sua imagem e semelhança. O orientando perde a autonomia e a própria subjetividade e o orientador perde o foco principal, que é ser instrumento do Espírito Santo.

Ao orientador espiritual cabe conduzir o orientando à rocha que é Deus e não se pôr como apoio, pois seria um grande risco. O orientador espiritual precisa saber em quem crê. É alguém que reconhece o agir de Deus na sua história pessoal e a respeito disso é possível aprender que a paternidade não significa posse. Miranda conclui a esse respeito:

A paternidade só será autêntica se tiver consciência, mais ou menos reflexa, de que o verdadeiro Pai é Deus, que se dá na “carne mediadora” que é o diretor espiritual. Será autêntica, desse modo, se tiver esse instrumento transitório flexibilidade o suficiente para desaparecer, retirar-se do meio, renunciar a uma amizade profunda do tipo exclusivo, para deixar espaço ao encontro da “criatura com seu Criador” (MIRANDA, 2009, p. 71).

Todos os passos do orientador visam isso, não uma satisfação egocêntrica. O Cardeal Martini aponta esse risco e afirma:

É importante reconhecer não só com palavras, mas ter convicção do primado do Espírito Santo, evitando assim um envolvimento emotivo e afetivo desordenado. Deve-se ter claro que a busca da direção espiritual, muitas vezes, é mista, não é sempre pura: não se pede, simplesmente uma direção espiritual, muitas vezes se necessita de uma compensação afetiva. Às vezes por falta ou insuficiência de pai e de mãe (MARTINI, 2007, p. 23, tradução nossa).

Isso, no entanto, não deve tolher o outro lado da paternidade, que se faz cuidado, estima e proximidade, pois todos necessitam desses sentimentos. O

conceito acerca de Deus, na teologia moderna, é de um Deus próximo, que cuida, que se abaixa, que se anula por amor. É o bom pastor, é água viva, é pão repartido. Essa é uma experiência que um bom orientador espiritual também faz, pois comprometer-se com o crescimento de uma pessoa é também morrer para as próprias tendências e vontades. São Francisco de Sales, o grande orientador espiritual, fala sobre a função de paternidade:

Meu caro leitor, penso que, sendo eu bispo, nosso Senhor quer que eu desenhe nos corações, não só as virtudes comuns, como também a devoção que lhe é tão cara. E eu o faço de bom grado, cumprindo o meu dever e esperando que, gravando-a no espírito dos outros, o meu também receberá alguma coisa (SALES, 2008, p. 24).

Percebe-se aí o zelo em fazer crescer a pessoa dirigida, o cuidado de pai e, de outro lado, a reciprocidade da relação que faz crescer ambas as partes.

Outra função que o orientador espiritual exerce é a de *educar* o orientando. Para tanto, o orientador se valerá do conhecimento dos Santos Padres, dos Documentos da Igreja e de todos os instrumentos que possibilitem um maior conhecimento e entendimento da fé. Isso comporta determinadas condições, tais como a oração, a escuta e o cultivo da vida interior.

O orientador espiritual é alguém que já percorreu o caminho, porém continua caminhando, crescendo na escuta atenta da Palavra, na oração, no cultivo da vida interior. Ele, portanto, ensina ao orientando a fazer uso desses meios como instrumentos eficazes da busca e de cumprimento da vontade de Deus. Tem, também, nesse aspecto, a clareza de que há somente um Mestre, o Cristo (Jo 4,1-15).

A função é ensinar e não fazer o caminho pela pessoa. Por vezes, corre-se o risco de atropelar o processo, exigindo muito ou facilitando em demasia. Isso se dá quando o orientador espiritual dá receitas prontas, o que é impossível, já que o fundamental é a escuta do Espírito Santo, respeitando as individualidades, os contextos, as histórias particulares. Não há receitas ou fórmulas pré-fabricadas. Não se pode ver a pessoa orientada em partes. Ela é um todo e como tal deve ser considerada. Em momento algum a pessoa orientada deve abdicar de sua liberdade:

A direção espiritual não pode ser conduzida pelo "respeito humano", no qual o diretor não fala o que precisa ser realmente dito com receio de que a pessoa se sinta ofendida. Esse processo precisa ser feito com sinceridade e transparência. Quem está sendo dirigido precisa

ser obediente. Tem que haver esta boa vontade em obedecer ao que o diretor espiritual indica. Se não existe docilidade, a direção espiritual é uma perda de tempo, a pessoa recebe as direções, mas não as coloca em prática. Daí não adianta nada. É preciso levar a sério e se comprometer com a direção espiritual. Muitas vezes, o diretor espiritual vai tocar, sim, nas feridas do coração daquela pessoa. E vai doer. Doer muito. Mas é melhor a dor que liberta do que a covardia da ferida escondida, que nunca é tocada, nunca é mexida, mas que está ali, doendo e influenciando a vida daquela pessoa. O diretor espiritual é um instrumento nas mãos do Espírito Santo (LUIZ, 2010, p. 2).

Certamente o processo de identificação, aceitação, correção e estruturação de novas metas de um ser que se pretende tenha a estatura e a dignidade do Filho de Deus é um caminho árduo e que exige, respeito, constância e afinco.

Na área pedagógica, fala-se em não “queimar etapas”. Também aqui, nesse ensinar, é preciso respeito às diferenças individuais, limites e dificuldades, possibilitando a autonomia e assegurando a liberdade do orientando. É necessário respeitar os ritmos pessoais. É fundamental para o orientador conhecer a realidade do orientando. Goya afirma:

A ação formativa do acompanhador espiritual e do educador em geral será imprópria e inadequada, se não apoiar-se sobre o seguro conhecimento dos indivíduos aos quais dirige a sua ação. Na avaliação do ato humano é preciso considerar o seu autor, nas suas circunstâncias, nas suas motivações múltiplas e muitas vezes conflitivas, da carga e da pressão de suas pulsões, dos seus hábitos, dos seus juízos refletidos sobre a deliberação racional (GOYA, 2001, p. 39, tradução nossa).

Ensinar requer preparação antes e depois, bem como avaliação do processo e das atitudes de ambas as partes. Todo ato educativo requer atenção. O orientador espiritual precisa estar inteiro no atendimento. A sua receptividade dará segurança e confiança ao orientando. Ambos precisam realmente querer instaurar essa relação e acreditar que o caminho é possível.

A terceira função do orientador espiritual é a de *conselheiro*, que nada mais é que auxiliar a discernir. Tal função pode ser exercida até na confissão.

Discernir é separar, identificar o que é bom e o que não é bom. Descobrir qual é a voz de Deus e qual é a voz do mundo. Essa é uma tarefa sempre mais difícil num mundo onde os valores se misturam e onde há tantos contravalores.

Interiormente, identificar e aceitar os lados escuros da mente pode ser difícil. Por isso é preciso considerar o que é bom e o que é propositivo, dando o justo peso

para ambas as partes. Em outras palavras, é preciso aceitar-se limitado, o que Paulo afirmara *“Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero”* (Rm 7,19 - 20).

Assim, portanto, a contradição habita a pessoa e gera uma tensão permanente, no entanto isso não significa desencorajar-se, mas acreditar que o Espírito Santo pode usar dos limites para ascensão. Discernir não é optar pela pessoa. Individuando o bom e o mau, o orientando deve optar livremente. A orientação espiritual, mais que dar conselhos, vai ao profundo do pensar e do amar, para ensinar a reler e a se posicionar de modo convertido:

Um diretor espiritual, neste sentido estrito, não é um conselheiro, um terapeuta nem um analista, mas um companheiro cristão maduro que escolhemos como responsável pela vivência da nossa vida espiritual de quem podemos esperar apoio voltado a orações, em nossa luta constante para discernir a atuação de Deus... Pode ser chamado de “amigo da alma” ou “amigo espiritual” (NOUWEN, 2007, p. 47).

O orientador não dá o passo pelo dirigido, porém cabe a ele apontar caminhos novos possíveis. Não deve ficar só numa avaliação do que se deu, pois tem que propor um passo adiante. Assim afirma Martini: “Faz bem também às pessoas mais preguiçosas ouvir que são valorizadas e capazes de fazer algo a mais, ouvir que se espera delas algo de concreto e fatível” (MARTINI, 2007, p. 28, tradução nossa).

Além desses riscos, encontram-se ainda outras dificuldades, tanto por parte do orientador como do orientando. O orientando pode colocar resistências, tais como o acomodamento, o imobilismo, o fechamento. Da parte do orientador, algumas carências graves podem ocorrer, tais como: dirigismo, autoritarismo, exterioridade, intelectualismo, voluntarismo. Essas são atitudes que o colocam no centro do processo, desviando-o da meta real, que é o orientando e sua relação com Deus.

Volta-se a frisar que a relação com Deus já está dada antes de a pessoa procurar a orientação. Essa é fruto de uma busca pessoal de escuta e de desejo de Deus, portanto o orientador fará dar passos sucessivos de aprofundamento dessa relação. Isso se dará pela constância e pela frequência do contato. Assim, o que se instaura é uma tríade relacional: Deus, orientando e orientador. Não é tarefa do orientador criar o relacionamento da pessoa com Deus e sim fortalecer um vínculo já existente. Deus não precisa de intermediários, mas o ser humano necessita de

mediadores. O orientador indica o caminho mais rápido, porém o orientando deve percorrer, com suas próprias pernas, o caminho até chegar à meta.

No processo de orientar, pode-se seguir o seguinte método: escuta empática, que gera acolhida e respeito; atenção, ou seja, estar voltado inteiramente ao dirigido sem dispersão; afirmação que implica, para o orientador, mostrar que está entendendo, acompanhando o raciocínio; ajuda em esclarecimento; e fazer perguntas quando o dirigido assim o desejar. O orientador perceberá, na sua prática, que há pessoas que necessitam desse auxílio e outras que podem sentir-se bloqueadas com perguntas, preferindo falar espontaneamente; ajuda ao dirigido para que ele reconheça as atitudes afetivas que influenciam sua posição em relação a Deus, em outras palavras, auxiliá-lo a dar nome ao que sente.

Pode-se resumir a ação do orientador em duas tarefas principais: a) estar atento às manifestações do Deus que se revela: b) ajudar o dirigido a reconhecer suas reações e a decidir quais as respostas dará a esse Deus. O orientador auxilia a dialogar com o Senhor, para isso considerando as coisas realmente significativas, ou seja, os “fatos-chave” (BARRY, 1987, p. 74).

São Francisco de Sales fala dessa relação como uma amizade muito importante. Diz ele:

Se é, pois, tão importante, Filotéia, ter um guia experimentado nos caminhos da devoção, pede com todo o fervor a Deus que te mande um segundo o seu coração e não duvides nem um instante que ele te enviará um diretor sábio e fiel, ainda que fosse um anjo do céu, como ao jovem Tobias. De fato, esse amigo deve ser um anjo para ti, isto é, uma vez que o tenhas obtido de Deus já não o deves considerar como um simples homem! Não deposites a tua confiança nele se não com respeito a Deus, que por seu ministério te quer guiar e instruir, suscitando no seu coração e nos seus lábios os sentimentos e as palavras necessárias para a sua direção (SALES, 2008, p. 41).

Amizade entre o orientando e o orientador, segundo o Santo Doutor, deve unir força e doçura, sem jamais perder de vista o caráter espiritual, sagrado. O Santo Doutor invoca Tereza de Ávila, que dizia que o orientador espiritual deveria ser escolhido um entre dez mil. Eis suas palavras:

E eu te digo: escolhe um entre dez mil, porque se acham muito menos do que se cuida. Que sejam capazes deste ofício. Deve ser cheio de caridade, ciência e prudência; se faltar uma destas três qualidades a escolha será arriscada. Repito-te ainda uma vez: suplica a Deus um diretor e, quando o achares, agradece à Divina

Majestade; persevera então em tua escolha, sem ir procurar outros (Idem, ibidem).

Por essa expressão, da grande doutora da Igreja, pode-se perceber que, já naquela época, encontrar pessoas formadas e disponíveis para esse serviço era difícil, como o é nos dias atuais.

Viu-se, ao longo deste capítulo, que as dificuldades na orientação espiritual podem-se dar no âmbito da relação entre orientando e orientador, na falta de clareza do orientando e no pouco conhecimento por parte do orientador. É, no entanto, relevante a queixa feita por Santa Tereza, ou seja, a dificuldade de se encontrar um bom orientador.

Talvez a escassa oferta dessa modalidade e o descuido pastoral passem primeiramente pela formação dada às pessoas que ocupam lugar de liderança nas comunidades católicas. Antes de poder orientar, o orientador precisa ter sido orientado, ter percorrido também ele o caminho do conhecimento espiritual, de frequência assídua à Palavra, aos sacramentos e de escuta atenta do Espírito Santo.

Em geral, a formação teológica prima pelo conteúdo, visando, na grande maioria uma formação meramente intelectual, tal formação é momentânea e não conduz a uma reflexão profunda e a uma sólida espiritualidade. É comum deparar-se nas comunidades com pessoas que estão prestando serviços à comunidade há vinte, trinta, quarenta anos. Vê-se, no entanto, que as atitudes e a postura não demonstram, infelizmente, uma real adesão a Cristo. Subsistem grupos isolados, fofocas, arrivismos e desfiles de egos inflados.

Não faltam encontros, não falta formação, porém, em alguns casos, não há uma preocupação real com o crescimento espiritual. Parece que quase se delega essa área ao cultivo pessoal ou, ainda, se acredita que as pessoas já sabem o caminho, portanto não há necessidade de um acompanhamento sério. Corre-se o risco de formar cristãos em gavetas, como a gaveta da liturgia, a gaveta da obra social..., tudo desconectado, bons funcionários e não irmãos amados por um mesmo Pai.

A formação para um crescimento efetivo requer tempo, zelo pastoral e escuta do Espírito que fala e impele a um maior cuidado com os amados de Deus. Não se pode negar que as paróquias prestem hoje um serviço maravilhoso em diversas áreas, porém os objetivos precisam ser comuns. Cada movimento ou pastoral

precisa propiciar o real encontro do fiel com o Cristo. E, uma vez que haja encontro, importa cultivar o crescimento contínuo da escuta da vontade de Deus. É um trabalho árduo, porém fundamental para quem deseja realmente ver a pessoa chegar à “estatura de Cristo” (Ef 4,1).

4 A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL PARA A MISSÃO DOS CRISTÃOS LEIGOS

A orientação espiritual para os cristãos leigos auxiliará na formação de uma espiritualidade robusta e, conseqüentemente, adesão à missão de construir um mundo segundo o Evangelho. Neste capítulo procura-se repensar o conceito de espiritualidade laical e, ainda, considerar as proposições elaboradas por São Francisco de Sales como orientação para a missão dos leigos nos dias atuais.

4.1 Repensando o conceito de espiritualidade

A orientação espiritual traduz-se como uma profícua possibilidade para a formação dos leigos e tem por objetivo fazer crescer na espiritualidade cristã.

Na virada do milênio, com a expansão da tecnociência, previu-se uma derrocada do aspecto religioso e, conseqüentemente, da espiritualidade. O que se viu, contudo, foi o efervescer de espiritualidades, das mais diversas e das mais variadas cores teológicas.

A tradição católica, nos seus dois mil anos de história “produziu” muitas espiritualidades centradas no Cristo e nas suas atitudes. Basta olhar para as diversas ordens religiosas, cada qual com seu estilo, tanto devocional como prático, de viver um determinado aspecto da vida do Cristo.

Tanto a vida religiosa como os movimentos e associações leigas ao longo da história sempre expressaram um tipo de espiritualidade. Tal espiritualidade era transmitida de pessoa a pessoa, ou até mesmo aprendida nos cursos e nas publicações, no entanto nem todas as espiritualidades levaram e levam à libertação.

Ao entender espiritualidade como algo que afeta o ser humano por inteiro e que, de certa forma, determina o ser e o agir, constata-se, observando certas práticas e ritos, que muitas espiritualidades não são libertadoras.

A espiritualidade primeiramente precisa libertar as pessoas dos diversos condicionamentos e dos preconceitos. Mello usa um termo do hinduísmo para representar isso: é preciso “acordar”:

Espiritualidade significa despertar. A maioria das pessoas, mesmo não sabendo, estão dormindo. Elas nascem adormecidas, vivem adormecidas, criam seus filhos neste estado de sonolência, morrem sem jamais despertar (MELLO, 1991, p. 13).

Pode-se dar um exemplo de adormecimento ao considerar-se uma pessoa que teve pais superprotetores ou indiferentes; esta pode ter aprendido modos de ser e de agir muitas vezes condicionados pelo meio onde vive. Pode passar uma vida representando papéis assumidos até mesmo de modo inconsciente para contentar ou, até mesmo, para receber um pouco de atenção. Ao entrar na vida adulta aumentam-se, porém, as exigências e são cobradas atitudes pessoais diante dos fatos. Acaba assim por perceber-se sem uma identidade própria. Não há mais a quem recorrer, o adulto precisa assumir suas responsabilidades, dar nome ao que sente, pensa e faz.

Passar-se-á a discorrer sobre algumas atitudes básicas que a espiritualidade que se pretende libertadora possibilita a quem a assume: encontrar-se, abrir-se a contemplação, dispor-se ao amor, disciplinar-se e perdoar-se,.

4.1.1 Encontrar-se

A verdadeira espiritualidade possibilita primeiramente um encontro real consigo mesmo. Leva a pessoa a reconhecer os limites e as qualidades pessoais e, conhecendo-os conduz a respeitar o próprio biorritmo, não exigindo de si mesmo mais do que pode e, ao mesmo tempo, não se acomodando diante das dificuldades.

Na verdade, o grande anseio do ser humano é ser feliz, só que essa felicidade depende das escolhas que se faz. Em um mundo ávido de ter, a espiritualidade cristã prega a busca do que é essencial, do que realmente faz sentido e dá sentido.

Jamais como neste tempo as pessoas estiveram tão doentes psicicamente e, a cada dia, surge uma nova síndrome. Coisas tão simples que há um tempo, não tão distante, eram resolvidas com uma conversa ou com uma oração, agora não conseguem ser superados sem psicofármacos.

Ousar-se-á dizer que o “super-homem” gerado pela modernidade tornou-se um invertebrado. Partiu-se para um afloramento do eu instintivo de tal maneira que palavras como superação, enfrentamento, renúncia e ascese foram eliminadas do vocabulário e da prática cotidiana.

É certo que as gerações passadas desconheciam tantos males psíquicos, sofriam com isso e faziam sofrer. Parece, porém, que dar nome e saber as causas e efeitos dos transtornos, tem tornado o ser humano mais fragilizado, incapaz de enfrentar-se e de autotranscender-se.

O cultivo das virtudes também foi esquecido. A insistência em vencer-se, em superar os próprios limites e em tornar-se protagonista da própria existência parece coisa ultrapassada.

Na realidade, há, na base de tudo isso, uma ausência de sentido, falta de aceitação de que o mundo, as relações, o ser humano em si não é “cor de rosa”, mas nem por isso é “cinza escuro”. Contradições e desafios existem, alguns podem ser superados e outros não. A falência e a provisoriedade fazem parte da existência; a não aceitação disso causa profundas neuroses. Há uma canção popular de Lulu Santos que diz: “[...] tudo muda o tempo todo no mundo, não adianta mentir nem fingir pra si mesmo”; assim, não se pode negar essa transitoriedade.

A espiritualidade pode propiciar o encontro consigo mesmo e o silenciamento, pode, sim, auxiliar em uma releitura dos conflitos existenciais, pois leva o ser humano a ver-se com os olhos da fé. Fé que atesta que o ser humano criatura amada por Deus, mesmo limitada e sujeita a erros e contradições é sempre alvo do amor gratuito e misericordioso do Deus que é Abbá, Pai amoroso.

4.1.2 Abrir-se à contemplação

Em um segundo momento, uma boa espiritualidade pode dilatar os espaços do coração humano para acolher com maravilha os prodígios da existência. A cada instante, Deus surpreende com os milagres da vida ao nosso redor. Estar acordado é sempre se surpreender com o belo, com o prazeroso, com o deleitável.⁷

Tem-se perdido muita chance de apreciar as coisas boas e simples da vida. Como uma estranha contradição, “corre-se” tanto que se acaba por perder o bonde da própria vida, com todos os seus variados e coloridos matizes. Muitas vezes se investe demasiadamente no amanhã como se no hoje não houvesse chance e possibilidade de realização e satisfação. A lógica do mercado, não é a lógica do ser humano e da vida.

A espiritualidade pode: possibilitar o reencantamento pela criação e pelas criaturas; educar o olhar para ver além das aparências colhendo o essencial, o verdadeiro e o belo. É possível fazer do mundo urbano um deserto, ou um hermitério onde se pode encontrar Deus.

⁷ Certa vez uma palestrista, falando a um grupo de oitenta pedagogos, questionou-os se haviam visto, antes de entrar na sala, o espetáculo daquela noite de lua cheia. Para a grande surpresa, ninguém tinha percebido o presente que Deus lhes havia preparado naquela noite.

O olhar contemplativo leva a estar imerso no mundo, sem contanto, deixar-se absorver pelo mesmo, isso é possível se há um real cultivo dos valores primordiais que nunca passam de moda e que dão o tempero à existência pessoal e comunitária. Maravilhar-se e encantar-se verbos que andam em desuso na linguagem do homem e da mulher pós-modernos. Verbos que traduzem atitudes que necessitam ser redescobertas e valorizadas para que o fardo do cotidiano não se torne insuportável.

4.1.3 Dispor-se ao amor

A verdadeira espiritualidade torna a pessoa sensível, aberta a acolher e a dar-se inteira com paixão. Certamente porque, sensível, será afetada diretamente pelas mazelas do mundo, porém, nesse caso, não se aplaca, mas, ao contrário, se solidariza. Parece ser esta a proposta da espiritualidade cristã que se funda no binômio Deus e o irmão, o próximo, indistintamente do que seja ou de que acredita ser igual ao outro, não superior, irmão com o outro de caminhada, portadores do mesmo amor de Deus.

A espiritualidade libertadora, como se afirmava no início deve libertar primeiramente a pessoa, não subtrai do mundo, mas, justamente por tornar “humano” e, quanto mais humano, mais divino, abre-se à solidariedade. Emerge então um segundo aspecto já presente na I Carta de João: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós. Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele”. (I Jo 4,12a.16) Depois que o Verbo se fez carne, não há mais fronteiras entre céu e terra. O jeito de Jesus ser humano mostra um novo estilo do agir de Deus e um novo conceito de Deus.

A espiritualidade, não pode ficar alheia aos diversos “rostos sofredores” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, nº 407). Já a *Gaudium Spes* convoca a Igreja:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (GS, nº 1).

Importa uma solidariedade que vai além do grupo dos eleitos, que olha com ternura assumindo a dor dos outros. A espiritualidade libertadora incentiva à inquietação, ao inconformismo e a um agir transformador em comunidade auxiliada por um Deus que caminha junto, no chão da vida. Trata-se de uma espiritualidade

encarnada, que, na concretude dos “ais” cotidianos, faz o Reino acontecer. Defender que a espiritualidade só pode ser vivida num contexto de silêncio e em um lugar próprio e adaptado é elitizar a espiritualidade.

O cultivo da espiritualidade iniciar-se-á, num primeiro momento, com um encontro pessoal e com práticas individuais. Depois, no entanto, o processo de conversão até então afirmado precisa abrir-se à comunidade, para não correr o risco de tornar-se uma espiritualidade estéril. Gutiérrez (1984), concluindo sua reflexão sobre a espiritualidade cristã, afirma:

Este amor de Deus é gratuito, mas é dado sem que o mereçamos. Dom que recebemos antes mesmo de existirmos, ou, para sermos mais exatos, dádiva para qual fomos criados. [...] Por isso que a gratuidade marca nossas vidas de tal modo que somos levados a amar e a procurar sermos amados gratuitamente. Trata-se de uma questão-matriz. O verdadeiro amor sempre é um dom, algo que está além das motivações e dos méritos, aspiração humana profunda, porque é o terreno da doação radical e da beleza em nossas vidas (GUTIÉRREZ, 1984, p. 121-122)

Abrir-se ao outro e tomá-lo sobre os ombros com gratuidade é consequência de uma espiritualidade libertadora. É no encontro com o outro que a pessoa se revela, se descobre digna de amor e capaz de amar. Há um ditado popular que afirma que ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar e ninguém é tão rico que não tenha para receber.

Sinal de um encontro real com o Senhor é ter forças, não obstante as fadigas do longo caminho, para correr para a comunidade e, tal qual os discípulos de Emaús, anunciar que se viu o Senhor, e ele estava, sim, na Palavra e na Eucaristia, mas também está: no prisioneiro, no sedento, no despido, no sem teto e no abandonado.

4.1.4 Disciplinar-se

Para chegar a essa espiritualidade madura e libertadora é preciso *disciplina*, o que os antigos monges chamavam de ascese. Como a pessoa é limitada, terá que realizar escolhas, pois não pode ter e fazer tudo; essas escolhas compreendem renúncia e, às vezes, até morte de algumas áreas que impossibilitam o crescimento pessoal e comunitário.

O ser humano é levado natural e instintivamente ao que é mais fácil, rápido e prazeroso e nossa sociedade, mais que em outras épocas, possibilita a obtenção

dessas satisfações imediatas. Quem tem condições de comprar esse bem estar se farta das mais variadas possibilidades e quem não as tem passa a vida lutando para possuí-las, iludido que nas mesmas encontrará a felicidade.

A disciplina é fundamental para quem quer crescer espiritualmente é ela que possibilitará a organização do projeto de vida, onde se estabelece o que é prioritário. Disciplina: no comer, no dormir, no trabalhar, no lazer, no relacionar-se, no educar e inclusive na vida de oração. Ela não é uma imposição é um jeito necessário para se ter uma vida saudável.

O número crescente de academias de ginástica, spas, clínicas de estética e consultórios nutricionistas, nada mais são que lugares que ensinam, a custos elevados à disciplina. As pessoas que frequentam estes espaços provam gradativamente o aumento da qualidade de vida. É sabido, no entanto que o progresso e os bons resultados só durarão se a pessoa se disciplinar e se reeducar. Isso a nível corpóreo, biológico e estético, na área espiritual não é diferente. Uma boa disciplina na vida espiritual pode ser o fundamento para sustentar todas as outras esferas da existência e com uma vantagem com a promessa da vida eterna, que já começa aqui, pelos frutos da vida vivida sob a orientação, luz e benção da Trindade Santa.

A disciplina levará o cristão a ter tempo para si, para rever-se, aprofundar a própria fé, nutrir-se do sacramentos e da vida em comunidade. Possibilitará estar inteiro em cada instante, presente, consciente e sendo assim aberto a acolher as surpresas de Deus.

4.1.5 Perdoar-se

A espiritualidade cristã sempre viu no perdão uma grande fonte do bem-estar psíquico, porém muito se fala do perdão em relação ao outro e pouco em relação a si mesmo. Entender-se como criatura é não exigir de si mesmo uma neurótica perfeição. Deus disse: Sereis santos, porque eu sou santo (Lv 11,45). Em algumas traduções traduziu-se, porém, erroneamente, por sede “perfeitos”, o que gerou um arcabouço teórico “neurótico”, que sustentou uma religiosidade fundada na moral e no cumprimento de leis. Acabou-se, por fim, com a leveza do seguimento nutrido por amor e não pelo dever.

A espiritualidade cristã fundada em Cristo precisa conduzir a uma observância amável e não austera, castradora e impositiva. Já Tiago dizia que seremos julgados pela lei da liberdade.

Portanto, se não cometes adultério, mas praticas homicídio, tornas-te transgressor da Lei. Falai, pois, e agi como os que hão de ser julgados pela Lei da liberdade, porque o julgamento será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia. A misericórdia, porém desdenha do julgamento (Tg 2, 11b- 13).

Entra-se na ótica de que ninguém é perfeito e que todos estão a caminho, num processo contínuo de tornar-se semelhante ao nosso Senhor, diminui-se a exigência de perfeição. Só quem se conhece pode ser capaz de se autoperdoar e ter a coragem de recomeçar a cada instante. O perdão é o que nos faz mais parecidos com Deus, que é misericórdia infinita. Não se é perfeito, portanto se é passível de erros, infidelidades de desvios e reconhece-se como tal é mais fácil e tranquilo aceitar que também o outro, o próximo, encontra dificuldades e precisa também ele ser perdoado. Sem perdão constante e permanente não se vive em comunidade.

A disciplina e o perdão são requisitos para que se desencadeie o processo do autoconhecimento, da abertura a contemplação e de amor ao próximo.

4.2 O caminho indicado por São Francisco de Sales

Para ilustrar uma via concreta de espiritualidade leiga optou-se pelo escrito de São Francisco de Sales, Filotéia. Por ser ele um santo que atuou na Igreja num momento de transição entre o século XVI e o século XVII, e faz uma bela síntese entre o humanismo e a busca pelo absoluto própria dos místicos. A história narra que ele percorreu a pé toda a sua diocese encontrando-se com as pessoas, como hábil organizador de sua diocese, preocupou-se, sobretudo, com a formação dos sacerdotes e dos leigos. Catequizou crianças e adultos e orientou espiritualmente muitos nobres, o que foi de suma importância no movimento da Contrarreforma Católica. Seus contemporâneos, também santos, assim testemunham:

Santa Joana de Chantal, sua dirigida e cooperadora que o conheceu tão intimamente, escreveu: "Oh! meu Deus! Atrever-me-ei a dizê-lo?"

Sim, di-lo-ei: parece-me que nosso bem-aventurado pai era uma imagem viva do Filho de Deus, porque verdadeiramente a ordem e a economia desta santa alma era toda sobrenatural e divina. Muitas pessoas me disseram que, quando viam este bem-aventurado, parecia-lhes ver a Nosso Senhor na terra" . E São Vicente de Paulo, sempre que saía de algum encontro mantido com São Francisco de Sales, exclamava: "Ah! Quão bom deve ser Deus quando o excelentíssimo Bispo de Genebra é tão bondoso!" (SOLIMEO, 2011, p.1).

A obra dele, escolhida para a análise neste capítulo, foi escrita no ano de 1607 e intitulada "Introdução à Vida Devota – *Filotéia*". Essa obra nasceu dos conselhos que ele dera a uma sua prima, senhora Chamoisy, na sua direção espiritual. Essa obra, ao longo dos anos, produziu inúmeros santos, não só na vida religiosa, mas, sobretudo, na vida laical, para os quais é endereçada. A obra é, para sua época, revolucionária, pois convida a entregar-se totalmente a Deus sem sair do mundo. São Francisco de Sales assim afirma na Introdução:

O meu intento, porém, é ser útil àqueles que se vêem obrigados a viver no meio do mundo e que não podem levar uma vida diversa da dos outros... as almas generosas vivem no mundo sem impregnar-se do seu espírito, acham a doce fonte da devoção no meio das águas amargas das corrupções mundanas sem queimar as asas de santos desejos duma vida virtuosa (SALES, 2008, p.18).

O nobre Doutor da Igreja já havia intuído que não se deveria uniformizar a espiritualidade entre os cristãos de estados de vida diferentes. É o que o papa Bento XVI recordou no dia de São Francisco de Sales na catequese do dia 23 de março de 2011.

[...] Francisco de Sales procurou criar uma forma de piedade acessível aos não piedosos. Neste ponto teria antecipado em parte a espiritualidade de Teresa de Lisieux, a do "pequeno caminho", a de uma vida voltada para Cristo com simplicidade, sem buscar coisas grandes, com paciência e sem heroísmos. Dizia Francisco: "Um bispo não deve nem pode viver como um cartuxo; os casados, como os capuchinhos; os artesãos, como os religiosos contemplativos, que passam metade do dia e metade da noite em oração. Seria uma piedade tola e ridícula. Cada um segundo a sua espécie. Deus deseja todos os frutos. A verdadeira piedade não destrói, mas enobrece e embeleza. [...] Nascia assim aquele apelo aos leigos, aquele cuidado pela consagração das coisas temporais e pela santificação do cotidiano, sobre as quais insistirão o Concílio Vaticano II e a espiritualidade do nosso tempo. Manifestava-se o ideal de uma humanidade reconciliada, na sintonia entre a ação no mundo e oração, entre condição secular e busca da perfeição, com o

auxílio da Graça de Deus que permeia o humano e, sem destruí-lo, purifica-o, elevando-o às alturas divinas (BENTO XVI, 2011, p. 1).

A orientação espiritual pode ser interpretada como meio eficaz na formação do laicato, como um auxílio eclesial para tornar os leigos mais apaixonados por Deus e comprometidos com sua causa no mundo.

São Francisco de Sales detecta esse anseio de espiritualidade. O Santo Doutor escreve a pedido de alguém que necessita de direção espiritual, se dirige à Filotéia, que significa “Alma que ama a Deus” (Idem, *ibidem*).

Francisco de Sales segue cinco passos em seu tratado, esses são úteis para qualquer orientador espiritual.

4.2.1 Transformar o desejo em resolução

O primeiro passo consiste em transformar o desejo em resolução. Perceber que a verdadeira devoção não está em práticas isoladas:

A verdadeira devoção, Filotéia, pressupõe o amor de Deus, ou melhor, ela mesma é o mais perfeito amor a Deus. Esse amor chama-se graça... Se nos dá força e vigor para praticar o bem, assume o nome de caridade. E, se nos faz praticar o bem freqüentemente, pronta e cuidadosamente, chama-se devoção e atinge então o maior grau de devoção (SALES, 2008, p.29).

Afirma-se que, se alguém dá esse passo, então é capaz de voar como as águias, pois Deus não é um detalhe e, sim, a razão de existência. Entende que estar em Deus é deixar que todo seu ser, no que pensa e faz, transborde essa realidade.

Certamente isso não se dá sem tensão e o que se crê e professa cada vez mais destoa dos valores que o mundo propõe. Esse amor a Deus se manifesta, segundo ele, na vivência “fervorosa e diligente” (SALES, 2008, p. 30) dos mandamentos:

Todo aquele, portanto, que não cumpre os mandamentos de Deus não é justo. É necessário que se tenha caridade e, para se ser devoto, é necessário ainda que se pratique com um fervor vivo e pronto o bem que se pode. (Idem, *ibidem*).

Ainda há uma mentalidade difamatória de que quem vive de modo “mundano” não busca assim viver. Não se entende que na renúncia se encontra a liberdade.⁸

Aparentemente, quem busca viver radicalmente o cristianismo pode, aos olhos do mundo, estar perdendo o que a vida tem de prazeroso. Pelo contrário, quem assim vive goza de uma doçura e de uma sabedoria que o faz perceber Deus agindo em todos os momentos bons ou maus.

São Francisco de Sales ensina que essa vida devota pode ser experimentada por todos os estados de vida e não é mérito dos consagrados e monges, pois essa maneira de viver não tolhe nada do que é específico de cada vocação:

É um erro e até uma heresia querer expulsar a devoção da corte dos príncipes, dos exércitos, da tenda dos operários e da vivência das pessoas casadas... já no Antigo Testamento deparam-se nos insignes exemplos de vida no lar doméstico: assim Abraão, Isaac, Jacó, Davi, Jó, Tobias, Sara, Rebeca, Judite (Ibidem, p. 38).

Esse autor continua indicando uma lista imensa de santos que viveram devotamente em estados de vida diferentes. É, no entanto, necessário que alguém guie esse processo, consciente de que é lento, difícil e exige também coragem e perseverança, sendo um caminho para toda vida. Além disso, é preciso vigilância e estar disposto à poda sem a qual não se consegue dar bons frutos. De fato, é preciso podar a falta de coragem, os pecados mortais, a afeição ao pecado:

Uma vez que aspiras à devoção, não só debes deixar o pecado, mas é também necessário que teu coração se purifique de todos os afetos que lhe foram causas e são prontamente as consequências, pois, além de constituírem-se um contínuo perigo de recaída, enfraqueceriam o espírito (Ibidem, p. 49).

4.2.2 Oração e recepção dos sacramentos

O segundo passo consiste na oração e na recepção dos sacramentos. A oração, segundo São Francisco de Sales, é o meio mais eficaz para obter o discernimento. Deve ser feita de espírito de coração refletindo a Paixão do Senhor.

⁸ Francisco de Assis fala sobre isso em seus escritos: Quando, certo dia, orava fervorosamente ao Senhor, foi lhe respondido: “Francisco, se queres conhecer minha vontade é necessário que desprezes e odeies todas as coisas que amaste carnalmente e desejaste possuir”. Depois que começares a fazer isto, o que antes te parecia suave e doce te será insuportável e amargo, enquanto que daquilo que antes tinhas horror haurirás grande doçura e imensa suavidade. (SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1981, p. 654).

“É a seus pés que temos que ir respirar deste ar suavíssimo quando o nosso coração se cai afrouxando pelo espírito do século” (Ibidem, p. 102).

Na oração, o Santo Doutor fala da meditação, do rosário, das orações vocais e mentais, sempre em atitude de silenciamento, de recolhimento e de abertura às moções do Espírito Santo.

Ao falar dos sacramentos, ensina sua orientanda como e de que modo acostar-se deles para degustar toda a sua doçura e grandeza. Sobre a Celebração Eucarística, escreve: “A Eucaristia é, na verdade, a alma da piedade e o centro da religião cristã, à qual se referem todos os mistérios e leis... a oração feita em união com este sacramento recebe uma força maravilhosa” (Ibidem, p.139).

Sobre a confissão, São Francisco de Sales pedia que ela fosse realizada de oito em oito dias, pois é um remédio eficaz. É preciso aproximar-se dela com humildade, devoção, sincero arrependimento e dor pelos próprios pecados.

Na formação dos leigos, é preciso resgatar o valor e a mística dos sacramentos. O ser humano carece antropologicamente de ritos e de símbolos para externar sua crença e, ao mesmo tempo, tocar o Sagrado.

Por vezes, a vivência dos sacramentos é superficial e quem os conduz não dá o tempo necessário para que haja o silenciamento e a ruptura necessária do tempo cronológico para o tempo kairótico. As incontáveis celebrações, dessa forma, acabam por tornar o sacramento um ato social, um rito de passagem obrigatório, porém que, a longo andar, tornam-se vazias de sentido.

Os sacramentos são parte importante de expressão da nossa fé, e como tais, precisam ser cuidados e bem celebrados, para que também eles possam formar a todos os fiéis na espiritualidade. No auge da Ação Católica se dizia que a missa era para ser vivida durante todo o dia; uma única celebração que se iniciava com a missa matutina e se concluía com o exame de consciência antes de dormir.

O santo doutor exortava a participação e a comunhão frequente para participar das duas mesas, a da palavra e a da eucaristia:

É por isso que quem se aproxima muitas vezes e com devoção desta sagrada mesa recebe tanta força e vigor, que é quase impossível que o veneno mortífero das más inclinações faça alguma impressão em sua alma (Idem, p. 159).⁹

9 Por longa data os católicos ficaram alheios à sagrada escritura. Com o Concílio Vaticano II, a comunidade católica começou a acordar para o estudo, a reflexão e a centralidade da Palavra. Ao Concílio sucederam-se

Em vista de formar orientadores e tornar a orientação espiritual um bem possível também aos leigos, urge estimular a meditação diária da Palavra. Afirma Bento XVI, sobre a Leitura orante da Sagrada Escritura, na “*Lectio divina*”:

O Sínodo insistiu repetidamente sobre a exigência de uma abordagem orante do texto sagrado como elemento fundamental da vida espiritual de todo o fiel, nos diversos ministérios e estados de vida, com particular referência a *lectio divina*. Com efeito, a Palavra de Deus está na base de toda a espiritualidade cristã autêntica. Esta posição dos Padres sinodais está em sintonia com o que dizia a Constituição dogmática *Dei Verbum*: Todos os fiéis “debrucem-se, pois, gostosamente, sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração (BENTO XVI, VD, 2010, nº 86).

O papa coloca novamente a prática da *Lectio divina* como fundamental para o crescimento espiritual. Recordando a Constituição dogmática *Dei Verbum*, salienta a atitude necessária para essa aproximação, “debrucem-se, pois, gostosamente”¹⁰, que é atitude prazerosa de aconchego e, por que não dizer, de encontro com o Espírito Santo que aquece os corações e os impele a aderirem a Cristo.

O texto salienta ainda o encontro com a Palavra na Sagrada Liturgia, o que significa ouvir a Palavra em comunidade, comer juntos de sua sabedoria e aurir dela o alimento necessário para o enfrentamento das situações que se apresentarão durante a semana e que exigirão do cristão decisão e testemunho.

4.2.3 A prática das virtudes

Em terceiro lugar, está a prática das virtudes. Francisco de Sales volta a falar da caridade como rainha das virtudes à qual se agregam as demais¹¹.

exortações, fundação de institutos e, por último, um Sínodo sobre a Palavra. Descobriu-se finalmente que a Palavra é fonte de encontro com o Senhor.

¹⁰ Cf. DV, nº 25.

¹¹ A Serva de Deus Madre Clara Ricci, fundadora das Irmãs Franciscanas Angelinas, em determinado ponto da sua Carta Testamento, exorta a “[...] querer o bem, a desejar o bem e a pensar o bem” (RICCI, 2007, p. 18). Em outras palavras, ela, no final do 1800, repete, de maneira sintética, o que São Francisco de Sales exorta exaustivamente em cada virtude. Pensar, querer, desejar o bem leva a um estado permanente de vigilância, de busca em assemelhar-se a Jesus. Essa é uma experiência pouco falada nas pregações, mas necessária para que se possa viver o cristianismo de forma intensa e transformadora.

Deve-se, segundo ele, priorizar o cultivo daquelas virtudes que são mais necessárias ao estilo de vida:

Embora todos nós devamos possuir todas as virtudes, não as devemos, no entanto, praticar a todas igualmente e cada um deve aplicar-se principalmente àquelas que são essenciais aos deveres de sua vocação (SALES, 2008, p.169).

4.2.4 Combater as tentações

Um passo adiante, São Francisco de Sales dá alguns avisos para combater as tentações mais comuns. Retoma as maledicências dos ímpios sobre a vida devota e as contrariedades que, ao percorrer um caminho de santidade, se enfrentará. Para combater essas insídias, ele aconselha:

Sejamos firmes em nossos propósitos, invariáveis em nossas resoluções e a constância mostrará que a nossa devoção é séria e sincera... Demais, para assegurar os começos de nossa devoção, é muito bom sofrer desprezos e censuras injustas por sua causa; deste modo nós nos premunimos contra a vaidade e o orgulho (Idem, p. 366).

Além disso, ele diferencia o sentir do consentir, afirmando que os degraus que levam à iniquidade são: a tentação, o deleite, o consentimento. Ao ser tentada, cabe à pessoa usar de sua liberdade, cedendo ou não.

4.2.5 Exercícios espirituais importantes

No quinto e último passo, para avançar a vida devota, São Francisco de Sales fala de alguns exercícios espirituais importantes para conservar a alma na devoção. Assim, é válido renovar os bons propósitos. Como exemplo: “Não há nenhum relógio que, por melhor que seja, não precise que se dê corda” (Idem, p. 420). É preciso também lembrar do quanto Deus amou ao ser humano, chamando-lhe a estar com ele e das inúmeras graças recebidas pela sua presença.

Ademais, é bom fazer memória do dia em que se assumiu a resolução de ser de Deus. Importa ainda examinar constantemente as práticas devocionais e a adesão ao plano de Deus. Conclui São Francisco de Sales, falando do orientador espiritual:

Pratica, pois, animosamente estes exercícios assim como os deixei apontados e Deus te dará tempo e forças bastantes para os teus negócios, mesmo que fosse necessário fazer parar o sol, como

aconteceu a Josué. Sempre fazemos muito, quando Deus trabalha conosco.

O mundo dirá que eu pressuponho aqui que Filotéia tenha o dom da oração mental e, como nem todos o possuem, esta introdução não poderá servir para todos. Confesso que o pressuposto é que nem todos o têm. Mas é verdade também que quase todos o podem ter, mesmo os mais rudes, uma vez que escolham bons diretores e que, para o alcançar queiram trabalhar tanto quanto a matéria o merece; e se alguns não o possuírem nem no seu grau mais ínfimo (o que penso, será muito raro), um sábio diretor suprirá facilmente esta falta, mandando-lhes ler com atenção estas considerações e meditações (Idem, p. 446).

O caminho de crescimento espiritual não é, portanto, privilégio de poucos, pois a toda pessoa é dada a possibilidade de abrir-se ao projeto de Deus e trilhar expeditamente os seus caminhos. Esses caminhos também foram feitos para dar continuidade à obra redentora do Cristo que conta conosco.

4.3 Uma proposta para os leigos de nossos dias

4.3.1 Conceito de leigo

Por leigo entende-se o atributo de todos os que, por meio do batismo recebido, se colocam à disposição para difundir, com coragem, o Reino, participando do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo. Essa participação se dá por meio de um encontro, ou uma experiência com o próprio Cristo. A vocação laical tem como principal característica a condição secular, pois é no século que Deus lhes fala.

Os leigos devem por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no século, isto é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem em condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como tecida. Lá são chamados por Deus para que, exercendo seu próprio ofício guiados pelo espírito evangélico, a modo de fermento dentro, contribuam para a santificação do mundo (GS, nº 31).

Todos os leigos em virtude do batismo e da confirmação têm o dever de corresponder à missão que lhes é concedida por Deus e de responder com ardor e afincamento a esse chamado na comunidade eclesial. Consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, são chamados a proceder nas realidades onde atuam segundo

a ação desse mesmo Espírito, produzindo frutos e se tornando verdadeiros sinais do sacerdócio santo de Cristo.

Os leigos também participam do múnus profético de Cristo, o que faz deles testemunhas ornados com o senso da fé e da graça da palavra. Sua missão profética se caracteriza de maneira especial por meio da evangelização que os tornam portadores dos bens futuros.

Participam igualmente do múnus régio de Cristo, que lhes concede o poder de vencer o pecado. Por meio de uma renúncia verdadeira, buscam viver uma vida de santidade, que os torna instrumentos vivos da própria missão da Igreja, a serviço da vida plena da pessoa humana, voltada ao respeito e a um diálogo entre as diferentes culturas.

Após o Concílio Vaticano II, os leigos receberam da Igreja um grande impulso para que também eles se tornassem evangelizadores, quer em razão da diminuição do número de sacerdotes no mundo, quer pelo crescimento do mundo urbano, sendo que a Igreja não teve como não contar com eles (LG, nº 30 – 42).

Os leigos certamente foram, ao longo da história, protagonistas na solidificação e na manutenção da nossa fé, porém, protagonistas velados, pois, pouco considerados.

Na América Latina, pela vasta extensão e pelo escasso número de sacerdotes, o leigo sempre esteve em posição de liderança, até mesmo antes do Concílio Vaticano II. Desde a colonização, os leigos animavam e organizavam as celebrações.

Os sacerdotes e missionários implantavam as comunidades, anunciavam o Evangelho e partiam, deixando alguns leigos que levavam adiante o cuidado da Igreja, mantendo a fé viva por meio do cultivo das práticas devocionais.

Se se olhar para o nosso país, vê-se o vigor de tantas devoções: o encontro de Jesus com Nossa Senhora, a via-sacra, o terço, todas cultivadas por leigos, pessoas simples, sem grande cultura, na maior parte mulheres, que mal sabiam ler. Diz a Conferência de Aparecida:

As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular que expressa-se o amor ao Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e no da reconciliação (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, nº 7).

Realidade da colônia, mas presente ainda nos dias de hoje: as celebrações da Igreja Católica no Brasil, em grande parte, são realizadas por leigos, homens e mulheres que, semanalmente, reúnem e revigoram o povo com as celebrações da palavra e com a distribuição da eucaristia.

Essa situação não se restringe ao Nordeste. Há a tendência de pensar que o Sul é diferente. Olhando para Dioceses e Paróquias, vê-se isso acontecendo. A diferença em relação ao Brasil colônia é que, atualmente, os leigos têm cada vez mais formação acadêmica nas mais diversas áreas e também na Teologia. Intensifica-se a formação de escolas catequéticas, de cursos bíblicos, Teologia à distância, teologias intensivas nas férias.

Tais iniciativas tornam as comunidades mais críticas e exigentes, não se contentam mais com as práticas tradicionais, querem participar e construir juntos uma Igreja mais próxima que se assemelhe mais a comunidade de Jesus.

4.3.2 Urgência da orientação espiritual

Diante das exigências já mencionadas ousar-se-á humildemente propor quatro iniciativas sempre tendo como foco a urgência da orientação espiritual: 1) rever a formação e o serviço do Clero; 2) rever os planejamentos pastorais priorizando a formação dos leigos; 3) propor com veemência as preciosidades da nossa religião e 4) possibilitar aos leigos acesso a orientação espiritual e ao mesmo tempo formá-los para esse ministério.

4.3.2.1 Rever a formação e o serviço do Clero

Um dos empecilhos para a prática da orientação espiritual é o escasso número de sacerdotes, porém também neste âmbito urge rever a formação e serviço dos sacerdotes. Há muitas atividades que podem e devem ser delegadas aos religiosos, às religiosas e aos leigos. Certamente para delegar funções é preciso, antes de tudo, formar lideranças. Todo o processo formativo requer: tempo, organização, boa vontade e, sobretudo, convicção de que tal prática é possível. Já afirmava João Paulo II, ao falar da necessidade da formação integral do laicato:

Não há dúvida que a formação espiritual deve ocupar um lugar privilegiado na vida de cada um, chamado a crescer incessantemente na intimidade com Jesus Cristo, na conformidade

com a vontade do Pai, na dedicação aos irmãos, na caridade e justiça (JOÃO PAULO II, CfL, 1990, nº 60).

Por vezes não se delegam funções por medo de perder o poder, porém, diante disso, é preciso rever os conceitos que se tem de Igreja, de comunidade e de serviço. A partilha de serviços possibilitará engajamento por parte dos leigos e, conseqüentemente, um comprometimento maior. Tal prática possibilitaria um tempo maior aos sacerdotes de cuidarem com afinco do que lhes cabe, enquanto pastores.

Parece que os apóstolos na Igreja primitiva já haviam se dado conta disso quando resolvem, em At 6,1-7, convocar diáconos a fim de terem mais tempo para o anúncio da Palavra e o cultivo da vida espiritual. Perceberam que estavam sobrecarregados e resolveram dividir o serviço:

Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: “Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir as mesas. Procurai, antes, entre vós irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6, 2 - 4).

Conclui o autor sagrado: Quanto a nós permaneceremos assíduos na oração e ao ministério da Palavra e a Palavra do Senhor crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente.

Talvez seja necessário revisitar esse texto com mais atenção. O crescimento do número dos discípulos parece estar diretamente relacionado ao cuidado com o mistério por parte dos apóstolos e a com divisão fraterna dos serviços. Ainda mereceria atenção a palavra discípulos, tão falada nos nossos dias, sobretudo pós-conferência de Aparecida – discípulos, seguidores, não só apreciadores ou ouvintes, esses que acorriam, eles faziam uma opção de seguimento, de adesão ao Cristo após terem presenciado a vivência dos apóstolos e da comunidade cristã. Almeida, ao falar da missão dos leigos na pastoral urbana, salienta:

[...] que os leigos tenham acesso à formação (geral e específica), de modo a se prepararem convenientemente para as suas atividades na comunidade eclesial e para o testemunho cristão na sociedade; [...] que os leigos e leigas possam desenvolver e viver uma autêntica espiritualidade laical, que sustente sua condição cristã e eclesial, inspirando seu empenho na Igreja e no mundo (ALMEIDA, 2009, p. 224 - 225)

A direção espiritual não é de competência única e exclusiva dos sacerdotes. Muitas vezes, esses mesmos sacerdotes são carentes de uma formação espiritual continuada, profunda e comprometedora. Sobre isso diz Miranda:

A direção espiritual, portanto, não faz referência direta ao poder eclesiástico jurisdicional. E, ao não exigir os poderes jurisdicionais, pode ser exercida pelo sacerdote, pelo religioso ou pelo leigo, isto é, pelo “irmão-na-Igreja” (MIRANDA, 2009, p. 44).

Assim, portanto, a escassez de sacerdotes não é uma desculpa para a não oferta da direção espiritual. Assim, como em tantas outras áreas, é preciso capacitar outros agentes para que possam prestar esse precioso serviço. Sabe-se, por vezes, que há muitos profissionais na área da psicologia que podem escutar; no entanto, como já se afirmou, os papéis do terapeuta e do orientador espiritual são bem distintos.

A orientação espiritual é prática de cuidado pastoral, feita por quem acredita de forma gratuita. Nas comunidades, em sua grande maioria, as pessoas não têm condição de pagar para serem escutadas. A terapia ainda é privilégio de quem tem condições para pagar. As políticas públicas de saúde ainda não asseguram atendimento psicológico à população.

Na mudança de época em que se vive, sente-se uma busca aguda de um equilíbrio interior, já que, no afã de ter mais, o ser humano está sobrecarregado com inúmeras atividades: trabalho, compromissos familiares, capacitação, concorrência, estando cada vez mais disperso e desequilibrado. Os bispos do Brasil chegaram a essa conclusão:

As paróquias, especialmente no meio urbano, viram, nos últimos anos, multiplicar-se suas atividades, para atender ao crescente número de fiéis e, sobretudo, à demanda mais exigente de orientação espiritual como a de serviços sociais (CNBB, Doc. 62, nº 38).

Outros, porém, tentando preencher o vazio interior dessas superjornadas, têm buscado no esoterismo, nas religiões orientais e nos livros de autoajuda a fonte de onde extrair a sobrevivência espiritual. Os livros mais vendidos versam sobre o como a pessoa pode mudar a si mesma e ter uma vida mais leve, confortável e prazerosa com o mínimo de esforço e de disciplina. Tal literatura, no entanto, corresponde aos

anseios mercadológicos do mundo consumista, centrado no eu e no modo mais eficaz de extrair o máximo de todas as situações.

Os currículos dos seminários e de Teologia precisam ser revistos priorizando a formação espiritual dos jovens que assumirão esse novo modo de ser Igreja. Precisam tornar-se ao longo da formação homens de Deus, capazes de dialogar, de bendizer e sobretudo escutar.

4.3.2.2 Rever os planejamentos pastorais, priorizando a formação dos leigos

O planejamento pastoral, feito nas assembleias diocesanas, paroquiais e comunitárias é elaborado, na grande maioria das vezes, sem enraizar-se na realidade, sem uma avaliação profunda, tende-se a repetir o que já foi feito, sem priorizar, os reais problemas da comunidade.

O planejamento, por não ser da vida e para a vida, acaba ficando num livrinho bem fechado durante o ano inteiro. Deter-se em um planejamento que responda à realidade requer: escuta do Espírito Santo que clama na realidade concreta de cada dia: tempo, comprometimento, capacidade de administrar os conflitos e humildade para reconhecer o que não foi bom.

No uso de tabelas e de gráficos, tão usados na leitura das realidades, corre-se o risco de contabilizar números sem preocupar-se com a pessoa em si, pois, certamente, não se pode generalizar. Há algumas práticas sérias que não vão ocorrer sem conflitos, pois estes são uma das molas do desenvolvimento.

Questiona-se o quanto a hierarquia da Igreja tem se preocupado com o crescimento espiritual dos leigos. Há investimento na formação intelectual e no âmbito espiritual?

[...] os leigos e leigas cumprem sua responsabilidade evangelizadora colaborando na formação de comunidades cristãs e na construção do Reino de Deus no mundo. Requer-se, portanto, capacitar aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 282).

Conta-se com leigos que se iniciam na vida espiritual convictos de que precisam de orientadores que os ensinem a rezar, a comunicar-se com Deus, a ir além da oração vocal ou da frequência distraída aos sacramentos. São leigos que já percorreram um caminho, já possuem certa formação teológica, porém também eles necessitam de quem lhes aponte metas mais altas, de uma relação mais profunda

com Deus. Portanto a preocupação com o crescimento espiritual precisa ser o primeiro ponto da pauta dos planejamentos. Já o afirmava João Paulo II na Exortação Apostólica *Chistifideles Laici*:

Ora, para poder descobrir a vontade concreta do Senhor sobre a nossa vida, são sempre indispensáveis a escuta pronta e dócil da palavra de Deus e da Igreja, a oração filial e constante, a referência a uma sábia e amorosa direção espiritual, a leitura, feita na fé, dos dons e dos talentos recebidos, bem como das diversas situações sociais e históricas em que nos encontramos (JOÃO PAULO II, CfL, nº 58).

Para que possam assumir essa ótica de fé, própria do cristão maduro, de pessoas preparadas que os auxiliem num caminho de conversão pessoal e de adesão radical à vontade de Deus, necessitam de quem os auxilie a discernir e a manter a fé num mundo de tantos contravalores, onde as mentiras são confundidas com a verdade.

Não se pode esquecer neste planejamento o poder formativo que possuem as televisões e rádios católicas, que, sempre mais, têm investido na transmissão de programas que educam na fé: TV Canção Nova, TV Aparecida, TV Século XXI, Rede Vida de Televisão, e as inúmeras rádios católicas, jornais, revistas, livros e informativos. Se há algum tempo se poderia dizer que eram programas cansativos e mal feitos, hoje não é possível mais dizê-lo. Esses meios midiáticos alcançam todas as casas, cidades, tanto no país como no exterior e precisam ser cada vez mais usados e aprimorados. As redes católicas têm investido na qualidade e os programas são cada vez mais atraentes e educativos.

Todas essas possibilidades fazem do leigo uma pessoa cada vez mais crítica, exigente e consciente de sua missão na Igreja, sem complexos de inferioridade em relação ao clero.

4.3.2.3 Propor com veemência as preciosidades do Catolicismo

Na Igreja Católica existem grandes tesouros: os Sacramentos, a Palavra, os documentos do Magistério, as inúmeras e belíssimas experiências pastorais de inserção e de transformação da sociedade. Por vezes, porém, o católico acostuma-se à graça. Perde o elã, saciado qual um menino rico, que, após receber uma infinidade de presentes, não vibra mais, não valoriza e não agradece.

A tendência das lideranças da Igreja Católica é pôr a culpa na superficialidade e na sede de novas experiências. Pode até ser, mas esses fatos deveriam questionar e fazer avaliar as práticas religiosas.

O teor das homilias, o esmero na explicação da Palavra, a frequência às celebrações eucarísticas, essas práticas todas deveriam proporcionar um crescimento, um desejo de relacionar-se mais profundamente com Deus.

Por vezes, nota-se um acostumar-se ao mistério. Há de se considerar a importância de criar um clima, de silenciar, já que se vive em um mundo frenético. O contato com o sagrado deveria propiciar uma ruptura desse tempo cronológico para resgatar o tempo “kairótico”. Ao ler as histórias dos santos daqueles que foram sacerdotes, percebe-se que o povo afluía até eles pelo modo como conduziam os sacramentos. De certa forma, eles, ao darem o tempo necessário ao mistério, atribuíam sentido às doxologias. Tal prática acaba por fazer os fiéis sentirem e tocarem no mistério. Em outras palavras, o amor e a convicção com que tratavam o que é sagrado tornam-se o testemunho eloquente da presença do Deus que não desampara os que nele confiam.

Tem-se procurado resgatar a confissão, diante do que cabe questionar: – Como a confissão é celebrada? O pouco tempo ou a escuta apressada e desinteressada a tornaram pouco construtiva e eficaz o que poderia ser realmente um momento de encontro e de cura.

4.3.2.4 Possibilitar aos leigos acesso à orientação espiritual e ao mesmo tempo formá-los para esse serviço

Ao longo da história do povo de Deus existiram os profetas, que faziam o povo refletir e voltar ao caminho certo. Neste mundo atual, em que as relações são personalíssimas e a evangelização apela cada vez mais para os pequenos grupos, o orientador espiritual é chamado a ser inclusive profeta que suscita o profetismo comum de todos os batizados. Na Conferência de Aparecida apontou-se para a necessidade da formação espiritual:

Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 212).

Observam-se pessoas dispostas, propositivas e engajadas que chegam a um tal descontentamento que acabam por esfriar a sua fé. Muitos chegam até mesmo a abandoná-la. Atualmente, muitas religiões e seitas se baseiam na “doutrina da prosperidade” para atraírem seguidores. Muitos católicos vão em busca dessa promessa, porém vão também atraídos pela convicção das “verdades” ali pregadas.

Nesse contexto, os leigos católicos querem algo mais. Eles, quase de maneira autodidata, vão aprofundando a sua fé, crendo mais e se relacionando com um Deus que é pessoa. Também os Bispos em Aparecida se colocaram frente a essa questão:

Constatamos escasso acompanhamento dos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, particularmente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal. Percebemos uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, uma ênfase no ritualismo sem conveniente caminho de formação, descuidando outras tarefas pastorais (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 212).

O que dar a eles? Como auxiliá-los nessa busca interior? São questões que se colocam ao se ver crescer o número daqueles que, mesmo estando imersos no mundo, chegaram a uma disciplina pessoal de oração, de meditação e de contemplação. Os leigos querem cada vez mais e mais. Isso nos lembra as reflexões do Concílio Vaticano II.

Portanto, todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios e circunstâncias de sua vida, e através disto tudo, dia a dia mais se santificarão se com fé tudo aceitam da mão do Pai celeste e cooperam com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo (LG, nº 41).

Ainda hoje os homens e as mulheres carecem de um mestre espiritual, um orientador que os possa incentivar e fazê-los crescer sempre mais na relação com Deus.

Em Santo Domingo, os bispos colocaram a direção espiritual como a primeira linha de ação. Escrevem eles: “Ajudar ao discernimento dos problemas da vida à luz da fé. Neste sentido, é preciso revalorizar o sacramento da penitência e a orientação espiritual” (Santo Domingo, nº 151).

A relação com o outro é considerada como necessária só se for útil, se for fonte de prazer. Raramente se aponta para a gratuidade de doar-se e, muito menos,

para a relação com o transcendente, pois isso exige mudança de vida. Dizem os bispos:

Nesta época costuma acontecer que defendemos, de forma demasiada, nossos espaços de privacidade e lazer, e nos deixamos contagiar facilmente pelo consumismo individualista. Por isso, nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões. É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos, e evite toda atitude paternalista (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 397).

É premente o resgate da direção espiritual cristã diante desta necessidade, possibilitando uma visão mais ampla da problemática que envolve a vida e a necessidade de opções realizadas a partir da ótica de fé.

Orientados a uma vida espiritual mais intensa, radicada no mundo, no chão da existência concreta, repleta de contradições e desafios, esses leigos podem ser realmente “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), “fermento na massa”, (LG, nº 31), pois são portadores de uma fé madura, que não se abala e que sabe ler, na contramão da história, o plano de Deus se realizando. Os bispos em Aparecida afirmaram:

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8) – (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, nº 145).

A orientação espiritual pode, sem dúvida alguma, propiciar esse encontro com Cristo que gera esse sentimento de pertença a ele. Dessa certeza nasce a coragem de ser o que se é e, ao mesmo tempo, a ousadia de tornar-se o que Deus quer que seja; eis a felicidade buscada em tantos lugares e nunca encontrada.

Os leigos desconhecem a orientação espiritual e os que a conhecem e a desejam encontram dificuldades em encontrar quem os possa atender. Ao falar da missão dos sacerdotes, os Bispos da América Latina assim se expressaram:

O Senhor nos chama a promover por todos os meios a caridade e a santidade dos fiéis. Empenhamo-nos para que o povo de Deus cresça na graça mediante os sacramentos presididos por nós mesmos e pelos demais ministros ordenados. Somos chamados a

sermos mestres da fé e, portanto, anunciar a Boa Nova, que é fonte de esperança para todos, e a velar e promover com solicitude e coragem a fé católica (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 187).

A orientação espiritual bem conduzida propiciaria um amadurecimento de fé e, conseqüentemente, um transbordamento de testemunho na sociedade. Propiciaria uma experiência de Deus, sob a qual se dá a adesão e o discipulado. Seria um testemunho de pessoas de Deus. Diz Miranda:

A direção espiritual que de alguma maneira não leve ao Reino de Jesus não tem objetivo nem sentido em si mesma. Por isso, um elemento totalmente necessário é que o dirigido siga assimilando a práxis de Jesus como elemento libertador e elaborador do “sentido de sua vida” como humano, ou seja, de realização plena de sua vida humana. Dessa forma, a direção espiritual pertence e conduz à verdadeira promoção humana (MIRANDA, 2009, p. 18).

Para assimilar a práxis de Jesus é preciso conhecê-lo e, conhecendo-o, mudar a experiência relacional com ele e, conseqüentemente, advém da mesma relação uma série de desdobramentos. Tais desdobramentos podem ser assim denominados: doutrina, ritos, cultos, práticas e atitudes. O conceito que se tem de Deus permite ou impele determinadas formas de pensar e de agir.

Se o Deus a quem se crê é alguém “estratosférico”, então todo o movimento de crer é lançado para o alto, fora do mundo contingente. Ao contrário, descobre-se o Deus de Jesus Cristo, passa-se a dar a Deus o que é Dele, sem culpá-lo pelos desmandos nascidos do coração dos homens e mulheres. Estes, às vezes, escravizam, fazendo o uso tendencioso da fé e de um “deus” que legitima suas práticas excludentes.

Há que pensar que Deus está perto dos que sofrem e conta com a solidariedade das pessoas que lhes estão próximas. Deus poderia e pode intervir, porém fez de tal modo para que Sua atuação proporcione a solidariedade. Ele poderia fazer intervenções miraculosas, mas estas não são sempre convenientes, nem razoáveis.

É preciso, portanto, aderir a uma espiritualidade libertadora, onde o amor que se tem recebido de Deus, ao qual se corresponde com todo o próprio ser, se torna solidariedade. O amor de Deus é contagiante e não pode ser represado, precisa necessariamente transbordar no serviço atento e generoso à causa do Reino.

Aderir à ótica do serviço é reconhecer que tudo que se tem é dom gratuito de Deus e os dons são para serem colocados à disposição do bem de toda comunidade humana, não só dos cristãos. O apóstolo Paulo já havia entendido que os dons são para todos:

Paulo, chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e Sóstenes, o irmão, à Igreja de Deus, que está em Corinto, àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo! Dou incessantemente graças a Deus a vosso respeito, em vista da graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus. Pois fostes nele cumulados de todas as riquezas, todas as da palavra e todas as do conhecimento. Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que nenhum dom vos falte, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. É ele também que vos fortalecerá até o fim, para que sejais irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (I Cor 1, 1- 9).

Emergem, desta perícopie, todas as dimensões afirmadas até então, chamando à santidade e à missão na comunidade e em meio a todos os que "invocam o nome do Senhor", e ainda firmando a certeza de que nenhum dom falta àquele que se põe a serviço. Conclui assegurando à comunidade a fidelidade de Jesus para com as promessas feitas, motivo de esperança também em meio a tribulações.

Excelente exemplo desse amor que transborda encontra-se na encarnação de Jesus, manifestação explícita do amor de um Deus que não hesita em privar-se do que tem de mais precioso, o próprio Filho. O Deus que se revela quer ser conhecido e se dá também em alimento na Comunhão Eucarística. Quem adere a ele precisa fazer o mesmo e, nessa prática, se solidariza e constrói o Reino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciou-se este trabalho de mestrado percorrendo-se a história da prática da orientação espiritual, nesse caminho percebendo-se que essa orientação é muito anterior à prática monacal, e também se percebendo faz parte das comunidades e dos agrupamentos humanos desde o tempo tribal, onde quer que houvesse quem desempenhasse a função de conselheiro ou de curandeiro e entendesse como agradar aos deuses.

Definiu-se o que é a orientação espiritual, diferenciando-a das demais práticas exercidas pela Igreja. Afirmou-se que a orientação espiritual não é reconciliação, não é aconselhamento e não é terapia psicológica.

Na relação da orientação espiritual, o protagonista é o Espírito Santo, que move o orientando a procurar uma vida espiritual mais profunda. Para isso necessita de quem já esteja a caminho para que lhe sirva de intérprete e de auxílio no processo de crescimento que pretende empreender. Eis a figura do orientador espiritual.

No cristianismo, a orientação espiritual surge da necessidade de discernir o que é ou não moção do Espírito na busca de uma vida moldada pela vontade de Deus. Essa foi, primeiramente, prática exclusiva dos monges. Por longa data permaneceu restrita aos mosteiros, aos quais a população acorria como tábua de salvação em um mundo que carecia de assistência social, médica e espiritual.

Por vezes, no desenvolvimento dessa modalidade de cuidado pastoral encontram-se barreiras, resistências, seja por parte do orientando, demonstradas pela superficialidade, pela inconstância, pela falta de abertura e de coragem para o enfrentamento pessoal, seja por parte dos orientadores, que se mostraram muitas vezes muito atarefados, às vezes incultos, descrentes e indisponíveis.

Observou-se que muitos santos encontraram na orientação espiritual a ferramenta necessária para enfrentar os desafios de uma vida radicada no Evangelho. Também eles se depararam com os limites e as possibilidades dessa prática, porém não a abandonaram, pois a julgavam necessária.

Com o passar do tempo, a orientação espiritual deixou o solo dos mosteiros e conventos e adentrou no mundo leigo. Destacou-se a figura carismática do bispo

São Francisco de Salles, que, já no século XVII, escreve falando aos leigos da importância da espiritualidade da “vida devota” e da orientação espiritual.

No segundo capítulo elaborou-se uma leitura atenta do texto da samaritana (Jo 4,1-17). Analisando o modo de Jesus aproximar-se, de fazer-se próximo, de ir aos poucos fazendo com que a mulher se revelasse, ao mesmo tempo ele vai se dando a conhecer, a ponto de mudá-la em sua condição: de excluída e discriminada em anunciadora da salvação para o seu povo. Apontou-se o texto como um modelo de orientação, salientando, porém, que não há uma regra fixa nesse processo. O que se pode indicar são algumas balizas, porque cada pessoa é um mundo e o Espírito suscita caminhos diferentes e particulares às pessoas, mas todas precisam ser escutadas em todas as suas manifestações, verbais ou corpóreas.

No terceiro capítulo abordaram-se as possibilidades e dificuldades na condução da orientação espiritual, destacando a pessoa do orientando e a pessoa do orientador, ambas com seus limites e, ao mesmo tempo, ambas com requisitos e possibilidades. Salientou-se o papel de cada um, a frequência do acompanhamento, a liberdade e a autonomia que o orientando tem que ter em cada momento do caminho. Viram-se também os riscos que o orientador corre no sentido de tornar o orientando dependente, ferindo, assim, o ideal da orientação, que é educar para a liberdade.

O centro é a relação com Deus, relação que, de tão intensa e profunda, transborda na vivência cotidiana do orientando imerso no mundo.

No quarto capítulo chegou-se ao ponto nodal da dissertação: a orientação espiritual para os cristãos leigos como meio eficaz na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Nesse capítulo iniciou-se com a reflexão do escrito de São Francisco de Sales, no qual ele se dirige a uma amiga de Deus, Filotéia, educando-a à prática da espiritualidade. O texto traz em si o frescor e a atualidade encontrados nos textos inspirados, que não se limitam apenas a um tempo ou a um momento histórico. As situações apresentadas condizem com o mundo contemporâneo. O texto é cheio de nuances, tonalidades finas de quem estava muito atento à orientanda e à ação do Espírito. São delicadezas de alguém devotado, de um pastor atento, repleto de cuidado para com a pessoa que se confiava a ele.

Inspirando-se nesse escrito, passou-se assim a defender a prática da orientação espiritual como meio realmente eficaz na formação dos leigos. Estes, imersos no mundo, são portadores de uma formação acadêmica, bem como de uma

trajetória no mundo do trabalho e na vida cada vez maior. Eles também, em nível espiritual, se veem impelidos a galgar patamares mais elevados na vida espiritual, sem com isso deixarem o século.

Os leigos precisam, no entanto, de orientadores que tenham uma formação ampla em diversas áreas e, sobretudo, pessoas de Deus, “experts” no caminho espiritual. Trata-se de pessoas que se deixam interpelar pela revelação na Palavra e na vida, que estejam atentas ao sopro divino presente no cotidiano; pessoas que amem a Deus e que queiram realmente instaurar o Reino.

Tal qual a samaritana, quem o encontra sente-se impelido a anunciar e a testemunhar a todos a maravilha do encontro com o Senhor, o único que tem a água viva. Saciado pelo encontro, passa a ter atitudes diferentes, que, por elas mesmas, se tornam anúncio eloquente da boa nova do Reino.

O orientador espiritual, homem ou mulher, movido pelo Espírito Santo, pode ser de grande auxílio para esse encontro. Poderá, com sua fé, paciência e discernimento, auxiliar o orientando a ir aos poucos retirando os possíveis entraves que não permitem buscar e encontrar o Cristo. E, nesse caminho de descoberta e de purificação do próprio eu egoísta (cf. LOPEZ,1985, p.115), poderá alcançar a maturidade na fé.

Ousar-se-ia parafrasear o documento de Aparecida dizendo: a orientação espiritual, que é um caminho para aderir ao chamado à santidade, não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso. Muito pelo contrário, é devolver ao mundo pessoas realizadas, integradas, que se autoconheçam e que não aceitem vender-se aos falsos deuses que apontam ilusoriamente a realização humana no ter, no poder e no prazer.

O orientando é chamado a voltar à cidade, tal qual a samaritana, de maneira livre, pois a consciência não a acusa mais, os julgamentos e preconceitos não mais a afetam. A grandiosidade do encontro a tornou uma nova criatura e, livre da vergonha, não tem medo de voltar e anunciar a Salvação; eis o que se espera de uma boa orientação espiritual dirigida aos leigos.

Para que essa revolução aconteça, urge cuidar com mais carinho da formação espiritual dos católicos: sacerdotes, religiosos e leigos.

Junto à Teologia racional é necessário desenvolver com seriedade a Teologia espiritual. Para tanto, é necessário resgatar, nos líderes, o conceito e o sentimento

do chamado de Deus, o retorno da centralidade da Palavra e a revalorização da mística dos Sacramentos, dos símbolos e dos ritos católicos.

O chamado de Deus, na grande maioria dos casos é contrário aos desejos e os anseios pessoais. O seguimento leva a Jerusalém, onde há condenação, morte e cruz, o dito cêntuplo com perseguições (Mc 10. 30). Assim, portanto, cai por terra a visão de uma espiritualidade desencarnada. Quem está próximo de Deus não tem privilégios ou promessas de uma vida sem tribulações e se tiver o cristão acordado a quer para todos e não para uns poucos.

A V Conferência do CELAM em Aparecida colocou o encontro e a missão como pedras fundamentais para a ação evangelizadora na América Latina e no Caribe. É preciso sair e anunciar as maravilhas que o Senhor tem realizado na própria vida e que, não obstante as mazelas sociais, não se está só, pois o Senhor está próximo. No caso das lideranças cristãs, a missão é servir e não, ser servido.

Nesse processo de formação é preciso dar a conhecer aos líderes e a toda a comunidade os tesouros da espiritualidade cristã católica. Muitos, por não conhecerem a oração mental, a meditação, o silêncio de um retiro, a oração contemplativa e a riqueza dos documentos do magistério, acabam por buscar essas práticas em outras religiões ou filosofias de vida. Mal sabem eles que tais práticas muitas vezes foram copiadas da tradição cristã católica ou evangélica e, ao longo do tempo, caídas em desuso como se não tivessem mais valor para o mundo pós-moderno.

É impossível esquecer que as pessoas se encontram fragilizadas, sedentas de conforto e de uma palavra ou prática que possam dar-lhes novamente sentido de existência. Dar-lhe a conhecer as diversas modalidades de oração pode ser uma possibilidade de encontro e, ao mesmo tempo, um momento katártico onde se possam descarregar as tensões e as carências de escuta e de afeto.

O cristianismo tem um capital espiritual preciosíssimo: a Palavra, os Sacramentos, a Sagrada Liturgia. Esse capital precisa ser resgatado, dando a conhecer, pois, ao longo de história, o mesmo gerou muitos santos e santas nas mais diferentes vocações – santos que tornam a vida de tantas pessoas mais bela e repleta de sentido.

O diferencial cristão pode é a gratuidade com que esse cuidado pastoral é realizado. Em outros endereços pode custar muito caro aprender a exercitar-se na vida espiritual.

Conclui-se, então, após percorrer esse caminho, que é possível e também necessário que se olhe com mais carinho para a formação espiritual de todas as lideranças e, particularmente, a dos leigos. Bento XVI em visita a Pontifícia Faculdade de Teologia “Teresianum” em Roma assim se expressou segundo a repórter da rede Canção Nova:

Bento XVI recomendou que a direção espiritual seja uma prática “não só daqueles que deverão seguir a Deus de maneira próxima, mas de cada cristão que queira viver com responsabilidade o próprio batismo”. Cada um advertiu o Papa, necessita, de fato, ser acompanhado pessoalmente por um guia seguro na doutrina e nas coisas de Deus. A ajuda de um diretor espiritual salienta o Santo Padre, pode ajudar a evitar fáceis subjetivismos, pois o diretor coloca à disposição a própria bagagem de conhecimento e experiências. “Se trata de instaurar aquele mesmo relacionamento pessoal que o Senhor tinha com seus discípulos, aquela especial ligação com a qual Ele os conduzia, atrás de si, abraçando a vontade do Pai, abraçando isso é, a cruz” (MELHADO, 2011, p.1)

Em um mundo onde as pessoas estão ávidas por quem as escute, é tarefa urgente preparar, em “nossas fileiras”, cristãos maduros na fé, para que possam prestar o delicado serviço da escuta por meio da orientação espiritual.

Um problema que mereceria ainda um aprofundamento seria entender que os leigos das comunidades católicas, na sua maioria, são pessoas que necessitam trabalhar para a própria sobrevivência. Ainda não se chegou ao patamar de certas comunidades onde as pessoas podem se dar ao luxo de fornecer parte do seu dia para um trabalho voluntário, portanto mesmo as pessoas preparadas podem encontrar dificuldade de tempo para prestar esse precioso serviço. Não seria o caso de pensar em uma remuneração ou, até mesmo, em uma equipe de trabalho que tenha por objetivo prestar o serviço da orientação espiritual nas comunidades?

Se, para grande parte da comunidade católica, isso é impossível, em muitas comunidades evangélicas tal prática já é realidade. Se há dúvidas sobre a possibilidade dos fiéis leigos contribuírem com orientadores espirituais, propõe-se a releitura dos documentos do Concílio Vaticano II, da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, que afirmam o novo rosto do leigo católico e os incumbem, inclusive, de auxiliarem os sacerdotes e religiosos, não só na pastoral, mas também no crescimento espiritual (cf. João Paulo II, CfL, nº 61).

Teoricamente percebeu-se que há uma disparidade imensa entre as luzes apontadas nos documentos e as práticas cotidianas das comunidades. Urge repensar o papel dos leigos numa Igreja que aqui e ali ainda resiste em atuar a novidade do Concílio Vaticano II. Calando-se, assim, a voz do Espírito Santo, corre-se o risco de, mais uma vez, fechar as portas e as janelas em vantagem de um poder centralizador e obsoleto. E povo? E os necessitados de Deus continuarão até quando a iludir-se atrás de falsos profetas?

Que o Espírito Santo suscite cada vez mais leigos que se interessem em aprofundar a espiritualidade e que eles, saciados pela “Água viva”, possam transbordar em uma vivência comunitária e solidária, comprometida e gratuita.

Há muitos que ainda se encontram como a mulher samaritana, fechados em preconceitos, vivendo no esconderijo dos seus limites pessoais e de sua história, por vezes dolorosa e solitária. É preciso que alguém indique o poço e, no poço, seja possível beber da “Água viva”, do real e transformador encontro com o Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MAGISTÉRIO

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM. **Conclusões da Conferência de Santo Domingo, 1992**: nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. São Paulo: Loyola, 1992.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo. São Paulo: CNBB/ Paulinas/ Paulus, 2007.

CONCILIO VATICANO II. **Gaudium Spes**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CONCILIO VATICANO II. **Lumen Gentium**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**: edição aprovada na 37ª Assembléia Geral da CNBB (22-04-199). 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documento 62).

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Verbum Domini** - Sobre a Palavra de Deus na Vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010

_____. **Catequese de sobre São Francisco de Sales**. Disponível em: <uneserinterativa.blogspot.com>. 3 mar. 2011 - Catequese de Bento XVI. Acesso em: 20 abr. 2011.

PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Christifideles Laici**. Petrópolis: Vozes, 1990.

2. LIVROS E ARTIGOS

AGLI, Nello Dell'. **Lectio Divina e Lectio Humana**: un nuovo modello di accompagnamento spirituale. Bologna: Graficiche Dehoniane, 2004.

ALMEIDA, Antônio José. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BALDUCCI, Ernesto. **Il Vangelo di S. Giovanni**: meditazioni. Firenze: Tipografia F.lli Linari, 1966.

BARRY, A. William; WILLIAN, J. Connolly. **A prática da direção espiritual**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

BERNARDINO, Angelo di (Org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução de Gilberto da Silva Gorgulhos (Coord.). 7. imp. São Paulo: Paulus, 1995.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOLDINI, Bernado. **Lo Spirito Santo serve ancora?** Borgosatollo: FDA Eurostampa, 1994.

BRIGHENTI, Agenor. **A missão evangelizadora no contexto atual**. São Paulo: Paulinas, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero; GAETA, Saverio. **O sopro do Espírito**. São Paulo: Paulus / Ave Maria, 1998.

CANTONI, Oscar (Org.). **Direzione spirituale maturità umana e vocazione**. Milano: Ancora, 1997.

CASTELMI, Tonino; LASELVA, Pasquale. **La vita consacrata come risposta ai problemi del nostro tempo**. Roma: Edizioni Art, 2010.

COMBLIN, José. **Pastoral urbana**: o dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORTI, Renato. **Que devo fazer, Senhor?** Iniciação à direção espiritual para os jovens e seus educadores. Aparecida do Norte: Santuário, 1997.

CORTI, Renato. **A direção espiritual hoje**: discernimento cristão e comunicação interpessoal. São Paulo: Paulus, 2002.

CREA, Giuseppe. Autorità e dinamiche interpersonali. Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**, nº 10/2003, pp. 24 - 35.

ELIZONDO, Feliza. Por uma ascética secular. Petrópolis: **Grande Sinal**, Instituto Teológico Franciscano, julho – agosto, 1997.

SAINT EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 29. ed. São Paulo: Livraria Agir, 1986.

FAGIOLO, S. Vincenzo. **I mezzidi santificazione**: confessione e direzione spirituale. Roma: Edizioni Giovinezza, 1995.

GIORDAN, Giuseppe. Tra religione e spiritualità: verso un nuovo modo de credere? Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**. nº 5/2005, pp.27- 41.

GOFFI, Tullo. **Problemas e perspectivas de espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

GOYA, Benedito. **Psicologia e vita spiritual, sinfonia a due mani**. Bologna: EDB, 2001.

GOLLARTE, Frei Paulo. **Perfil do diretor espiritual**. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, setembro – outubro, 1992.

GOMES, Paulo Roberto. **Espiritualidade libertadora**. Petrópolis: Grande Sinal, Instituto Teológico Franciscano, maio – junho, 1997.

GUTIÉRRES, Gustavo. **Beber no próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984.

GUZZI, Marco. Insostenibilità e ricominciamento nell'anima e nel mondo. Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**, nº3/2005, pp. 75 - 80.

KONINGS, Johan. **Jesus encontro com o IV Evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Evangelho segundo João**: Amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

LARRAÑAGA, Inácio. **Suba comigo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

LOPEZ, Salvador. **Psicologia e vida consagrada**: maturidade, sexo e eu. Cristo não têm êxito em uma psique destruída. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

LUIZ, Eliano. **Entrevista**. Disponível em: <www.cançaoнова.com/portal/canais/entrevista.18/04/2011>. Acesso em: 20 abr. 2011.

MARIN, A. Royo, **Teologia de la perfección**. Madri: Cristiana, 1955.

MARTINI, Carlo Maria. **L'accompagnamento spirituale**. Milano: Ancora, 2007.

MATEUS, Juan, SJ. **O evangelho de João: análise linguística e comentário exegetico**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **O evangelho de João - grande comentário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1999.

MELLO, Anthony de. **Despertando para o eu**. São Paulo: Siciliano, 1991.

MELHADO, Nicole. **Fiéis devem ser acompanhados por um diretor espiritual**. Disponível em: www://noticias.cançãonova.com. 20 mai.2011. Acesso em: 21 mai. 2011.

MERTENDAL, Hipólito. **O sofrimento na relação de ajuda**. Petrópolis: Grande Sinal, Instituto Teológico Franciscano, julho – agosto, 1992.

MIRANDA, Tomás Rodrigues. **A direção espiritual: pastoral do acompanhamento espiritual**. São Paulo: Paulus, 2009.

MORO, Fr. Sérgio dal. **Com coração e inteligência**. Petrópolis: FFB, 2006.

NAPOLITANO, Rosetta. **L'accompagnamento spirituale**. Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**, nº 6/2005, pp.37- 47.

NEGRI, D. José. **Direção espiritual e colóquios de crescimento vocacional**. Bahia: São Bento, 2007.

NOUWEN, Henri J.M. **Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O perfil do líder cristão no século XXI**: Worship. Americana, 1993.

PAGOLA, Jose Antônio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARIS, Grazia. **Nel silenzio dell'ascolto, l'obbedienza**. Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**, nº 12/2007, pp 55 - 61.

PEREIRA, Simone. **Descobrimo o caminho da espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1999.

QUAGLINI, M. Annes. **Comunicazione e spiritualità**. Roma: Centro Stampa, **Consacrazione e Servizio**, nº 10/2001, pp.28 - 46.

QUERÉ,
RICCI, Madre Clara. **Carta Testamento**. Cascavel, 2007.

RODRIGUES, Angel Aparício (Dir.). **Dicionário de teologia da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 1994.

ROLLO, May. **A arte do aconselhamento psicológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

RUPNIK, Marko Ivan. **Il discernimento**, I Verso il gusto di Dio, Il Come rimanere con Cristo. Roma: Lipa, 2004.

SALES, S. Francisco. **Filotéia ou introdução à vida devota**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOLIMEO, Plinio Maria. Revista Catolicismo. **Baluartes da Contra-Reforma e Doutor da Igreja**. 9 de maio 2011. Disponível em: <www.lepanto.com.br/HagFrancSal.html>. Acesso em: 20 abr. 2011.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. São Paulo: Loyola, 1971.

SANTA CLARA DE ASSIS. **Carta a Inês de Praga**. Petrópolis: Vozes e CEFEPAL, 1993.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **Escritos**. Petrópolis, RJ: Vozes 1981.

VOILLAUME, René. **Relações interpessoais com Deus**. São Paulo: Paulinas, 1973.

WOLF, Notker; ROSSANA, Enrica. **L'arte di dirigere le persone**. Bologna: EDB, 2010.

ZEVINI, Giorgio. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987.